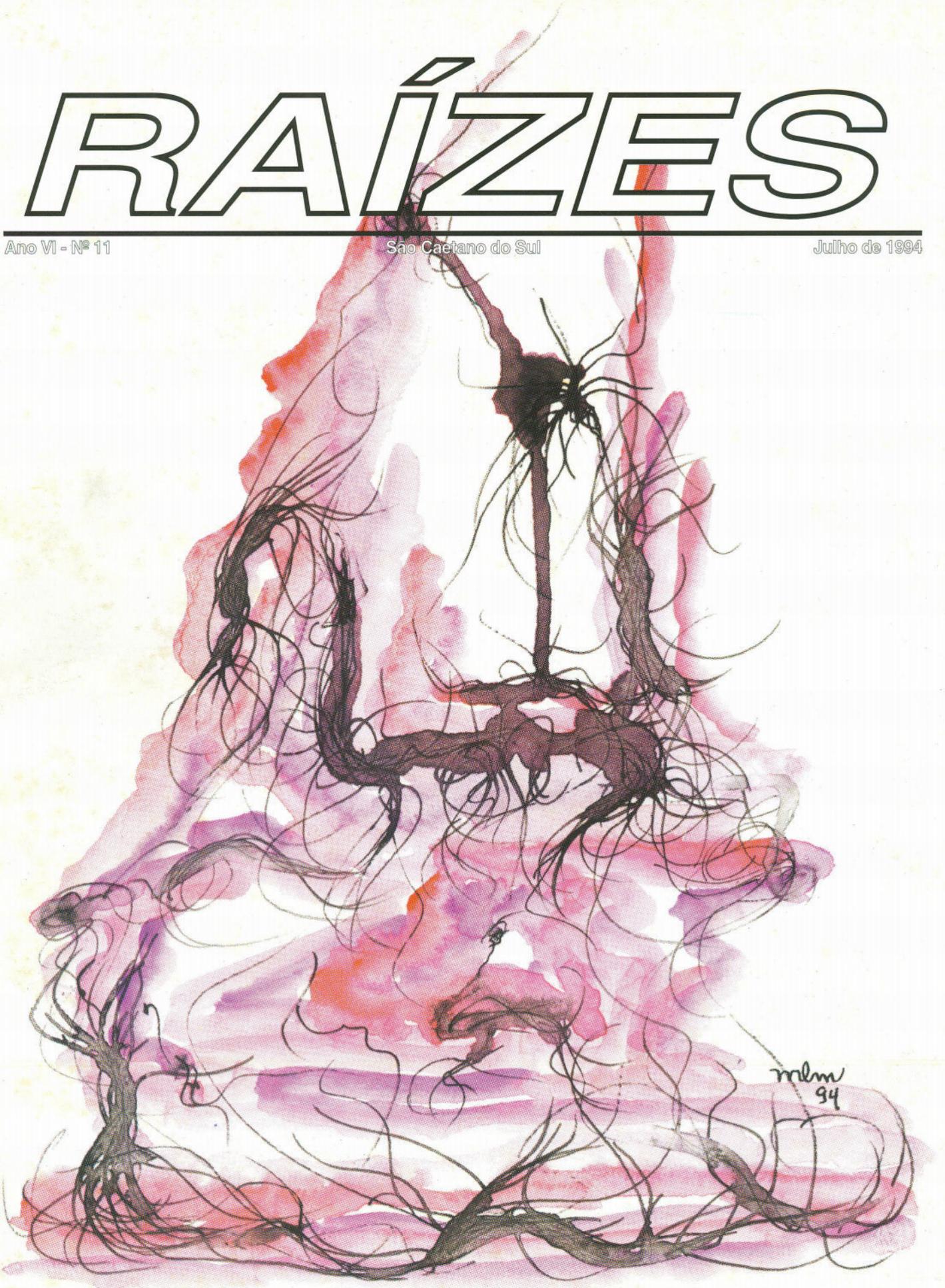


# RAÍZES

Ano VI - Nº 11

São Caetano do Sul

Julho de 1994



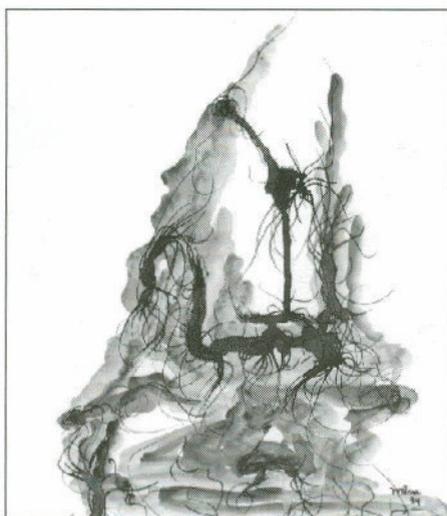
mlm  
94

# O antigo e o novo, que se complementam e reinterpretam, sempre

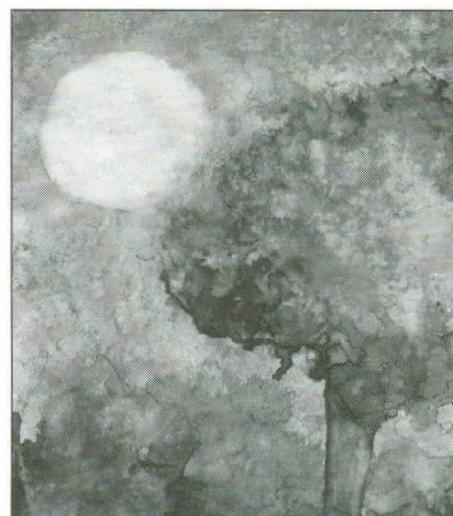
**T**alvez seja lugar-comum dizer que a História, enquanto disciplina das Ciências Humanas, tenha o poder de tornar presente o passado longínquo, mas, ao mesmo tempo, seja uma leitura à luz do tempo em que tais fatos acabam sendo interpretados. A despeito disso, esta asserção projeta um aspecto importante ( e que já foge do repertório dos lugares-comuns) da questão: fica evidente o fato de que estamos, enquanto seres sociais, relendo, o tempo todo, o universo - real ou imaginário - que nos cerca. A visão de mundo de que cada indivíduo é portador resulta não somente da comunidade sócio-lingüístico-cultural em que ele está inserido, mas também das sucessivas e intermináveis leituras que o próprio indivíduo faz do universo que o cerca ou do contexto em que ele está inserido. Assim, a História acaba sendo produto em permanente estado de produção, e os indivíduos, dinamicamente, resultado desse produto e atores privilegiados do próprio processo. Captar a intersecção destes dois eixos em que História e indivíduo se cruzam, de forma constante, é um dos desafios mais fecundos, na exata medida em que permite aos indivíduos e ao próprio grupo a que ele pertence reinterpretar o fazer histórico do grupo social e reinterpretar a própria leitura das relações entre passado/presente/futuro. Aliás, é conveniente lembrar que passado e futuro têm um ponto em comum: ambos são projeções. A diferença fundamental entre ambos, contudo, está encerrada no fato de que, ao contrário do futuro, o passado possui registro de todas as espécies, inclusive na memória dos indivíduos.

Sob uma perspectiva mais ampla, memória é a matéria-prima com que lida a História. E memória é a matéria-prima da proposta desta revista, que se tem empenhado, desde a primeira edição, em moldar, gravar e legar para tempos futuros o passado de uma comunidade. Portanto, RAÍZES está na encruzilhada exata em que o antigo e o novo se reinterpretam, de forma constante e a revista, através de seu Conselho Editorial, espera contribuir, ainda que de forma modesta, para que a memória de São Caetano (ou do Grande ABC, em que a cidade está inserida) não se perca e seja preservada e recuperada, mais e mais.

O Editor



Capa: Ilustração de Marisa Serrano de Almeida, aluna da Fundação das Artes de São Caetano do Sul



Contracapa: Ilustração de Janete Garcia Batista, aluna da Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Errata: Por falha técnica, na edição anterior a gravura da capa de RAÍZES 10, intitulada Modernismo foi atribuída a Alessandro de O. Santos, autor da gravura, sem título, da contracapa. Em verdade, a autora é Eunice F. Velozo.

## RAÍZES

Ano VI - Número II - JULHO DE 1994

Publicação semestral - Distribuição Gratuita  
Publicação da Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de São Caetano do Sul  
Rua Eduardo Prado, 201 - CEP 09581-200 - São Caetano do Sul (SP) - Telefones- (011)-441-1000, ramais 235,248 e 249; (011) 743-4618 (fax);  
telex - 114-4938

Editor/jornalista responsável  
ALEKSANDAR JOVANOVIĆ  
(MTb 13.165 - Sjpesp 7.290)

Secretário de Redação  
PAULO HERAS  
(MTb 15.191)

Conselho Editorial  
Ademir Médici, Antonio de Andrade, Aleksandar Jovanovic, Claudinei Rufini, Henry Veronesi, Oscar Garbelotto, Silvio José Buso, Sônia Maria Franco Xavier, Valdenízio Petrolli

Publicação editada com apoio da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Fotos  
Reproduções de Yoji Agata, José Honório de Castro, Gilson Cirino dos Santos e Antonio Reginaldo Canhoni

A revista RAÍZES está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não são devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Computação Gráfica  
Plano Piloto (716-0833)

Impressão  
Grande ABC Artes Gráficas S/A (712-5155)

# ÍNDICE

## 4 História Política

*Quarenta anos de política, na análise de Walter Braido*

Aleksandar JOVANOVIC

**11** *Olga Montanari: exemplo da atuação da mulher na vida pública de São Caetano*

Paulo HERAS

## 16 Artigos

*São Caetano Esporte Clube, 80 anos*

*(alguns fatos que marcaram sua história)*

Oscar GARBELOTTO

**22** *Biblioteca Paul Harris, 40 anos (1954-1994)*

Sônia Regina BERTOCHI

**27** *Imagens dos Rodrigues Vieira*

Ademir MÉDICI

**30** *Televisão e cotidiano em transformação*

Antonio de ANDRADE

**34** *O leonismo em São Caetano do Sul*

Henry VERONESI

**39** *A Taberna do Theresina*

Jayme da Costa PATRÃO

**40** *As porteiras da estrada de ferro e os 40 anos do viaduto*

Giordano P.S. VINCENZI

**42** *A velha estação na vida de um ferroviário*

Sílvio José BUSO

**44** *Motociclismo: as provas de São Caetano*

Márcia GALLO

## 46 Registro

*Fundação Pró-Memória abre acervo para pesquisadores*

## 46 Memória

*O eixo em São Caetano*

Arnaldo TREBILCOCK

**48** *O Bloco dos Treze*

João GARBELOTTO

**48** *Salvo-conduto para pagar promessa*

Gisberto GRIGOLETTO

**49** *Biaggio Cersosimo*

**50** *Alegres lembranças*

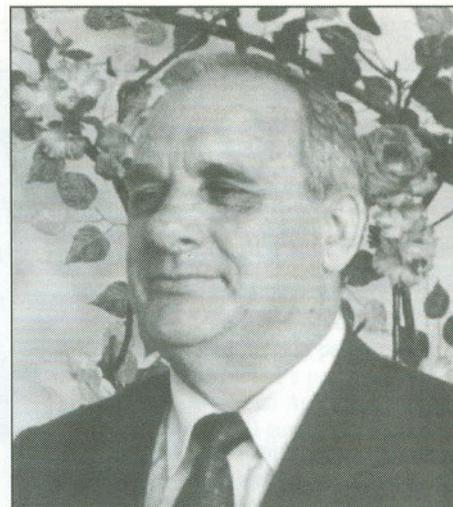
Armando LOPES

**51** *Na foto de 1961, recordações*

Jerônimo DELLA COLETA

**52** *Francisco Garcia, o Paco*

**53** *Memória Fotográfica*



## Seis anos de revista. E 117 anos de fundação

**A** revista RAÍZES ingressa no sexto ano consecutivo de publicação exatamente na data em que se comemoram os 117 anos de fundação de São Caetano. A relação entre esses números pode ser lida de maneira bastante positiva, na medida em que o Município conseguiu firmar uma política bastante clara em relação ao resgate da memória histórica, em todos os aspectos. É importante salientar o fato de que as páginas de RAÍZES começam a somar volumoso número de depoimentos - escritos e orais - de antigos moradores, de antigos personagens da vida cotidiana da cidade, de personagens da vida política, ao mesmo tempo em que São Caetano avança pelo segundo século de sua História mais recente como cidade industrializada e urbanizada. Prova evidente de que os dois aspectos não são contraditórios; pelo contrário, complementam-se. De um lado, o trabalho de resgate da memória; de outro, o desenvolvimento contínuo da comunidade, sob todos os pontos de vista.

A amplitude, profundidade e diversidade de temas em que o percurso histórico do Município é rico autorizam a possibilidade de viajar, através da memória - individual, coletiva, escrita ou não - nas mais diversas direções. O presente paga o seu tributo ao passado - recente ou distante - sob a forma de recuperação dos eventos e dos próprios registros fotográficos que possam testemunhar fases anteriores de evolução de nossa comunidade. Um bom motivo a mais para comemorar os 117 anos de fundação do núcleo colonial povoado por imigrantes europeus e que, anos mais tarde, acabou acolhendo cidadãos do mundo inteiro e de todas as partes do Brasil, num movimento ecumênico de integração.

ANTONIO DALL'ANESE

Prefeito

São Caetano do Sul, julho de 1994

# Quarenta anos de política, na análise de Walter Braido

Aleksandar JOVANOVIC (\*)

**D**escendente de imigrantes italianos que chegaram a São Caetano em 1877 para o núcleo colonial instalado no atual Bairro Fundação (a família paterna é originária de Vittorio Veneto, norte da Itália, e a família materna, de Castellabate di San Marco, próximo a Nápoles), empresário, ex-vereador, ex-deputado estadual e prefeito de São Caetano três vezes, Walter Braido afirma que, para ele, a política foi quase um acidente, porque os familiares, exceção feita ao pai, não se entusiasmassem com a idéia de que participasse da vida político-partidária. Para Braido, a essência da crise brasileira é moral; o restante, é decorrência. O ex-prefeito, ao rememorar quatro décadas de atividade política, lembra alguns encontros com presidentes da República, ex-presidentes, governadores de Estado e outros nomes de destaque no cenário político, além de fatos pitorescos. Observa, por exemplo, que, em 1972, na Escola Superior de Guerra, havia sugerido ao então presidente Garrastazu Médici que fossem realizadas eleições sem partidos políticos para que, no momento imediatamente posterior ao pleito, as agremiações pudessem ser fundadas pelos eleitos. Em 1975, a Espanha realizou um experimento idêntico e que deu certo até hoje, com partidos políticos estáveis, monarquia constitucio-

nal e parlamentarismo. No final dos anos 60, manteve gestões junto ao governo federal no sentido de impedir que o Grande ABC fosse transformado em área de segurança nacional, fato que vinha, à época, sendo aconselhado por alguns assessores do então presidente Arthur da Costa e Silva.

Entre um cigarro e outro, vários cafezinhos, citações irônicas e críti-



A recepção política ao governador Adhemar de Barros, em 1965, marcaria o início de uma grande amizade entre Adhemar e Braido. Na foto, da esquerda para a direita: a sra. Maria Braido, o governador Adhemar de Barros, a sra. Leonor Mendes de Barros e o prefeito Walter Braido, no jantar oferecido nas dependências do ADC General Motors



Em 1967, o prefeito Walter Braido, acompanhado de Francisco Locoselli (à direita na foto), presidente do Hospital São-Caetano, examina o anteprojeto do prédio que abrigaria a Escola Vocacional, ao lado do Teatro Paulo Machado de Carvalho. Em primeiro plano, à esquerda, Cristóvo Miguel Sanchez, presidente do Ciesp, e Altamiro Dias da Motta, diretor de Administração da Prefeitura, à época

cas muitas vezes ácidas à situação brasileira, o ex-prefeito recorda o fato de ter nascido na política através do extinto PDC (Partido Democrata Cristão), mas estar ligado ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) desde o primeiro mandato de prefeito. Homem que fala muito à vontade a respeito de temas da vida política nacional e dados e fatos da vida econômica, Walter Braido sublinha o

fato de que, há uma década, durante o terceiro mandato à frente da Prefeitura de São Caetano, procurou sensibilizar o governo federal no sentido de equacionar o grave problema da dívida interna. Na época, a dívida interna do País girava em torno de quatro ou cinco bilhões de dólares e poderia ser sanada sem grandes traumas. Hoje, dez anos depois, ultrapassa a cifra dos 140 bilhões de dólares e torna-se o principal obstáculo para que o Brasil saia da ciranda de crises econômicas e da crise sócio-política, conforme garante Braido.

Imagem típica do *self-made man*, que venceu com obstinação e persistência, o ex-prefeito é um corintiano convicto (ao contrário de muitos outros oriundi), cuja leitura obrigatória, todos os dias, são as seções de Política, Economia e Esportes de vários jornais diários. Personagem polêmico da História política da cidade e do Grande ABC, sobretudo em função de colocações contundentes a respeito de determinados temas, Walter Braido divide o seu dia entre as atividades empresariais, conversas com amigos e uma participação ainda bastante ativa na vida político-partidária. Reconhecidamente bem informado sobre temas políticos e econômicos, continua sendo interlocutor privilegiado de alguns dos mais expressivos nomes da vida brasileira nesses dois setores, em que pese o fato de assegurar que não pretende mais disputar cargos eletivos.

O ex-prefeito critica o fato de que o Grande ABC inexistia para a União, a não ser no momento em que arrecada impostos - e em grande volume. Lembra, também, que a região jamais foi bem representada em nível de governo estadual porque sempre houve falta de união política entre os Municípios e suas lideranças. Braido entende, por exemplo, que o governo de Jânio Quadros, na presidência da República, em 1961, terminou em renúncia precipitada, porque o ex-presidente teve pressa em realizar uma tarefa que precisa ser feita agora também: a moralização do Congresso Nacional. A respeito dos sucessivos mandatos à frente da chefia do Executivo, em São Caetano, afirma que a única obra que sempre incomodou - porque não podia ser realizada com recursos da Prefeitura - era a solução das enchentes. Abaixo, os principais trechos da longa entrevista sobre as quatro décadas de atuação de Walter Braido na vida política do Município.



Nos anos 50, o vereador Walter Braido exercia a função de presidente da Comissão Municipal de Esportes e prestigiava todos os eventos esportivos. Aqui, em foto no Recreio Momi (famoso ponto de encontro da época), no Bairro Fundação, Braido faz a entrega de troféus aos vencedores de um campeonato de bochas. Antigos moradores do bairro estão no registro fotográfico: Oswaldo Mostaço, Amadeu Bortoletto, João N. Braido, Luiz Martorelli, Avelino Fiorotti, Ettore Manille e Humberto Rosali-

**RAÍZES-** Quais foram os grandes problemas políticos municipais que marcaram a época em que o sr. foi vereador?

**Braido-** "O prefeito era Oswaldo Samuel Massei, eu era líder do governo na Câmara, pelo PDC (Partido Democrata Cristão) e tínhamos maioria na Câmara. No sexto ou sétimo mês de mandato do prefeito, perdemos a maioria. Isso foi em 1957. Então, o prefeito entendeu que eu estava falhando na Câmara e tentou substituir-me.

Acervo: Fundação Pró-Memória



Dentre os vários empreendimentos realizados no campo esportivo, Braido construiu estádios distritais e, dentre esses, o Carlos Joel Nelly (Vila Marlene). Na foto, sem data, ao centro, Walter Braido ao lado do homenageado, observados por Gabriel Zambrana (vereador), Oswaldo Martins Salgado (vereador), Erasmo de Freitas Nucci, professor de São Paulo, Odilon de Souza Mello (vice-prefeito), Luiz Martorelli e Oswaldo Samuel Massei (ex-prefeito)

Em minha defesa, disse a ele que era melhor substituir o prefeito. Fiquei na liderança até o final do governo..."

**RAÍZES-** Durante o seu primeiro mandato de prefeito, o que caracterizava a vida política da cidade?

**Braido -** "Havia duas facções na cidade e a política era quase violenta por causa dos grupos que se formavam, um contra e outro, a favor. Um grupo era formado pelo ex-prefeito Oswaldo Massei e por mim; o outro, pelo ex-prefeito Anacleto Campanella e outros. O governo começou com dificuldades: minoria na Câmara. A cidade tinha inúmeros problemas: faltava água, porque a rede física era insuficiente; havia apenas uma caixa d'água para cinco milhões de litros, no Bairro Oswaldo Cruz. A cidade não tinha mais do que 10% de rede de esgoto. Faltavam vagas nas escolas de 1º e 2º Graus. Mas faltavam de verdade. E São Caetano tinha apenas quatro escolas de educação pré-escolar. A situação toda decorria do fato de que a emancipação do Município havia sido recente. Não tínhamos, tampouco, áreas de lazer. Havia apenas três postos de puericultura, um pronto-socorro sem condições de atuação e faltavam hospitais na cidade. Atacamos, de início, o saneamento e, em 20 meses, colocamos a cidade com 100% de rede de água e esgo-

5

Acervo: Fundação Pró-Memória



Quando assumiu a Prefeitura de São Caetano, em 1965, Walter Braido era adversário político do governador Adhemar de Barros. Mais importante para a cidade, contudo, era a aproximação com o governo do Estado por causa de obras necessárias para a população. Braido tomou a iniciativa e conseguiu que o governador, no primeiro semestre do governo municipal, visitasse São Caetano, oportunidade em que receberia, também, os prefeitos de Santo André (Fioravante Zampol) e São Bernardo (Higino Baptista de Lima). Sentadas, na foto, as senhoras Leonor Mendes de Barros, Maria Braido e Mafalda Lorenzini; o vice-governador Hilário Torloni. Em pé, da esquerda para a direita: Altamiro Dias da Motta, diretor de Administração; Oscar Garbelotto, chefe de gabinete; Nelson Braido, Cláudio Musumeci, diretor da Fazenda e um assessor militar do governador

# Por que o Brasil afundou?

**1** Governar uma nação implica ter competência para enfrentar o jogo de interesses contrários que se desenvolve no interior da sociedade. Implica saber ir ao encontro dos interesses das massas da população. Implica ter visão suficientemente aguda para projetar, planejar e administrar os recursos que estão à mão e, ao mesmo tempo, impedir que surpresas colham a sociedade, penalizando-a em consequência da imprevisibilidade dos governantes. Muito papel, muita tinta e muito tempo foram já gastos na discussão do mencionado tema. Entretanto, parece evidente, e até mesmo inquestionável, que nas sociedades modernas governar - antes de tudo e antes de mais nada - é sinônimo de cautela e ousadia. Cautela com o emprego do dinheiro público. Ousadia no tocante a uma ação que não tema contrariar o interesse de poucos para o benefício de muitos ou de todos. Governar é sinônimo, também, de bom senso e responsabilidade diante da sociedade e forte identificação com os anseios da comunidade. Não identificação estrábica com parcelas, com segmentos, com grupos ou grupelhos; mas com o conjunto das forças sociais. Com isto, pode existir democracia. Democracia-representativa, em que o povo tenha os governantes que deseja e precisa ter, e o governo tenha no povo o seu fim último, já que fiel servidor e representante dele. Democracia em que a sociedade, consensualmente, consiga deter as rédeas que orientam as ações dos governantes, numa espécie de freio de mão que garante à Nação uma rota apenas pelos caminhos que as forças sociais desejarem. Sob tais condições, forja-se uma identidade de objetivos entre sociedade e governo, e, acima de tudo, consegue-se impedir o divórcio muitas vezes freqüente - entre aquilo de que a comunidade necessita e as ações de seus governantes.

2. O Brasil vem atravessando uma fase singular de distanciamento entre governo e sociedade. E o aprofundamento deste fosso em níveis intoleráveis e de desdobramentos imprevisíveis. De um lado, os credores estrangeiros batem-nos à porta, acenando com uma dívida externa de US\$ 100 bilhões, cujo resgate nem as futuras gerações de brasileiros poderão realizar, mas por cujo peso estas gerações acabarão sendo vergadas, se medidas não forem tomadas de pronto. Hoje, cada brasileiro deve a partir do momento em que nasce, al-

guns milhares de dólares. Cujo volume cresce a cada dia, com a espiral da desvalorização cambial.

De outro lado, batem-nos à porta os usuários, que se vêm beneficiando com a dívida interna, monstro gerado pelo governo, e que já chega à casa dos 30 trilhões de cruzeiros. Volume irredimível e que, em breve espaço de tempo, deve inverter a ordem natural das coisas: para beneficiar a uns poucos, muitos ou quase todos deverão pagar com altos sacrifícios.

No rol das obras concebidas sob o ímpeto e o manto dos sonhos megalomânicos, divorciados da realidade do homem brasileiro e, sobretudo divorciados das necessidades da ampla maioria de 120 milhões de habitantes deste País, podem ser lembrados: a Transamazônica; a Transpantaneira; a Perimetral Norte; o projeto Carajás; a Aventura Nuclear, com Angra I, II e III; Itaipu; a Ferrovia do Aço.

Agora, nos últimos meses, vêm à tona escândalos nunca dantes sequer pressupostos por qualquer imaginação, por mais fértil que fosse. Explodem os escândalos financeiros, beneficiamentos ilícitos, negociatas, e outros quejandos, em casos como os da Delfim x BNH, Coroa-Brastel, Assis Paim, o episódio das polonetas. Isto para falar daqueles escândalos que ganharam maior notoriedade, pois que se torna difícil saber, de fato, o que mais há por debaixo dos tapetes...

3. Se as afirmações anteriores são verdadeiras no tocante ao plano amplo da Nação, em nível estadual também se acumulam as obras supérfluas, desnecessárias ou inacabadas, ou aquelas que poderiam, ou deveriam, ser precedidas de outras tantas prioridades muito mais urgentes.

O Grande ABC - regiões que ganhou notoriedade no País, e fora dele, sobretudo devido ao ilusório período de acumulação financeira, nos anos do milagre econômico - não escapou às mazelas. Hoje, os sete Municípios que o integram (Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, e Rio Grande da Serra) têm dívidas superiores aos orçamentos previstos para o corrente exercício. Têm parcela expressiva da população morando em condições sub-humanas e enfrentando o fantasma do desemprego, da fome, do futuro sem perspectivas e sem

esperanças.

E o Grande ABC também pode arrolar um sem-fim de obras supérfluas, inconclusas ou megalomânicas, ou de medidas no mínimo indefensáveis, quando apreciado o conjunto dos interesses da comunidade. Santo André tem, para onerar sua população, e o Hospital Regional das Clínicas. Ambos nada têm de regionais e tudo têm de mostrengos. São Bernardo do Campo tem o episódio relacionado com o famigerado Parque dos Pássaros e uma dívida externa de nada menos de US\$ 50 milhões, a pesar-lhes sobre a administração, como verdadeira espada de Dâmocles. Mauá tem dívida externa e dificuldades herdadas. Diadema tem uma população que reside em condições sub-humanas e poucos recursos para solucionar a questão. E assim a situação se estende à região toda tida falsamente como rica, próspera e sem problemas. São Caetano do Sul, por seu turno, para não ficar alheia a uma estranha solidariedade e uma perversa consangüinidade: tem como legado um Terminal Rodoviário, que custou ao erário, e ao povo da cidade a bagatela de uma dívida externa de US\$ 20 milhões. Isto é, 122 dólares e 69 centavos para cada um dos 163 mil habitantes, ao câmbio atual, mas que vem regado a uma desvalorização que beira os 300% ao ano. E cuja conclusão exigiria mais alguns bilhões de cruzeiros em investimentos.

4. Como não é difícil de concluir, para governar é preciso ter sensibilidade, diante das reivindicações e necessidades da sociedade; é preciso ter capacidade; é preciso ter firmes compromissos com o interesse popular. A falta de qualquer um destes elementos básicos pode tornar-se fatal.

A quem, ingenuamente, indagar por que o barco de 8,5 milhões de quilômetros quadrados, denominado Brasil, está adernando, em meio à tempestade que se avizinha, as respostas então neste roteiro. O Brasil está afundando pela falta de sensibilidade dos governantes, pela falta de competência e pela falta de compromissos até com os interesses mínimos da população. O resto é conversa. E quando pagaremos isto tudo? Provavelmente, nunca!"

(Documento apresentado por Walter Braidó, na qualidade de prefeito de São Caetano, ao Congresso Estadual de Municípios, realizado no Guarujá, em 1983)

to. O antagonismo político continuou até o final do governo. Mas resolvemos o problema da pré-escola: construímos 25 prédios e outros 18 prédios para escolas de 1º e 2º Grau, que foram doados ao governo estadual. Pavimentamos dois terços das ruas da cidade. Criamos a Merenda Escolar. Criamos a Fundação das Artes, o Instituto Municipal de Ensino Superior, a escola técnica Jorge Street (que, depois, anos mais tarde, foi transferida ao governo estadual), o CIM Prof. Alcina Dantas Feijão e a Fundação Anne Sullivan. Na Saúde, construímos o Hospital Infantil e conseguimos financiamento, junto à Caixa Econômica Federal, para a segunda etapa do Hospital São Caetano e auxiliamos a Beneficência Portuguesa a construir uma nova ala em seu hospital. Construímos a sede do Ministério do Trabalho no Município. A questão da saúde também passou a ser de primeira linha: completamos a rede com a construção de cinco postos de puericultura. Desapropriamos as áreas em que estão hoje situados todos os Centros Recreativos e iniciamos a construção dos Estádios Distritais e construímos o Teatro Paulo Machado de Carvalho”.

cargo durante 120 dias. O jogo era muito pesado para mim... Resolvi voltar para a minha empresa. Em 1970, concorri à Assembléia Legislativa, sem muita vontade, mas fui eleito com 50% dos votos válidos da cidade. Também não gostei muito da Assembléia, porque não faz a minha cabeça. A Assembléia Legislativa - aliás, creio que todas as Assembléias - são um retrato quase idêntico ao Congresso Nacional de hoje. Salvo as exceções, claro, porque existem parlamentares dignos, honestos e trabalhadores, assim como prefeitos e vereadores



O ano: 1956. O presidente da Comissão Municipal de Esportes, Walter Braido, observa a entrega (por um membro da Família Del Rey) de troféu ao andarilho Antonio Santarnecchi, direita, José Joaquim Fernandes, diretor de Atletismo e um dos pioneiros do atletismo na cidade

Acervo: Fundação Pró-Memória



Foto dos anos 50, em que aparecem, da esquerda para a direita: Jânio Quadros, Hamílcar Paranhos (São Bernardo), Altamiro Dias da Motta, Oswaldo Samuel Masei e Walter Braido (Original: Foto Guerrero)

**RAÍZES-** Como foi o período em que Arena e MDB, criados em 1965, polarizaram as atividades político-partidárias nacionais?

**Braido** -“O presidente Castello Branco acabou com o sistema pluripartidário quando eu estava no nono mês de meu primeiro mandato na Prefeitura. Criaram a Arena (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Adhemar de Barros era governador do Estado e levamos para a Arena. Vieram as eleições de 1966 e o ex-prefeito Oswaldo Masei foi para o MDB para disputar as eleições, como candidato a deputado estadual, com o também ex-prefeito Anacleto Campanella, candidato a deputado federal. Por um espaço de tempo, fiquei sozinho, fiquei órfão. Vieram as eleições de 1968 e Masei resolveu voltar para a Arena, para disputar a sucessão municipal. Teve o meu apoio, e foi eleito folgadoamente. Deixei o governo, fui convidado pelo então governador Abreu Sodré para presidir o Fumest (Fundo de Fomento às Estâncias do Estado). Consegui manter-me no

bairro. Abrimos a Nova Avenida Goiás. Demos continuidade ao trabalho iniciado em 1968, para complementar aquilo que São Caetano é hoje. Fizemos um governo tranquilo, porque tínhamos maioria na Câmara. Então, o MDB começou a ganhar força. Em 1974, elegeram para a Assembléia Legislativa até poste e, em 1976, perdemos as eleições municipais. Nosso candidato, Antonio Dall’Anese foi derrotado. E São

res também. Mas existem os malandros também... Tentei afastar-me da vida pública, mas não consegui. Fui pressionado e voltei à Prefeitura, em 1973, com 55 mil votos, ou seja, 83% dos votos válidos da cidade. São Caetano já possuía estrutura razoável: faltava apenas alguma complementação nas áreas de Educação e Saúde. Construímos algumas escolas de educação pré-escolar, o novo prédio do CIM Prof. Alcina Dantas Feijão, o prédio da APAE e iniciamos a construção dos centros recreativos, um em cada

Caetano experimentou e não gostou do MDB. Em 1982, quando já havia pluripartidarismo de novo no País, retornei ao meu PTB, que já tinha estado comigo, em coligação, no meu primeiro mandato. Em 1982, havia voto vinculado, e o PMDB era o favorito. Por incrível que possa parecer, mais uma vez tive de enfrentar eleições. Quase na certeza de que dificilmente venceria. Franco Montoro era o favorito para o governo do Estado e o PTB disputava eleições em apenas 100 Municípios com candidatos próprios a prefeito e tendo um candidato a governador da envergadura de Jânio Quadros. E fomos para a briga e ganhamos de novo... Novamente, tínhamos minoria na Câmara Municipal: do começo ao fim do governo. Não tínhamos poder político no Legislativo, mas tínhamos sempre, e sempre tivemos, o poder do povo que sempre ficou conosco. E fomos lá vencer mais seis anos de mandato, período difícil, com empréstimo externo de 20 milhões de dólares para esquentar a cabeça da gente, requisitos judiciais que não eram pagos há muitos anos e conseguimos vencer esse mandato também, liquidando os requisitos, iniciando os contatos

Acervo: Fundação Pró-Memória



Foto dos anos 70: o prefeito Walter Braido vistoria obras ao lado de Roberto Cerqueira César, secretário de Negócios Metropolitanos. Ao fundo, o engº Isaac Luiz Zveibil, diretor de Obras de São Caetano

para que o prazo de pagamento do empréstimo externo fosse estendido. Afora esses problemas, São Caetano já caminhava para o Primeiro Mundo. Criamos a lei de bolsas de estudos, sem similar em todo o território nacional, porque, além dos 25% do orçamento municipal que a Constituição manda aplicar em Educação, destinamos 6% para os bolsistas, concedendo bolsas sem política, sem padrinhos a quem solicitasse. Mais uma vez terminamos o mandato tendo ao nosso lado o povo de São Caetano. Houve uma revolução dentro de nosso partido para escolher o candidato a prefeito. Mais uma vez, as dificuldades foram vencidas e entregamos a Prefeitura fazendo o nosso sucessor. E a guerra sofrida por mim, com alguns de meus companheiros, veio demonstrar que a razão estava comigo, pois o nosso sucessor, Luiz Tortorello, foi uma alegre surpresa em seu primeiro mandato. Fez um governo que o povo aceitou e, ao final de seu mandato, recebi dele uma intimação para que eu voltasse à Prefeitura. Minha resposta foi a seguinte: Agora, chega! O prefeito contratou uma pesquisa de opinião pública que me colocava como virtual vencedor das eleições municipais, com folga, mesmo sabendo que, para mim, tinha chegado. Fui pressionado de novo. Desta vez, no entanto, não me rendi e fiquei de fora. Apresentei como candidato o atual prefeito, Antonio Dall'Anese. Houve outra tempestade, mas conseguimos, de novo, harmonizar o grupo e o sucessor foi eleito”.

**RAÍZES**- Depois de três mandatos como prefeito da cidade, o que sr. tem a dizer a respeito do relacionamento político do Grande ABC com as esferas estadual e federal?

**Braido** - “Para o governo federal, a região nunca existiu. A União toma conhecimento do Grande ABC para arrecadar impostos. E arrecada bastante. O governo estadual também nunca demonstrou facilidade para qualquer relacionamento, porque sempre os governadores entenderam que a região era rica e não precisava de nada. A região é rica, sim, mas é rica também em problemas, salvo as exceções, que é o caso de São Caetano, onde a dificuldade crucial eram as enchentes. Parece, agora, que o Estado sensibilizou-se e a questão está em fase de solução completa. Feito isto, São Caetano pode pedir permissão para passar para o Primeiro Mundo”.

**RAÍZES**- A que se pode atribuir o fato de que o Grande ABC, inobstante o seu peso econômico e o contingente populacional, jamais tenha sido guindado a postos-chave no governo do Estado?

**Braido** - “Primeiro, à falta de vontade política. Segundo: o Grande ABC,



*Audiência no Palácio dos Bandeirantes. Da esquerda para a direita: Walter Braido (prefeito de São Caetano), Gentil Monte, Cláudio Musumeci e Sebastio Lauriano dos Santos (vereadores), (?), Laudo Natel (governador)*

neste particular, nunca demonstrou uma união que deveria ter. E, por falta de união, sempre foi fácil de ser manejado. Tivemos um secretário de Estado, que, se me lembro bem, foi o saudoso ex-prefeito de Santo André, Fioravante Zampol durante o governo de Jânio Quadros...”

**RAÍZES**- Quais foram os grandes temas da vida política municipal que, no seu entender, provocaram as polêmicas mais contundentes e os problemas mais graves?

**Braido** - “Não houve muitos problemas graves. Houve luta autonomista em 1948, uma vez que já havíamos perdido um referendo anterior e, como as forças que se enfrentavam eram as mesmas de anos anteriores, a polêmica continuou: achavam que os

autonomistas perderiam de novo. Mas ganharam”.

**RAÍZES** - Qual foi, segundo a sua opinião, a maior liderança política de São Caetano nos anos que se seguiram imediatamente à emancipação político-administrativa e como se caracteriza a atuação desse(s) político(s)?

**Braido** - “Tivemos, durante o processo de emancipação político-administrativa, dois líderes políticos: um a favor, outro contra. Anacleto Campanella era a favor da emancipação; Oswaldo Massei, contra. E esse problema continuou até o dia em que eu apareci...”

**RAÍZES** - Como, onde e por que nasceu a candidatura de Walter Braido ao primeiro cargo eletivo, ou seja, o de vereador? Que tipo de forças políticas apoiaram e elegeram?

**Braido** - “Fui presidente do São Caetano Esporte Clube por duas vezes. Era o meu campo de atuação o setor esportivo. Fui escolhido presidente da Comissão Municipal de Esportes pelo então prefeito Anacleto Campanella, em seu primeiro mandato e, através dos esportistas, nasceu a minha candidatura a vereador. Em 1953, contudo, fui candidato a vereador e não consegui eleger-me. Confesso que para mim a política foi quase um acidente, porque todos os meus familiares eram contra o meu ingresso na vida pública. Na minha família, só tive um aliado nesse sentido: meu pai”.

**RAÍZES** - Como, onde e por que nasceu a primeira candidatura de Walter Braido à Prefeitura de São Caetano? Em que condições isso aconteceu? Existem passagens pitorescas? Quais?

**Braido** - “Em primeiro lugar, o prefeito Oswaldo Massei não conseguiu um candidato à sua sucessão dele, porque teria de enfrentar Anacleto Campanella, que já havia sido prefeito, e dos bons. A escolha acabou recaindo sobre mim. Disputei a eleição e dentro da regularidade que deveria acontecer, o Campanella venceu. Isto foi em 1961. Foi uma campanha até tranqüila, porque ele era o grande favorito. Em 1965, quando entramos na eleição para suceder ao prefeito Anacleto Campanella, eu era o franco favorito. Meus opositores, a todo instante, marcavam debates públicos e eu negava-me a participar. Tinha nada menos do que três adversários na mesma linha de atuação, juntos...”

**RAÍZES** - Fale de sua experiência na Assembléia Legislativa.



*Flagrante dos anos 70, no gabinete do prefeito de São Caetano. Ao centro, Walter Braido. Da esquerda para a direita, sentado, o segundo a aparecer é Ricardo Putz (prefeito de Diadema), ladeado pelo arquiteto Rodolfo Mansueto Dini. Ao fundo, Cláudio Musumeci. direita, Irinéia José Midoli (prefeita de Rio Grande da Serra), Antonio Pezzolo (prefeito de Santo André), Roberto Cerqueira César (secretário de Estado de Negócios Metropolitanos) e Geraldo Faria Rodrigues (prefeito de São Bernardo)*

**Braido** - "Fui eleito deputado e tornei-me vice-líder do governo. Não tenho sequer muitas lembranças do período, porque gostava muito pouco daquilo".

**RAÍZES** - Qual é a obra não realizada que o sr., enquanto prefeito do Município três vezes seguidas, gostaria de ter feito e não pôde? E por que, eventualmente, não foi possível realizá-la?

**Braido** - "Uma obra que sempre me incomodou, durante os três mandatos como prefeito, foram as enchentes, problema que jamais foi exclusivo do Município, pois faz parte de um complexo maior, na esfera do relacionamento Estado/Municípios. E mesmo que o assunto fosse solucionado no perímetro da cidade, as enchentes não teriam fim se não fossem realizadas obras nas cidades vizinhas. Afora essa obra, todas as demais foram realizadas sem muitos problemas, porque fazia parte de nosso plano de governo a priorização das obras. Iniciamos com o saneamento básico, depois, seguimos com a Educação e a Saúde e terminamos com a recreação, esportes e segurança. Trocamos, inclusive, de uma só vez a iluminação pública inteira da cidade para que ela fosse outro item auxiliar no projeto de segurança pública".

**RAÍZES** - Existe algum projeto, no terreno político-administrativo, que o sr. não tenha conseguido realizar?

**Braido** - "Não".

**RAÍZES** - Existe desgaste pessoal para quem exerce o mandato de prefeito de uma cidade? Em que nível? Fale a esse respeito.

**Braido** - "Quando a cidade é colocada em primeiro lugar, sim. Quando as obras são priorizadas, de acordo com a necessidade do Município, também. Quando não são atendidos interesses pessoais ou políticos, também".

**RAÍZES** - Quem foi o melhor político brasileiro? Por quê?

**Braido** - "Tivemos alguns. Falarei de meus contemporâneos. Tivemos Juscelino Kubitschek, com algumas imperfeições, sob o nosso ponto de vista; mas foi um dos bons políticos e presidentes que tivemos. Tivemos Jânio Quadros, que foi um excelente governador de Estado e teria sido um excelente presidente da República, se tivesse tido mais calma e não tivesse tido tanta pressa para fazer aquilo que será preciso fazer ainda no País: moralizar o Congresso Nacional. E tivemos - este, mais até por uma questão de afinidade - Adhemar de Barros que, com todos os defeitos que ainda hoje são invocados contra ele - foi um excelente, se não o melhor administrador que São Paulo já teve".



Anos 60, no gabinete do prefeito de São Paulo: à esquerda, o brigadeiro Faria Lima (prefeito paulistano), ladeado pelo prefeito de São Caetano, Walter Braido

**RAÍZES** - Quem foi o pior político brasileiro? Por quê?

**Braido** - "O pior? À primeira vista, pelos últimos acontecimentos, essa pecha deveria recair sobre Fernando Collor de Mello. Deveria, mas não concordamos, porque o figurino de governo que ele apresentou à Nação, de modernização do País, abertura da economia, deve ser vista do seguinte modo: ele foi cassado, mas a obra continua...É poderíamos falar, também, de José Sarney, o criador do Plano Cruzado, o governo de caçadores de boi no pasto e que hoje ainda afirma que o povo sente saudades dele. O povo, hein?"



Foto dos anos 60: Walter Braido ao lado do deputado Emílio Carlos

**RAÍZES** - A que o sr. atribui o fato de ter sido eleito três vezes seguidas prefeito de São Caetano?

**Braido** - "Já devo ter respondido que todo homem que se dispõe a ocupar um cargo público precisa ter vontade política, deve saber priorizar obras, colocar a cidade acima de seus interesses e dos interesses de terceiros e ter como objetivo único o interesse da população. Esse é o motivo pelo qual acabei arrumando alguns inimigos, mas ganhei o povo todo, sempre trabalhando sem promessas e sem mentiras, escolhendo para assessores não os amigos políticos, mas até mesmo adversários capazes. É o que falta hoje, creio eu, sem medo de errar, em muitos dos homens públicos".

**RAÍZES** - Qual foi a pior experiência vivida enquanto prefeito ou enquanto membro ativo da vida política da cidade ou da região?

**Braido** - "Houve apenas uma, quando assumi a Prefeitura pela primeira vez, e minha experiência administrativa era da área privada. Confesso que nos primeiros dias fiquei com receio de que não pudesse atender aos que me haviam eleito. Mas foi um susto passageiro. Implantei na Prefeitura um sistema de administração como aquele existente na iniciativa privada, o que foi a razão do sucesso que tive em todas as administrações".

**RAÍZES** - Walter Braido foi interlocutor privilegiado de nomes que marcaram época na vida política brasileira, antes e depois de 1964 - Adhemar de Barros, Jânio Quadros, Carlos Lacerda, Leonel Brizola. Relate um pouco dessa experiência e, se possível, casos pitorescos.

**Braido** - "Adhemar de Barros era candidato a governador, em 1962, diante de Jânio Quadros e José Bonifácio. Por questões estritamente políticas ( eu era ainda novo na vida pública), fiz a campanha contra ele. Num dos comícios de São Caetano, fui escalado para atacá-lo. Meu velho pai não gostou. E o Adhemar gostou menos ainda. Tanto é que dois anos depois, quando fui eleito prefeito pela primeira vez, solicitei uma audiência ao governador Adhemar de Barros. Ao chegar ao Palácio do Governo, fiz-lhe um pedido. Ele foi taxativo comigo: Prefeito, sabe onde mora o Jânio Quadros? Eu disse a ele que sabia. E ele respondeu: Então, vá a ele para resolver o seu problema. Senti que mesmo depois de dois anos, ele não havia esquecido a brincadeira do comício de São Caetano. A vontade que eu tinha, naquele momento, era de mandá-lo para o inferno. Mas ele era o governador e São Caetano precisava dele. Depois de ter me deixado numa situação insustentável, de reclamar muito de minha atitude anterior, o governador Adhemar de Barros resolveu atender-me. Era o primeiro item de meu plano de governo: resolver o problema do abasteci-

**RAÍZES** - A crise brasileira é moral, política, social ou econômica?

**Braido** - "É isso tudo, mas começa pela crise moral".

**RAÍZES** - O sr. teve contatos diretos também com presidentes da República, em diversas fases da vida política nacional. Relate essas experiências. Em que circunstâncias isso se deu e por quê?

**Braido** - "Em 1965, recebi a visita do presidente Castello Branco, que veio ao Grande ABC lançar a pedra fundamental de um conjunto habitacional em Rudge Ramos (São Bernardo), financiado pelos sindicatos norte-americanos. Tive dois encontros com o presidente Costa e Silva, quando ele tentava, através de levantamentos realizados por seus assessores, criar uma área de segurança na região e na Baixada Santista.

Aqui foi possível evitar, mas Santos, através de um decreto-lei, foi transformado em área de segurança nacional. O motivo disso tudo eram as eleições de 1968. O governo federal entendia que as oposições ganhariam no Grande ABC. Estava mal informado. O governo ganhou com a Arena na região, folgadoamente, com Oswaldo Massei, em São Caetano, Newton Brandão, em Santo André, e Aldino Pinotti, em São Bernardo. Em 1972, antes das eleições municipais, fomos recebidos pelo presidente Médici na Escola Superior de Guerra: apresentamos a ele um projeto no sentido de fazer eleições municipais sem partidos, em vez de fazê-las com os dois partidos existentes, Arena e MDB. Numa eleição sem partidos, à época, os eleitos, com sua filosofia política, fariam nascer os novos partidos. E tanto a tese estava certa que, em 1976, ao visitar a Espanha, pude presenciar que as eleições ali realizadas para a Assembléia Nacional Constituinte, depois de mais de 30 anos de ditadura, foi feita sem partidos políticos. Os eleitos foram empossados e criaram-se os partidos políticos espanhóis do período posterior à ditadura. E eles estão funcionando bem, porque os de direita, ficaram à direita; os políticos de centro, ficaram no centro, e os de esquerda, à esquerda. E os partidos criaram filosofia própria. Perdemos, em 1972, uma excelente oportunidade para fazer o que a Espanha faria quatro anos depois".

(\*) Aleksandar Jovanovic é jornalista, doutor em Linguística, professor da Universidade de São Paulo, membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e presidente da Sociedade Brasileira de Eslavística



Reunião no gabinete do prefeito de São Caetano, nos anos 70. Sentados, da esquerda para a direita: Roberto Grande, Walter Braido (ao centro), Antonio José Dall'Anese. Em pé, da esquerda para a direita: radialista Jurandir Martins, Cláudio Musumeci (diretor da Fazenda), Antonio (vereador)

mento de água em São Caetano. E ele está resolvido até hoje. Nas sete cidades do Grande ABC, é a única solução definitiva. E desde aquela data, Adhemar de Barros e eu havíamos nos tornado amigos, o que ele já era de meu pai. Certa vez, recebi a visita de Leonel Brizola. Ao chegar ao prédio em que resido, o transformador da rua estourou. Precisei, portanto, descer pelas escadas dez andares para recebê-lo na entrada do prédio. Ao cumprimentá-lo, disse-lhe: O incendiário chegou! E a reação de Brizola foi ótima: É isso aí, Braido! (...)

Com respeito a Carlos Lacerda, por exemplo, lembro-me de que ele estava enfrentando o governo do marechal Castello Branco. Criou a Frente Ampla. Lacerda, que era nosso amigo, veio a São Caetano para fazer um comício defronte à Prefeitura. Em meu gabinete, fiz com que apagassem as luzes do comício, o que impossibilitou a sua realização. Cheguei em casa, depois, e logo mais estava recebendo a visita de Lacerda que veio cobrar-me as razões pelas quais eu havia determinado o corte de energia elétrica no comício. E tomamos um uísque, enquanto eu não concordava com a atitude que ele queria tomar e ele não concordava com a atitude que eu havia tomado. E tudo terminou muito bem: continuamos amigos(...) Jânio Quadros era governador do Estado, Oswaldo Massei, prefeito de São Caetano, e eu, vereador. Jânio havia chamado Massei ao Palácio do Governo. Eu acompanhava o prefeito. Jânio disse: O nosso candidato a governador será Carvalho Pinto. Interrompi-o, perguntando: Por que não o Faria Lima? Ele simplesmente respondeu: Porque quem manda aqui sou eu! E como era ele quem mandava, concordei, embora não estivesse de acordo..."

**RAÍZES** - Por que o sr. sempre esteve vinculado ao Trabalho? Existe alguma razão específica ou foi decorrência de questões políticas municipais?

**Braido** - "Politicamente, nasci no PDC (Partido Democrata Cristão). Em 1965, ganhei a adesão do PTB para a minha campanha como candidato a prefeito. Era, no meu entender, um partido que iria fincar raízes de verdade no cenário político do Brasil. Teve um início brilhante, com Getúlio Vargas, Leonel Brizola e até mesmo com João Goulart. Mas, por razões típicas de nossa política, onde a ideologia partidária não vale nada, conseguiram desfigurar também o grande PTB, que passou a ser uma legenda de aluguel. Mas eu me prendi a ele. Fui para a Arena (Aliança Renovadora Nacional)

com a extinção do sistema pluripartidário. Voltei para o PTB quando o pluripartidarismo renasceu, porque não é do meu feitio mudar de legenda a cada quinze dias, por causa de interesses pessoais. Não quero mais voltar à vida pública. Mas, se um dia eu o fizer e existir o PTB, ele será o meu partido. E continuo no PTB; faço parte de seu diretório nacional."

**Raízes** - Qual é a razão, no seu entender, da constante crise político-econômico, e ultimamente, social, em que o Brasil vive mergulhado? O sr. tem alguma sugestão para que o País consiga sair da crise em que está sempre mergulhado?

**Braido** - "Venho acompanhando este problema há muito tempo e, há onze anos (em 1983), tive oportunidade de publicar vários documentos sobre a situação econômica, financeira e social do Brasil. Levantei, à época, o problema da dívida interna, que continua sendo a nossa desgraça enquanto tantos acham que o problema é a dívida externa... A dívida externa acabou sendo equacionada, sem traumas, ao passo que a dívida interna continua desorganizando a Nação, acabando com a sua força produtiva, achatando os salários, diminuindo o consumo e a produção, criando desemprego, fazendo com que, cada vez mais, o brasileiro passe fome e more debaixo de pontes. Quando levantamos o problema, em 1983, a dívida interna representava uns 3 ou 4 bilhões de dólares. Se o governo tivesse me ouvido na ocasião, teríamos acabado com a dívida interna. Não tivemos sorte com os nossos argumentos, e a dívida interna foi de uns 4 bilhões de dólares para mais de 140 bilhões de dólares. Já é hora de tomar juízo, porque temos no mundo muitos exemplos de como se destrói uma Nação onde o povo fica completamente descrente de seus dirigentes..."

# Olga Montanari: exemplo da atuação da mulher na vida pública de São Caetano

Paulo HERAS (\*)

Acervo: Família Mello



Olga Montanari discursa, em nome de todos os vereadores, no dia da posse na Câmara Municipal, em 1949

Menina, ainda, pés descalços, caminhava sobre os dutos aquecidos que conduziam o vapor de caldeiras para o funcionamento das máquinas, fazendo pequenos trabalhos na empresa. Filha de pais pobres e trabalhadores, que tiveram 10 filhos ao todo, cedo começou a trabalhar para ajudar no orçamento da família. Mas não lhe faltaram orientação e educação, só adquiridas dentro do convívio familiar. Foi assim também, assumindo responsabilidades cedo, que amadureceu precocemente e reforçou sua personalidade ativa e extrovertida, permitindo a busca de seus espaços como

mulher e cidadã, disposta sempre a também lutar em defesa do interesse coletivo. Nascida em São Paulo, no bairro da Lapa, em 1º de dezembro de 1920, Olga Montanari foi criada em Santo André. Filha de Adolfo Montanari e Dora Bruni Montanari. Logo cedo começou a trabalhar na empresa Conac (fabricante de condutores elétricos) que, em 1933, foi adquirida pela Pirelli, instalando-se em Capuava, Santo André. Trabalhou na mesma empresa até 1941. Graças a seu esforço, nessa época, já trabalhava no departamento pessoal da empresa e fazia o pagamento dos trabalhadores, através de envelopes. O reconhecimento pela sua perseverança e vontade de aprender partiu da própria empresa, quando um engenheiro financiou seus estudos na Escola Gardesani, onde aprendeu italiano, datilografia e taquigrafia. Até então, possuía apenas o curso primário.

Aos 20 anos de idade, Olga mudou-se para São

mulher e cidadã, disposta sempre a também lutar em defesa do interesse coletivo.

Nascida em São Paulo, no bairro da Lapa, em 1º de dezembro de 1920, Olga Montanari foi criada em Santo André. Filha de Adolfo Montanari e Dora Bruni Montanari. Logo cedo começou a trabalhar na empresa Conac (fabricante de condutores elétricos) que, em 1933, foi adquirida pela Pirelli, instalando-se em Capuava, Santo André. Trabalhou na mesma empresa até 1941. Graças a seu esforço, nessa época, já trabalhava no departamento pessoal da empresa e fazia o pagamento dos trabalhadores, através de envelopes. O reconhecimento pela sua perseverança e vontade de aprender partiu da própria empresa, quando um engenheiro financiou seus estudos na Escola Gardesani, onde aprendeu italiano, datilografia e taquigrafia. Até então, possuía apenas o curso primário.

Aos 20 anos de idade, Olga mudou-se para São

Acervo: Família Mello



Panfleto eleitoral da ex-vereadora em que se apresenta como candidata, em 1949

Caetano, depois de casar-se com Jayme Barbosa de Mello, em janeiro de 1941. Mora na cidade há 53 anos, aqui chegando quando São Caetano ainda era distrito de Santo André. É mãe de um filho, o advogado Ruy Barbosa de Mello, nascido em São Caetano, casado com Margarethe. O casal tem três filhas, Megli, Mirlaine e Mercia.

Acervo: Família Mello



Vereadores eleitos para a primeira legislatura, em novembro de 1949. Os vereadores mais o diretor da Câmara Municipal, Paulo de Oliveira Pimenta e o jornalista José Pereira Martins

Acervo: Família Mello



Grupo de alunos da Escola Paroquial, do 1º ano A, em 18 de setembro de 1951. Na época o padre Artur Di Virgili era o administrador e o profº Verino Segundo Ferrari, o diretor da Escola



Homenagem aos professores da região, oferecida pelo então prefeito de São Bernardo do Campo, Lauro Gomes, em sua chácara, no Dia do Professor de 1954. Da direita para a esquerda: vereador Jayme da Silva Reia, jornalista Jayme Barbosa de Mello, vereadora Olga, vereador Osvaldo Giampietro, vereador Angelo Cianfarani, o cantor e compositor Luiz Gonzaga (na sanfona), Odete Moraes, Olga Curvello e Mauro Curvello

O casamento e a maternidade não a confinaram no lar; ao contrário, representaram responsabilidades a mais que soube administrar e contribuíram para ampliar seus horizontes. Após o casamento, formou-se professora. A habilitação para lecionar, ela obteve entre os anos de 1943 e 1944. Conforme recorda, Adhemar de Barros era, na época, o interventor no Estado de São Paulo. "Ele baixou um decreto e abriu inscrições para um curso intensivo. Submeti-me aos exames de seleção e obtive o documento que me habilitava a lecionar".

A primeira escola em que a professora Olga Montanari Mello lecionou foi no Grupo Escolar Humberto de Campos, cujo prédio foi demolido há muito tempo. E assim iniciou promissora carreira no magistério, até se aposentar. "Posso dizer que lecionei em quase todas as escolas de São Caetano, muitas cujos prédios já não existem. E foi também graças aos meus alunos que me elegeram para o primeiro mandato de vereadora".

Mesmo eleita, Olga Montanari não deixou de lecionar, assim como continuou ajudando seu marido na Droga Norma, de propriedade do casal. Conforme relembra, era indispensável exercer essas ativi-



Comitê eleitoral da campanha de Anacleto Campanella, em 1952, na rua Conde Francisco Matarazzo, junto à antiga estação de trem



Cerimônia para assinatura do contrato de construção do Viaduto dos Autonomistas, em 1952

dades e ressalta: "Naquela época os vereadores não recebiam salários, apesar de trabalharem e muito pela comunidade".

O trabalho como dona de casa, mãe, e professora a colocou em contato direto com a difícil realidade do distrito de São Caetano, carente de série de serviços públicos, dentre outras dificuldades do dia-a-dia. O movimento pela emancipação de São Caetano, que ressurgiu no início de 1947, não poderia deixar de contar com a participação de Olga Montanari. Sua personalidade ativa a conduziu ao movimento. "Eu fazia visitas de casa em casa e explicava aos municípios o que era emancipação e porque São Caetano precisava ser autônomo. Eu já era conhecida como professora e essas visitas me tornaram mais popular, como resultado do trabalho necessário para o crescimento de São Caetano".

O movimento dos autonomistas foi vitorioso. O plebiscito realizado em 24 de outubro de 1948 confirmou a vontade da população: 8.463 pessoas votaram a favor da autonomia, enquanto apenas 1.029 votaram contra (1).

Como consequência natural, a maioria dos participantes do movimento emancipacionista foi candidata às 21 vagas de vereador para a primeira legislatura. Olga Montanari - e não poderia ser diferente - estava entre os postulantes à Câmara Municipal. Por questões de amizades

e relacionamentos políticos, menos por afinidade ideológica, a professora Olga candidatou-se pela UDN - União Democrática Nacional, partido a que esteve filiada até o seutercero e último mandato.

Em 1949, a campanha eleitoral de Olga Montanari fundamentou-se em princípios e necessidades da população, que sempre defendeu, e ressaltou sua condição de mulher. Panfleto eleitoral distribuído naquela ocasião, denominava-se Manifesto à Mulher e ao povo de São Caetano do Sul. O texto impresso era o seguinte: "Por força da lei assiste à mulher o direito do exercício do voto, podendo influir na escolha dos candidatos aos cargos do governo. Esta força e este direito trazem no entretanto o dever de fazer representar o seu pensamento por um vereador do próprio sexo: por uma mulher. Somente uma mulher pode compreender o sofrimento de uma fila de carne, ou de um cartão de óleo. Não importa que essa representante da mulher de São Caetano do Sul, pertença a este ou àquele partido, o que importa é que seja capaz de defender com decisão e firmeza os interesses da parte mais sacrificada da população: a mulher de São Caetano do Sul". Em seguida, Olga Montanari identifica-se como professora da Escola Paroquial de São Caetano e batalhadora pela autonomia da cidade, e relaciona as reivindicações que se propõe a encaminhar no Legislativo: aquiração da quota de óleo de São Caetano à da capital; passes escolares com redução nos ônibus do Município; grupos escolares nos



Vereadora Olga condecora o então prefeito Angelo R. Pellegrino, em 1949



Inauguração de uma farmácia na rua Baraldi. José Luiz Fllaquer Netto, derrotado nas eleições municipais por Angelo Pellegrino

bairros do Município; pleitear o cumprimento da Legislação Trabalhista no que respeita ao funcionamento de creches nas indústrias; centro de puericultura; instalação de parques infantis e instalação de escolas profissionalizantes para ambos os sexos. No mesmo manifesto, Olga expressa seu apoio para a eleição de Angelo Raphael Pellegrino para prefeito.

A professora Olga conseguiu se eleger num apertado resultado com outro candidato da UDN, José Leone. "Na primeira contagem dos votos, nós empatávamos. Houve recontagem e novo empate", recorda. "Por lei, ele se elegia por ser o candidato

nham conseguido abrir espaços) o ambiente político, Olga Montanari assegura não ter sofrido discriminações.

"Lembro-me que, na análise do orçamento (eu também integrava a Comissão Permanente), nós chegávamos a varar a madrugada. Mandávamos buscar café e pão com



Reunião no Clube Comercial com os operários da Adelina, em maio de 1952

mais velho. Então recontaram os votos brancos e nulos e eu ganhei, por apenas um voto de diferença". O impasse avançou a madrugada mas sem exasperar qualquer dos dois candidatos. "Óu queria ser vereadora mas não estava obstinada e o Leone também não, tanto é que ele, dono de uma padaria na Rua Perrella, foi cuidar de fazer os pães e deixou para conhecer o resultado no dia seguinte".

Os 21 vereadores foram empossados nos cargos, às 15 horas do dia 3 de abril de 1949, durante solenidade realizada na Câmara Municipal, instalada na rua João Pessoa, 120.

"Todos os vereadores começaram a trabalhar movidos pelo mesmo entusiasmo com que trabalhamos pela autonomia de São Caetano do Sul", afirma, "Trabalho e honestidade que pautaram o

homenagens do Legislativo em nome das mães de São Caetano.

Se por acaso havia algum grupinho contando uma piada, eles paravam com a minha presença ou eu me retirava para que os homens ficassem à vontade. Na verdade, sempre houve um clima de muito respeito e muita amizade", assegura Olga Montanari Mello.

## Indústria

movimento autonomista perdurou na Câmara Municipal:

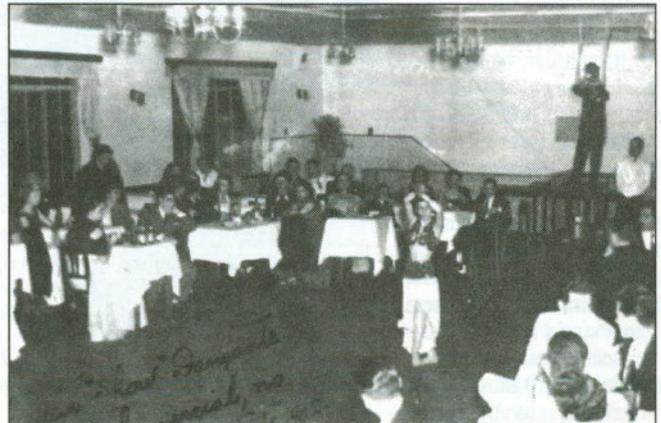
## Respeito

Primeira mulher a ser eleita à Câmara Municipal, primeira legislatura, única mulher entre os 20 homens eleitos, trabalhando num mundo dos homens que era (e ainda é, embora as mulheres te-

## Adelina

No final de seu primeiro mandato, a vereadora abraçou uma causa que trazia muita preocupação à população de São Caetano do Sul. Em maio de 1952, surgiu a ameaça de desemprego a cerca de 1.000 operários da Manufatura Brasileira de Louças S/A. que, posteriormente, ficou conhecida como Indústria Adelina.

Esse episódio é narrado pelo Jornal do Povo, edição do dia 16 de maio de 1952, em reportagem assinada por José Pereira Martins. "Segundo nos foi informado, o referido estabelecimento fabril (Manufatura Brasileira de Louças) pertence ao



Show dançante no Clube Comercial em benefício dos operários da Adelina, em 2 de agosto de 1952

manteiga no bar da esquina. A preocupação de todos era com os trabalhos da Câmara por isso acredito que nunca houve sequer oportunidade para brincadeiras com segundas intenções.

Guardo dessa época, apenas os momentos mais gratificantes. No Dia das Mães, por exemplo, era sempre eu que recebia as

Comendador Manoel de Barros Loureiro, já falecido, e que há vários anos iniciara uma ação de desquite contra sua esposa, dona Adelina de Barros Loureiro. Na perspectiva da divisão dos bens da família e não sendo possível satisfazer a pretensão dos seus membros, na sua totalidade, caracterizou-se a discórdia, dividindo-se a família composta de sete membros, em duas fortes alas. De um lado, o comendador Manoel de Barros Loureiro e seus filhos, dona Ismênia de Barros Loureiro, dona Adelina de Barros Loureiro Filha, dona Ligia Loureiro Magalhães e Manoel de Barros Loureiro Filho. E do outro lado, a esposa do comendador, dona Ade-



Em 1952, delegado regional do IAPI e operários da indústria Adelina

lina de Barros Loureiro, com seu filho Plínio de Barros Loureiro. Sendo cada vez maior a discórdia

Dizíamos nós que os herdeiros tinham-se dividido em duas alas e que uma delas, a comandada pelo

comendador, fazia o que queria, chegando mesmo a burlar a própria Justiça, se bem que temporaria-

mente, com golpes fraudulentos, como o da própria sucessão. Depois da morte do chefe, percebe-se claramente a inversão do comando. Passando a dar as cartas a sua herdeira universal, a viúva. Entra em ação dona Adelina mãe, e insistindo com a Justiça, consegue provar que o contrato de arrendamento foi um contrato fraudulento. Consegue, portanto, a rescisão do contrato, sendo ordenado pela Justiça, a pedido dos interessados o fechamento do prédio e a paralização do maquinário. Já em pleno poder da ação judicial previram os operários o quanto era grave sua situação, pois que aproveitando a Manufatura, um mandado de segurança, e concedido o mesmo pela Justiça, aproveitava a mesma para desviar grande quantidade da produção para os seus armazéns particulares. Foi procurada para orientá-los, a ve-readora Olga Montanari Mello, que aceitou a difícil incumbência, passando, imediatamente, a entender-se com o Sindicato da classe e procurando autorizações para o seu trabalho, junto às autoridades competentes. Entrementes, foi insistindo, com rara inteligência e felicidade, para que os operários permanecessem tolerantes e ordeiros, em face da situação. Nesse meio tempo, descoberto o desvio da produção, a Justiça suspendeu o mandado de segurança facultado à Manufatura, resultando daí o fechamento da fábrica, ocorrido no dia 3 de maio. Tudo parecia, no primeiro momento da ação drástica de Justiça, imperar uma desorientação no meio do operariado. Mais uma vez, o pulso firme da digna representante do povo na Câmara Municipal, se fez sentir, readquirindo os operários a confiança quase abalada com o fechamento da

Alertados, os operários constituíram seus advogados, fazendo prevalecer os seus direitos. Frustradas todas as tentativas de burla à consolidação do trabalho e ante enérgica ação dos procuradores dos operários, a firma sucessora de Manoel de Barros Loureiro & Filhos, então transformada na firma Manufatura Brasileira de Louças, capitulou e sem outra alternativa, assumiu por sucessão e nos termos da lei as responsabilidades e obrigações decorrentes do contrato de trabalho que os operários mantinham com Barros Loureiro & Filhos. Nesse sentido foi enviado ao sindicato da classe, um ofício com data de 30 de agosto de 1947, que esclarecia e chamava a si todas as responsabilidades do contrato que operários mantinham com a firma antecessora. A nova firma, isto é, Manufatura Brasileira de Louças S/A, arrenda o prédio e tudo o mais, e passa a funcionar. Continuaram, os operários a trabalhar no mesmo prédio, nas mesmas seções, com os mesmos ordenados e com os direitos assegurados, porém para a nova firma. Continuou, entretanto, a contenda entre os herdeiros. Quando no seu ponto culminante, falece, inesperadamente, o comendador Loureiro, e como a ação de desquite não tinha chegado ao seu termo é declarada pela Justiça herdeira universal, sua cônjuge sobrevivente, dona

Adelina de Barros Loureiro, passando esta a ser senhora absoluta de toda a situação.

Chamamos a atenção do leitor para o que foi exposto no início do nosso artigo.



Acervo: Família Mello

Inauguração de semáforo (que não aparece na foto), na rua Baraldi com a rua Manoel Coelho. Presentes: Angelo Pellegrino; diretor do Trânsito de São Paulo e esposa, prof. Branco; Callazans de Campos (discursando), vereadora Olga, Dr. Fortes, Daniel Perrella, Joice P. Gonçalves e Paulo P. Gonçalves, vereador Alfredo Rodrigues, Bruno Bisquolo, Julio Marcucci, Marcelino Fernandes (Tattu), Oswaldo Déa, Giacomo Garbelotto Neto e José Quaglia



Acervo: Família Mello

Inauguração do ambulatório do Hospital Beneficência Portuguesa, em dezembro de 1957. Da esquerda para a direita: Olga Montanari, dona Nenê, esposa do prefeito Lauro Gomes, dona Lola, esposa do prefeito de São Caetano, Oswaldo Massei

fábrica. Mas fomos informados que os trabalhadores marcharam unidos até o ganho de causa, tendo à frente a ve-readora Olga".

A este artigo do jornal, Olga Montanari acrescenta detalhes importantes. Por exemplo, ao ser fechada, a fábrica além de suspender os pagamentos, reteve os documentos pessoais dos trabalhadores. Estes prejudicados, inclusive, no direito de procurar novo emprego: não possuíam a carteira profissional com a baixa do último trabalho.

A devolução dos documentos ocorreu em 30 de junho de 1952, quando o juiz Domingos Uchoa, da Junta de Conciliação e Julgamento de Santo André, determinou a entrega dos mesmos aos trabalhadores, que estavam em

poder da fábrica.

Mas a ação dos trabalhadores continuou, persistente. Em junho, ainda, a vereadora Olga Montanari acompanhou comissão de operários até o Rio de Janeiro (Capital Federal), onde pretendia entrevistar-se com o presidente Getúlio Vargas e com Segadas Viana, ministro do Trabalho. Esta foi a primeira de uma série de viagens à Capital Federal.

Conforme recorda a ex-vereadora, a ida ao Rio foi meio complicada mas obteve sucesso, uma vez que foram recebidos pelo presidente, que cancelou alguns compromissos do dia para atendê-los. "Eu havia ganho as passagens para um grupo de oito operários. Só que na hora de viajar, não permitiam o ingresso dos operários no avião, pois estavam sem gravata. Mas de jeito nenhum eu iria perder aquela oportunidade, por causa de uma gravata. Voltei para São Caetano, bati na vizinhança, e consegui as oito gravatas, algumas até emboloradas, para que eles pudessem me acompanhar ao Rio de Janeiro. Nossa meta era conseguir a intervenção do presidente na causa trabalhista. Queria sensibilizar o Getúlio Vargas, pois afinal eram cerca de 1500 famílias que dependiam do funcionamento da fábrica".

A essa altura, sem receber qualquer ordenado ou indenizações, a situação dos trabalhadores tornava-se cada vez mais aflitiva. Também para minizar esse problema, Olga Montanari e os trabalhadores não pouparam esforços. Foram realizadas quermesses, shows, bailes, dentre outros eventos, para levantar fundos que pudessem atender às famílias dos desempregados. Através da arrecadação de fundos, os filhos dos trabalhadores puderam também, receber presentes no Natal de 1951.

Todavia, o outro lado da causa trabalhista, a Fábrica Adelina não ficou inoperante ou, simplesmente, aguardando um julgamento da Justiça. Da tribuna da Câmara Municipal, em abril de 1954, Olga Montanari denunciava a tentativa de suborno que sofrera e que também juízes do Trabalho foram assediados com o mesmo interesse. Assim como ela, também a Justiça não cedeu às abordagens. "Graças a Deus, a Justiça do Brasil pode ser morosa, é verdade, mas não se vende, ainda é Justiça". Nessa oportunidade, ela anunciou aos demais parlamentares, que o relatório do ministro Júlio Barata era totalmente favorável aos trabalhadores, ratificando o julgamento do Tribunal de São Paulo, e condenava o espólio de Barros Loureiro e Filhos ao pagamento dos direitos trabalhistas dos operários.

## Educação, Saúde e Cultura

Os trabalhos apresentados pela ex-vereadora foram inúmeros. "Como mulher sempre procurei dar ênfase à assistência social e como professora meus projetos estavam voltados para a Cultura, Educação e Saúde. Lutei muito para construção de escolas na cidade, inclusive do Ginásio Estadual". Além disso, ela conseguiu aprovações para a lei de bolsas de es-

tudo, criação da guarda municipal e do Corpo de Bombeiros

Para a apresentação de seus projetos de lei e dos trabalhos apresentados nos Congressos de Municí-



Acervo: Família Mello

Hoje, a professora dedica-se a atividades assistenciais

pios, Olga contava com apoio do seu partido. "Naquela época os partidos eram organizados, especialmente a UDN. Nós podíamos contar com projetos já redigidos e com o assessoramento de profissionais especializados. Então, o que apresentávamos na Câmara Municipal e nos congressos municipais tinha toda uma fundamentação". Esse foi mais um dos fatores que fizeram com que ela permanecesse filiada ao partido. "A UDN era chamado de partido dos cartolas e minhas ligações eram trabalhistas e que se tornaram mais profundas quando conheci o Getúlio Vargas, com que me simpatizei". Olga Montanari foi eleita para o segundo mandato pela UDN e na terceira e última legislatura de que participou foi eleita pela coligação UDN/PTB.

## Atividade constante

Personalidade ativa, que preserva até hoje, Olga Montanari afirma com orgulho que foi a primeira mulher no ABC a possuir uma Carteira de Habilitação. "Fui sempre muito saliente e, naquela época, por volta de 1949, eu dirigia um carro da marca Chevrolet, caindo aos pedaços. Quando passava nas ruas o pessoal se espantava ao ver uma mulher dirigindo".

Ela conta outras passagens igualmente hilariantes "Nós participávamos de um grupo cênico e em nossas apresentações alugávamos as roupas. Numa

ocasião, faltou a roupa de um personagem, que era o padre. Fui até o padre Ézio Gambini e pedi-lhe emprestado uma batina. Era a única que ele tinha, mas emprestou. Durante a apresentação a roupa ficou presa num prego e acabou rasgando. O espetáculo era para agiar fundos e parte deles tiveram que ir para uma batina nova. O diretor da peça era o conhecido José Costinha".

Há também a passagem da inauguração do primeiro semáforo de São Caetano do Sul, que foi instalada no cruzamento das ruas Baraldi com a Manoel Coelho. "Era uma obra importante para a época. Houve convidados para a inauguração e tudo o mais, inclusive fotografia para a posteridade. Só que na foto, aparecem autoridades, convidados, enfim, todos os presentes, menos o semáforo que era o objetivo da cerimônia", recorda.

Atualmente, com 74 anos de idade, com o mesmo espírito dinâmico, Olga Montanari faz palestras em escolas e entidades do Município e da região. Dedicar-se também, como diretora do Departamento de Relações Públicas, à Instituição Assistencial Meimei (cuja tradução do chinês é meu amor), com sede em São Bernardo, e que atende cerca de 1.200 crianças.

Para Olga Montanari, tudo o que ela conseguiu realizar até hoje, como mulher, como dona de casa, como parlamentar, etc, ela deve ao seu marido. "Ele é o grande herói da minha história", afirma. "Ser mulher de político é enfrentar uma situação muito difícil. Agora, imagine ser marido de mulher que se dedica à política? Ele foi muito importante, como ainda o é, exercendo com muito amor o papel de meu colaborador e meu crítico", finaliza a ex-vereadora Olga Montanari Mello.

(\*) Paulo Heras é jornalista e atua na Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura

NOTA:  
(01) - RAÍZES nº 2 (dezembro de 1989), Prefeita de São Caetano do Sul.

# São Caetano Esporte Clube, 80 anos

## (alguns fatos que marcaram sua história)

Oscar GARBELOTTO (\*)

**A** História do São Caetano Esporte Clube é bastante conhecida. Começou a tomar forma diante de uma "briga" entre dois clubes em 1914: Clube dos Amigos e o Rio Branco. Motivo? Não chegou aos nossos dias! Mas é de se perguntar se a causa única não foi a impossibilidade de existirem na cidade dois clubes. Afinal o que era São Caetano naqueles dias?. Apenas o Bairro da Fundação e algumas casas e pequeno comércio circundando a estação... Outro Clube? Teria perguntado Joaquim Zanini, então presidente do Rio Branco - Assim não dá! Afinal os clubes tinham alguns jogadores que defendiam a ambos; diretores também e, por fim, alguns pagavam mensalidades em dois clubes. Fora as formidáveis discussões e brigas...

Realmente a coisa não estava boa e lá teria ido Zanini falar com o pessoal do Rio Branco. Como bons italianos - eu acho que não discutiram muito - chegaram a um acordo: um jogo decidiria a pressão e quem perdesse fechava. (será que foi tão fácil assim como diz a história oficial?).

Veio o jogo (é claro, num domingo, único dia em que não trabalhavam) e o resultado foi desfavorável a Zanini: três a zero para o Clube dos Amigos.

Decidido o jogo, veio a fusão. Uma assembléia marcada para a sexta-feira, logo após o jogo, dia 1º de maio à noite.

Era dia do Trabalho, mas de batente também. Nada de feriado prolongado. O local escolhido foi a casa do Paulo Perrella, um velho casarão então existente no trecho final da rua Rio Branco, próximo à estrada de ferro. Estiveram presentes e são considerados fundadores: O dono da casa Paulo Perrella foi escolhido como presidente, e os demais fundadores foram: Accácio Novais, Adelmo Vecchi, Alberto Piva, Angelo Garbelotti, Angelo De Nardi, Angelo Veronezzi, Antônio Braidó, Antônio Fiorotti, Antonio Garbelotto, Antonio Roveri Sobrinho, Armando Niazzi, Benedito Cavana, Celeste Dalcin, Caetano Garbelotti, Carlos Piva, Donato Perrella, Dionísio Scariofoli, David Bortolini, Eduardo Ascencio, Eliseu Carnevalli, Faustino Roveri, Francisco Fiorotti, Francisco Garbelotto, Giacomino Dalcin, Giacomino Perrella, Gina Cesca, João Urbano Giacomini, José Degli Sposti, João Perrella, José Fernandes, José Bertolucci, João

Acervo: Fundação Pró-Memória



Paolo Perrella, primeiro presidente do São Caetano Esporte Clube, em foto recente.

Buso, Joaquim Zanini, Luiz Roveri, Luiz Martorelli, Luiz Tasca, Nestor Zanini, Nicola Perrella, Olímpio

Teodoro, Orlando Biagi, Primo Darré, Paulo Uliana, Pedro Biagi, Ricieri Biagi, Serafim Vecchi, Silvério Manille, Silvio Buso e Thomás Thomé.

### O nome, as cores e o primeiro presidente

A briga seguinte foi a escolha do nome. A maioria dos fundadores era italiana ou descendente. Cada qual queria um nome que lembrasse sua região de origem. Acacio Novaes entendedor de relações humanas (era chefe de pessoal na Matarazzo), não era filho de italiano e propôs: o nome poderia ser São Caetano Esporte Clube. Estava feita a média e aceito o nome.

As cores escolhidas foram branca e preta. As camisas com listras verticais.

Como presidente foi escolhido o dono da casa, sr. Paulo Perrella, cremos, sem objeções (já viram dono da casa não ser eleito quando se forma um time?). E mais: ali começou a funcionar por muito tempo, a sede do novo clube, até 1922, quando Maximiliano Lorenzini construiu a sede da rua 28 de julho.

Falam que o Clube dos Amigos tinha seu campo onde hoje situa-se o G.E. Senador Flaquer, em terreno da família Miazzi, enquanto que o Clube Rio Branco jogava em local onde situava-se a louças Adellinas.

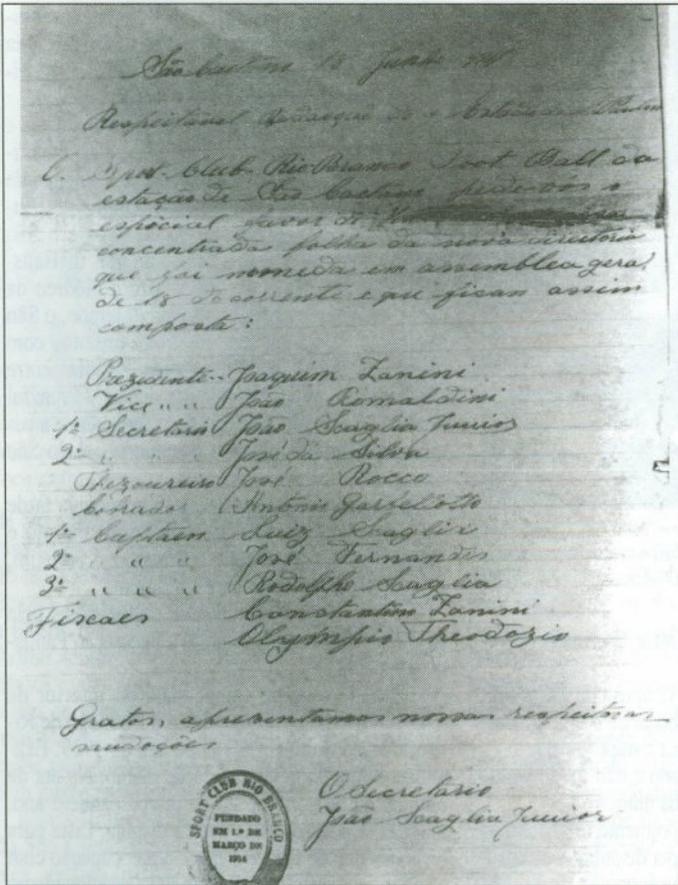
Mas pelo acordo dos cavalheiros competia ao Rio Branco desaparecer. Será que isso ocorreu? Narciso Ferrari afirma categoricamente que não! O Rio Branco continuou sua vida. E prova documental, exibindo documentos de tudo em 18/06/1914 informando que o Sport Clube Rio Branco Foot Ball tinha nova diretoria... marcada em assembléia geral de 18 do corrente... O presidente era Joaquim Zanini.

Será que a história oficial derrapou? O certo é que o primeiro documento do São Caetano Esporte Clube que chega até nós é o anúncio de um festival de futebol em 1919, no campo da Luiza Pamplona, na verdade Heloiza Pamplona, ou seja, onde é o prédio do Senador Flaquer. Era a comemoração ao 5º aniversário da

Acervo: Fundação Pró-Memória



O velho casarão então situado na Rua Rio Branco próximo a estrada de ferro e de propriedade de Paulo Perrella, foi o local da reunião de fundação do clube



Documento datado em 18 de junho de 1914 - portanto após a fundação do São Caetano Esporte Clube - dá conta da nova diretoria do Rio Branco, presidida por Joaquim Zanini. O documento desmente a versão oficial da fundação do novo clube com nome de São Caetano, como fruto da fusão entre o Clube dos Amigos e o Rio Branco. Não há dúvidas que o São Caetano E.C. surgiu em 1º de maio de 1914, mas, diante deste original ao que parece, o Rio Branco não desapareceu num primeiro momento. Joaquim Zanini consta da lista oficial dos fundadores do alvi-negro..

fundação, a realizar-se dia 4 de maio, em jogo contra o Clube Atlético São Paulo e outras festividades: inauguração da bandeira e das sedes, apresentação da Banda Musical da União Operária, tómbola e baile.

Quanto ao baile, sabendo-se que a sede da 28 de julho foi construída em 1922, supõe-se que havia outro local próprio, desconhecido até hoje.

### O nome, as camisas e alguns informantes históricos

Narciso Ferrari, desde muito jovem, quando já ocupava algumas funções diretivas, interessou-se pelas origens do clube. Seus principais informantes foram ativos participantes da fundação. Paolo Perrella (o 1º presidente), Silvério Manille, Acacio Novaes, Antonio Fiorotti, Joaquim Zanini, os irmãos Biaggio, foram seus interlocutores constantes e, através de seus depoimentos, pode-se traçar um quase perfeito histórico do clube e o nome de seus fundadores, aqueles que constituem hoje a lista oficial. Quase perfeita porque a versão do desaparecimento do clube perdedor, ao que parece, não está confirmada.

promovido pelos que preferiam nomes regionais italianos, tais como: Veneto, Treviso, Mantua, etc...

Quanto às cores também houve concordância: branco e preto seriam as cores das camisas, com listras verticais.

Por longo tempo, o Clube não possuía nenhum distintivo. Somente por volta de 1930 é que surgiu o atual distintivo pelas mãos de duas pessoas indicadas para elaborá-lo: Américo Juliani, um barbeiro morador da rua 28 de julho e Angelo Del Prato, conhecido pelo sugestivo apelido de Maria Lavava, um marmorista com pequena oficina na Rua

## SÃO CAETANO SPORT CLUB

### CAMPEÃO E QUERIDO DE S. CAETANO

Festa em honra ao passamento do 5º aniversário que se realizará no  
Maio de 1919, em seu campo situado na Avenida D. Luiza Pamp  
ESTAÇÃO DE S. CAETANO - Linha Inglesa

#### PROGRAMMA

- 8 h. - Será inaugurada a bandeira de campo.
- 8 h. - Inauguração das redes para os "goals".
- 9 h. - Dar-se-ha início ao Campeonato Interno jogando pela primeira vez o Julio Te Gozzi Team.
- 3 h. - Incorporação de todos os socios na Sede Social do Club.
- 4 h. - Partida do Club acompanhado pela Banda de Musica local União Operaria em Estação, para receber o distincto Club visitante, representantes da imprensa, convidados.
- 4 h. - Será dado o "kick off" dos segundos jogos.
- 5 h. - Sob as ordens do distincto sportman Sr. Luiz Gambarelli entrarão em campos do S. Caetano e o respectivo do S. Paulo, assistidos organizados:

S. Caetano Sport Club	Club Athletico S. Paulo
Luiz Martorelli	Medalha
João Nestor	Taneco Daniel
Feliciano Julio Francisco	Santol Amadeu Henri
Armando Eduardo Mario Bernolucci Gozzi	Alfonso Rasco Jozza Appar

Logo após ter tirado o "kick" para a facção de goals, terá uso da palavra o Sr. Carmelo Formica; a seguir enquanto a Banda de Musica executará o dobrado São Caetano Club, escripto pelo maestro Sr. Luiz Modena e dedicado ao S. Caetano S. C., e cantada pelas Srtas. Ezevina Zanini, Ezevina Antônia e Avelina Gallo, modrinhas do Club. Logo após desse grande match será extraída no coreto da Sede em beneficio de uma tómbola com os seguintes premios: cinquenta 25000, tómbola 100000. Os bilhetes desta tómbola serão vendidos durante a festa por gentis Srtas. Luiza Pamp.

A seguir haverá baile e mais divertimentos na Sede do Club.

As 20 h. novamente incorporados socios e admiradores do Club irão até a "pore" despedir-se dos distinctos convidados.

Nesta festa serão representadas todas as sociedades locais pelos seus muito dignos representantes.

B. - O reservatório amado provisoriamente no campo é especialmente para representantes da imprensa e as Directorias de ambos os Clubs.

A actual Directoria do S. Caetano é a seguinte:

Presidente Honorario	SR. ANTONIO BARRE	Tesoureiro	SR. JOAO
Presidente	LUIZ MARTORELLI	Cobrador	JOAQUIM

Programa do 5º aniversário de fundação do São Caetano E.C., desfechado com grandes festas para a época. Mostrava, desde então, um Clube sólido e disposto a crescer muito. O jogo foi contra o Clube Atlético São Paulo, um dos grandes da capital naquela oportunidade. A festa não dispensava a tradicional banda e nem a "tombola" em beneficio dos confres sociais. O presidente era Luiz Martorelli.

Mas há certeza quanto a escolha do nome, proposta de Acácio Novaes, diante do impasse

Rodrigues Alves. Ambos eram italianos sendo certo que o marmorista tinha excelentes conhecimentos de escultura e de desenhos. A idéia era fazer algo diferente e assim surgiu o distintivo: bandeira virada com o mastro a direita, enquanto a de outros clubes é exatamente ao contrário.



Vista parcial do campo da rua 28 de julho (bem em frente ao depósito da Antarctica). Aparece a pequena arquibancada de madeira. Este era o campo do clube em 1928, com instalações acanhadas e insuficientes para abrigar as disputas do campeonato do interior. Este fato obrigou o clube a disputar suas partidas sempre em outros campos da capital.



Uma das formações que deu também grandes alegrias ao alvi-negro entre 1926 e 1927. Da esquerda para a direita: o presidente Luiz Martorelli, Braz, Gallo, Andolina Paolilo, João Domingos Perrella Netto, Mantovani, Germano Miazzi, Pacheco, Atílio, D'Agostini e o diretor de Esportes Silvério Manile. O goleiro Fidelis está deitado com a bola.

## O grande campeonato de interior de 1928

Após um pequeno período inicial, quando o clube apenas mantinha times para jogos amistosos (entre 1914 até mais ou menos 1916), suas equipes começaram a ter outros destaques. Atuavam fora da cidade, em lugares mais longes, até mesmo, passaram a jogar em torneios da APEA (Associação Paulista de Esportes Amadores) que antecedeu a atual Federação.

Em 1928 foi eleito presidente Ettore Lantieri, industrial da cidade. Infelizmente porém, os negócios de Lantieri foram desastrosos levando-o à insolvência e obrigando-o a afastar-se da cidade. A presidência e o próprio clube esvaziavam-se, perigando sua existência. Um grupo de associados históricos, imediatamente, fizeram um movimento para salvar o clube. A sede já funcionava na rua 28 de julho, em frente ao bar do Momi, no belo salão construído por Maximiliano Lorenzini.

Lideram o movimento, apoiados por alguns remanescentes da diretoria: Jacob Lorenzini (o Jácomo) e Arthur Garbelotto, candidatos a presidente e vice, respectivamente. Realizada a Assembléia em 17/08/28, um mês após o pedido de demissão de Lantieri. Apesar de existir uma chapa única houve eleição por opção dos associados, resultando na 1ª apuração: para presidente: Luiz Martorelli, 28 votos e Giácomo Lorenzini, 16; para vice: Arthur Garbelotto, 25 votos e Giácomo Lorenzini, 17 votos. Martorelli recusou o cargo e insistiu na eleição de Lorenzini. Houve nova votação. Para presidente: Luiz Martorelli, 30 votos e Giácomo Lorenzini, 21. Diante de impasse, a diretoria endureceu e demitiu-se em bloco, solicitando escolha de três interventores para reger o clube. Muitos da turma do deixadisso contornaram a situação e declararam a eleição do sr. Jacob Lorenzini, já que, quanto ao vice, Arthur Garbelotto já estava eleito nas apurações anteriores. Eis os diretores eleitos: Presidente Jacob J. Lorenzini; vice, Arthur Garbelotto, 1º Secretário, Ricardo Manille; Tesoureiro, Abramo Cavassani; 2º Secretário, João Domingos Perrella Netto, Pro-

curador, Luiz Martorelli; Diretor Esportivo, Silvério Manille e Aurélio Tenca.

Começava aí a campanha vitoriosa de 1928. Mas começa do zero. Giacomo Lorenzini conta que não tinham jogadores, não tinham campo porque o dia 28 de julho era muito acanhado e não foi aprovado pela APEA e o clube não tinha dinheiro.

Ouvimos em 1986, um depoimento dramático do presidente: "O Clube precisava disputar o campeonato mas não tínhamos o time formado. Tudo estava disperso. Eu e o Arthur Garbelotto começamos a buscar os jogadores. Íamos no único veículo disponível, uma camioneta do depósito da Antarctica, da família Garbelotto. Assim, depois do trabalho, Arthur apanhava a camioneta e lá íamos nós. Foi muito difícil, mas conseguimos. Lembro como foi com o Paraná (João Nicolau Braidó): estava muito difícil trazê-lo. Ele tinha comprado uma olaria e dava muito trabalho cuidar dela. Por isso já tinha pedido

sua demissão de jogador há algum tempo. Mas o amor ao clube foi mais forte e ele veio integrar o time campeão. Naqueles tempos, amor ao clube valia muito. O Lantieri deixou um grande abacaxi ao deixar o clube, mas conseguimos descascá-lo."

O trabalho e a união superaram as dificuldades e o São Caetano, campeão de sua região, viu-se na final com o Botafogo de Ribeirão Preto, campeão de outra região. A final realizou-se no campo do Clube Atlético Silex, no Bairro do Ipiranga e o São Caetano venceu por dois a zero, com gols de Batista e Lorenzini, o ponta direita. Um periódico da época assim descreveu os gols: "no 2º tempo, o São Caetano abre a contagem aos trinta minutos com um gol de Batista após uma troca de bolas entre Guerrero e Zanella. Seis minutos depois, Lorenzini recebe passe de Braidó e chutando forte vence a perícia do Hermínio, obtendo o segundo gol do São Caetano."

Os jogadores que se apresentaram naquela tarde e deram o título ao São Caetano: Lucas, Fiorotti e Moura; Estansláu, Braidó e Eduardo, Lorenzini, Zanela, Baptista, Guerreiro e Chiquitim.

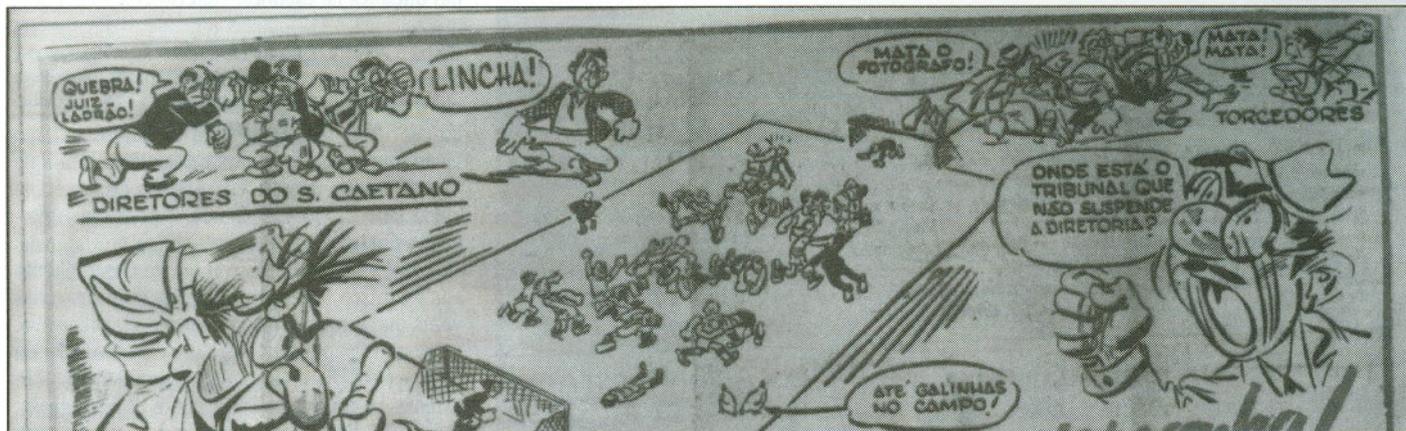
O Clube continuou a disputar campeonatos pela APEA até 1935 ano que surgiu a Federação Paulista de Futebol.

A grande final do campeonato do interior de 1928, entre o São Caetano E.C. e o Botafogo de Ribeirão Preto, foi realizada já no ano de 1929. Exatamente num domingo dia 24 de março. Na ata da reunião da diretoria de 20 de março daquele ano, percebe-se a importância dada à disputa. Lista para levantamento de fundos e notória preocupação com a recepção aos visitantes e com tudo relacionado ao campo. Uma comissão de primeira linha foi designada para cuidar dos preparativos e do restante: Arthur Garbelotto (vice-presidente), Abramo Cavassani (tesoureiro), Ferruccio Manille, Jacob João Lorenzini (presidente) e Ricardo Manille (2º Secretário).

Falam-se em grandes comemorações após a vitória, prestigiada por uma torcida feminina muitíssimo numerosa para a época. Namoradas e esposas



Foto oficial dos Campeões de 1928, tirada no campo da rua 28 de Julho, exatamente dia 18 de abril de 1929, após prévia convocação da diretoria



Nos campeonatos da 2ª divisão de profissionais, nem sempre as coisas eram amenas. Nesta charge de A Gazeta Esportiva (sem data) o jornal tece críticas pelo que aconteceu num jogo entre São Caetano x Limense

de diretores, jogadores e da grande torcida deslocaram-se para o Ipiranga, lotando as arquibancadas do estádio designado para a final. Elvira Paolilo Braidó, esposa do jogador Paraná, juntamente com a jovem Thereza Piccolo, noiva do vice-presidente Arthur, eram torcedoras das mais entusiasmadas. Elvira ainda conta que não existavam quando tinham de exercer pressão em árbitros ou bandeirinhas que estavam prejudicando o clube. O amor ao clube falava muito alto... Homens e mulheres estavam juntos nesta torcida.

Elvira Braidó, ainda, contando: "As torcedoras do São Caetano eram organizadas: tinham uniformes, vestido listrado em branco e preto e sempre acompanhavam o clube em seus jogos. Até mesmo no interior, viajando de trem". Lembra-se que, certa vez, após vitória do Santo André, a torcida local impediu-as de tomar o trem, cercando a estação. O jeito foi voltar a pé até São Caetano, comemorando a vitória.

### Laços: os jogadores temporários

Por volta de 1935 e até 1948 quando o São Caetano passou a disputar a 2ª divisão de profissionais da FPF, ocorreram fatos curiosos e até generaliza-

dos entre os clubes. Eram os laços, contratação de jogadores por breves períodos. Era permitido pelas regras vigentes. O Clube local teve oportunidade de fazer bons laços, em diversas ocasiões. Assim, certa vez, laçou a ala esquerda da seleção paulista: Paulo do São Paulo F.C.; Imparato do Palestra; Tunga, lateral do Palestra; Barilote e Canhoto, também do Palestra. Este último na época, era considerado o maior ponta direita. Grande parte dos jogadores era do Palestra Itália e isso se justificava pelo fato de que a grande maioria dos diretores do clube era descendente de italianos e fãs ardorosos do alvi-verde que, durante a 2ª grande guerra, trocou o nome para Palmeiras. Também o Fluminense do Rio cedeu o jogador Mamede, com breve passagem pelo Corinthians.

Os laços se justificavam por vários aspectos. primeiro porque sempre reforçavam o time, depois acabavam por atrair grande torcida para os jogos e assim, a renda da estréia dos grandes nomes, já pagava as despesas com as contratações.

### A grande rivalidade: São Caetano e Cerâmica

No período que antecedeu o ingresso do São

Caetano na 2ª divisão de profissionais, dois clubes rivais disputavam a hegemonia do futebol local. O São Caetano e o Cerâmica, do bairro do mesmo nome. A rivalidade era tanta que raros eram os jogos que não terminavam em briga e confusões.

Neste ano, enquanto o São Caetano iniciava disputa pela 2ª divisão, o Cerâmica, para não ficar por baixo, ingressava na ACEA (uma associação especial de clubes vinculados a indústrias) disputando assim, por sua vez, um torneio de grande importância pela qualidade dos participantes.

Ambos os clubes combinaram um jogo tira-teima com renda pró-construção do Hospital São Caetano, no campo da rua Paraíba. O diretor de Esportes do São Caetano, José Fucks, aproveitou para fazer alguns laços, desta vez junto ao Corinthians, onde tinha excelente relacionamento. Assim vieram jogar, nesta oportunidade, o goleiro Cabeção, Luizinho e Colombo, jogadores que posteriormente fizeram fama no time da capital, participando de grandes conquistas corinthianas. O resultado do jogo foi de cinco a três para o São Caetano e consta que nesta tarde não houve brigas...

Victório Dal'Mas era do São Caetano E.C. e Francisco Massei, do Cerâmica. Ambos participantes ardorosos de seus clubes. Certa vez, conta Narciso, Dal'Mas mandou seu filho, o goleiro João, ainda do juvenil Brasil, treinar no Palestra Itália. A notícia repercutiu como uma bomba na pequena cidade. Massei por sua vez convidou Lídio Piccinini, editor do Jornal do Esporte e lhe ofereceu um almoço na Cantina do Chico, que então existia no bairro dos Meninos (hoje Rudge Ramos).

Não deu outra, dias depois o jornal Esporte publicava em manchete: Massei treinava no Vasco da Gama, referindo-se ao também goleiro Osvaldo Samuel Massei, filho de Francisco. A verdade é que nenhum dos dois fizeram carreira futebolística, mas foram destacados políticos locais.

Era a rivalidade intensa gerando atos curiosos.

### Fatos curiosos da participação na 2ª divisão

No campo local o Clube iniciou sua participação na 2ª divisão de profissionais contra o Paulista de Jundiá e venceu por três a um. No ano de 1948, terminou sua série empatados com o Rio Pardo e houve a necessidade de desempate no campo do Internacional de Limeira, conforme designação da



Vista parcial do campo da rua Paraíba. Vê-se a arquibancada de madeira e, à direita a tribuna de honra



Os campeões do 5º grupo da 2ª divisão de Profissionais da FPF de 1950, recebem suas faixas no campo da rua Paraíba. Da esquerda para a direita, de pé: José Fucks (diretor de esportes), Orestes, Neno, Vitor, Sidney, Mosca, Nilo, Francisco Marinotti (técnico), Biagio e Gino Ricciardi. Agachados: Elzo, Andó, Oswaldo, Valter, Wilson e Daniel (massagista). O jogador Valter, depois de destacar-se neste campeonato, fez brilhante carreira no Ipiranga, Vasco, seleção brasileira e no Valência, da Espanha.

ries: o XV de Piracicaba e o Internacional de Limeira.

Ermelindo Franchini, presidente local, locou um trem especial e cerca de 300 torcedores rumaram para a cidade de Limeira afim de assistir a tão esperada vitória do time: Zinho, Mosca e Neno; Sergio, Nenim e Escovinha; Sulinho, Andó, Yube, Wilson e Elzom sob o comando do técnico Francisco Marinotti. Nos primeiro dez minutos, o clube vencia por dois a zero, gols de Sulinho e Andó. Aos vinte minutos o São Caetano já perdia de quatro a dois. O placar final foi de cinco a três para o Rio Pardo. Foi uma das grandes oportunidades do São Caetano subir para a 1ª de profissionais que, afinal, naquele ano pertenceu ao XV de Piracicaba. (Narciso Ferrari lamenta tanto a derrota, que até a escalação do time adversário nunca esqueceu. Sabe-a decorada até hoje.

### Algumas revelações ao futebol paulista e brasileiro

Ao que se sabe a primeira revelação do São Caetano foi José Fiorotti, jovem da família local que se destacou como campeão do interior em 1928 e logo após, passou pela Portuguesa, pelo São Paulo F.C., chegando à seleção paulista.

Posteriormente, Albino Martorelli e Heitor Manille, também passaram para clubes profissionais em São Paulo e no Recife.

Houve um, no entanto, não nascido em São Caetano, somente trazido para compor o time, que acabou por se tornar a grande revelação do torneio. Foi imediatamente contratado para a fama, até no exterior. Foi Valter Marciano de Queiroz, o Valter, chegado da várzea paulistana, passando pela Lavapés, Corinthians, Canto da Vila Teodoro, Lagoa, até a equipe amadores da Portuguesa. Valter chegou a São Caetano indicado pelo Didi (dono da cantina do clube) ao José Fucks (diretor de Futebol), este por sua vez solicitou ajuda a Fausto Luiz Pina, ir-

mão de Vicente Pina, que era sócio comercial, na rua Santa Rosa, de Nestor Pereira, presidente da Portuguesa.

Tuda resolvido, o passe de Valter era do São Caetano. Estreou no campeonato contra o São João, de Jundiá e lá marcou seu gol, na vitória por três a zero. Foi em 19/8/50 e Valter nunca mais saiu do time. Um grande time: Orestes, Mosca e Neno; Jupert, Sidney e Victor; Rubens, Oswaldo, Andó, Valter e Elzo. Chegaram às finais, mas não foram bem sucedidos.

O sucesso de Valter apenas se iniciava. Numa 2ª feira, compareceram à sede da rua Perrella, o presidente e o diretor de Esportes do C.A. Ipiranga, Gerônimo Marini e Domingos Sgarzi e ofereceram o presidente Otávio Tegão a importância de Cr\$ 40 mil cruzeiros pelo passe. Daí sua trajetória não mais parou, jogou no Vasco da Gama, Seleção Brasileira e daí partiu para Valência, Espanha, onde faleceu em desastre automobilístico.

Há um livro sobre a vida do Valter e sua revelação surpreendente: sempre afirmou que o São Caetano E.C. foi primeiro e grande degrau de sua carreira e que Francisco Marinotti foi o grande técnico que o revelou, realmente, para o futebol.

### Outras revelações

Se no campo o S.C.E.C. teve boas revelações, na retaguarda também. Co-

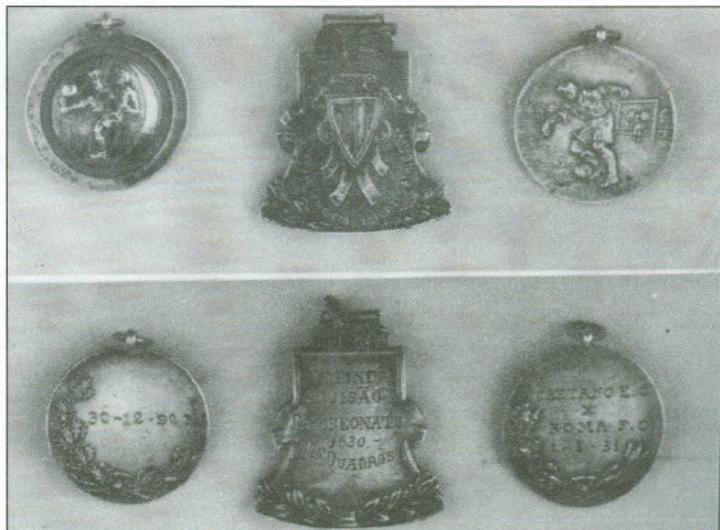
mo diretores de esportes, Narciso cita José Fucks que foi para o Corinthians e Felipe de Freitas que foi para a Portuguesa de Desportos. Como técnicos, destaca o incansável Silvério Manille, fundador do clube em 1914, dirigente esportivo, às vezes, técnico, até 1953. Cita ainda João Galhardo, Antonio Guerreiro, A. Fiorotti, Ettore Manille e Henrique Lorenzini. Nos infantis, cita Antonio Defesa e Osvaldo Perrella. Nos amadores, Nelson Flosi, Fernando Ortega, Luiz Porungelli. Nos profissionais (2ª Div.), Airton Cardoso (filho do Gentil Cardoso); Francisco Marinotti, sempre finalista nas várias vezes que dirigiu o clube; Caetano de Domenico, criador da famosa cerradinha, treinador também do Ipiranga e SPR; o Caxambú (Helio Geraldo Caxambú) ex-goleiro do São Paulo e da Portuguesa; Lula (Luiz Pereira) o ex-canhão do Parque Antártica; João Nicolau Braido (o Paraná); Frugoli Lorenzini e Antonio Mosca.

### As torcidas dos contra

O São Caetano Esporte Clube nunca foi unanimidade local e era até considerado normal ter uma torcida contra em seu próprio campo. A proximidade da capital facilitou isso. Era comum as preliminares do time amador do São Caetano - sempre muito bem preparado - com clubes da várzea local. Em caso de vitória, os locais da várzea torciam sistematicamente contra o principal do São Caetano. E os amadores do São Caetano sempre ganhavam...

### Divulgação dos resultados aos jornais da capital

As Rádios Difusora e Pan-Americana divulgavam os resultados dos jogos da 2ª de profissionais. Para tanto, bastava telefonar a cada gol acontecido. Quando o jogo era na rua Paraíba, Narciso Ferrari, diretor do clube; era o encarregado de tal missão. Via telefonista, comunicava-se com as rádios, através do aparelho telefônico cedido por George Garnier, dono de Brasitex, Indústria química situada ao lado do campo. Muitas vezes, ao ir noticiar um gol, acabava perdendo outros mais ou até o resto do jogo, tal era a dificuldade para se completar os telefonemas.



Outras medalhas pertencentes a João Nicolau Braido, todas recebidas com vitórias do São Caetano Esporte Clube

Quando o jogo era fora da cidade, a ansiedade era por ouvir os resultados pelo alto-falante que se localizava em frente ao Cine Max, animando o footing domingueiro.

## O grande time com as pratas da casa

Em 1953, sob a presidência de Hermógenes Valter Braido, o clube estava em difícil situação. Braido que tinha sido presidente do Vila Bela, bom conhecedor do futebol varzeano, resolveu dispensar os profissionais e montar um time com jovens locais. Assim o fez: Victor e Alemão do Vila Bela; Silvio do Tamoio; Leão do Cruzada do Vila Alpina e assim por diante. Era uma seleção com amor à camisa que acabou ficando para as finais da segunda divisão. Para as finais o time foi reforçado por jogadores trazidos do Corinthians por José Fucks, tais como: Narciso, goleiro; Ratinho e Rafael. Jogaram muito, foi um sucesso, não foram campeões. Mas foi uma bela façanha e ótima experiência.

## Os Estádios do São Caetano Esporte Clube

Se o estádio de 1928 não pôde receber jogos do campeonato do interior pelo seu reduzido tamanho, o estádio da rua Paraíba, inaugurado em 1º de maio de 1935 não era muito mais acolhedor. Narciso o descreve como de gramado adequado, mas com arquibancadas de madeira para somente 600 pessoas (300 de cada lado). No centro existia acomodações de madeira, tendo ao alto, acomodações para diretores e repórteres e abaixo, o bar. As laterais eram diminutas; no gol dos fundos não existia praticamente espaço; existia espaço razoável no gol de entrada, onde também ficava o busto do conde Francisco Matarazzo, mas não o suficiente para levantar amplas arquibancadas.

Estes fatores adversos foram muito explorados pela imprensa paulista, quando da iminência do São Caetano conseguir o título e subir para a primeira e mais importante divisão do futebol paulista da época.

## As concentrações da 2ª divisão

O clube sempre lutou contra as dificuldades financeiras para disputar o campeonato profissional e neste contexto não se falava em concentrações. Quando o jogo era na cidade, apenas exigia-se que o jogador comparecesse na sede da rua Perrella, e de lá todos iam almoçar na Pensão Italiana, na rua João Pessoa (hoje é o estacionamento do Banco Bamerindus). Quando era no interior, ficavam em pensões, tal que a do sr. Alfredo, antigo morador de São Caetano que montou estabelecimento em Jun-diá.

Certa vez, José Fucks, muito otimista, quis inovar e concentrou os jogadores desde sábado, na famosa Fonte Sonia, em Valinhos. Os comentários nos meios futebolísticos foram muitos; afinal, apenas os grandes clubes se concentravam no local. O máximo que um clube de interior fazia quando jogava na capital ou arredores era concentrar-se na



*Medalha de Campeão do Interior, conquistada por João Nicolau Braido em 1928. As medalhas de ouro, foram ofertadas aos jogadores pelo clube, após campanha de arrecadação que motivou bastante os associados. A rica peça está em poder de dona Elvira Paolillo Braido, esposa de João*

Água Branca, nas dependências do DEFE, órgão do governo do Estado, cedido para tais fins. Foi o que aconteceu, certa vez, já na segunda divisão, quando o Botafogo de Ribeirão Preto veio jogar em São Caetano. Choveu muito naquele domingo e o jogo foi suspenso.

O Botafogo foi aguardar no DEFE, concentrado e, os jogadores do São Caetano, foram dispensados. Tal foi a surpresa quando a Federação marcou o novo jogo para a 3ª feira à tarde e os jogadores do São Caetano foram obrigados a deixar seus locais de trabalho rapidamente, para o jogo da tarde. O dia era comum, mas o campo ficou lotado.

## Um clube com muita agitação social

Nascido do futebol, o São Caetano E.C. tinha também outros objetivos: "... o desenvolvimento físico dos seus consócios e o seu adestramento no jogo do foot-boll e Arte Dramática". (art.1º do Estatuto de 26/9/19. Original de Arthur Garbelotto).

Teatros, bailes, jogos de salão e bola ao cesto, eram uma constante no clube. Impossível falar - senão em oportunidades outras - a atuação de nomes como Arthur Garbelotto, Abramo Cavassani, Aurélio Tenca, Ferruccio Manille, Hermenegildo Netti, e tantos outros, do importante Corpo Cénico do clube. Da mesma forma falar da bola ao cesto, tão pouco comentado, mas que trouxe glórias imensas para São Caetano, particularmente nas décadas de 40 e 50, com Celidônio Garcia, Albano, Santista, Losk Garcia, Marconi, José Crivelaro, Netinho, Sargento Gonçalves e tantos outros.

Foram departamentos atuantes que mantiveram, até mesmo mais que o futebol, a unidade do São Caetano Esporte Clube. É natural que a memória sempre tenda mais o popular, para os fatos de maior impacto, mas não tardará o dia em que o teatro e bola ao cesto do glorioso alvi-negro, sejam divulgados à altura da real contribuição que proporcionaram ao clube.

## Narciso Ferrari

Nascido em São Caetano no dia 31/10/32, filho de Angelo Ferrari e Isabel Fiori Ferrari, foi presidente do São Caetano Esporte Clube de 1959 até 1965. Exerceu outras importantes funções no clube. É formado em contabilidade no Instituto de Ensino de São Caetano e dirige seu próprio escritório um dos mais conhecidos e tradicionais da cidade, prestando serviços a várias empresas.

Seu reconhecido amor ao São Caetano Esporte Clube ultrapassa as fronteiras das vaidades pessoais. Dedicar-se a um profundo estudo das coisas do alvi-negro do bairro da Fundação. Seus conhecimentos retroagem às origens do clube e chegam aos dias de hoje.

Aqui neste depoimento comparece como observador atento, ouvidor paciente e participante ativo de várias décadas do clube que completou, no último dia 1º de maio, 80 anos.

O São Caetano Esporte Clube é seu ideal, áscua sagrada que o prepara para grandes ações. Atas que transcendem os próprios limites para se transformar em verdadeira paixão. Ansioso de perfeição e rebelde a madiocridade, parece voltar sua proa em direção a uma estrela: lá situa-se seu ideal, o Clube, acima das disputas e das vaidades terrenas.

(\*) Oscar Garbelotto é advogado e professor universitário. Ocupou na administração pública os cargos de diretor do Departamento de Educação e Cultura e diretor do Instituto Municipal de Ensino Superior (IMES). Atualmente preside a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul; dedica-se também, ao estudo e pesquisa da História local. Descende de um dos fundadores da cidade, Antonio Garbelotto. (Colaboração e revisão do texto: Morisa Garbelotto Rodigher).

# Biblioteca Paul Harris - 40 anos (1954 - 1994)

Sônia Regina BERTOCHI(\*)

No início da década de 50, a necessidade de uma biblioteca em nossa cidade mobilizou o Rotary Club, que, através de uma campanha, arrecadou livros e os doou à Prefeitura para iniciar a formação de um acervo. Sensibilizada, a Prefeitura deu à Biblioteca Municipal o nome do fundador do Rotary Club: Paul Harris.

Criada pela Lei nº 0381, de 20 de novembro de 1953, na gestão do prefeito Anacleto Campanella, a Biblioteca Municipal Paul Harris foi oficialmente inaugurada em 22 de julho de 1954, tendo iniciado suas atividades já no mês de março daquele mesmo ano.

No início de suas atividades, a Biblioteca Municipal funcionou em prédios alugados: no prédio do Cine Vitória, à rua Baraldi, 743; depois à Avenida Goiás, 1.111, onde hoje é o saguão do Auditório Santos Dumont e, mais tarde, no Edifício Del' Rey, Rua Baraldi, 1.005. Em setembro de 1983, passou a ocupar prédio próprio no Terminal Rodoviário Nicolau Delic, onde ficou até 24 de outubro de 1992, quando foi transferida para a Avenida Goiás, 600, 1º andar, antigo Paço Municipal.

Entre maio de 1984 e junho de 1986, a Biblioteca esteve fechada ao público devido a um princípio de incêndio em suas instalações provocado por um curto-circuito. Voltou às atividades apenas em 1º de julho de 1986. Novamente, entre 10 de janeiro e 20 de março de 1987, a Biblioteca Municipal Paul Harris esteve fechada. Dessa vez, para reparos na sua estrutura física.

Desde a fundação, a Biblioteca Paul Harris teve como responsáveis José Pereira Martins, as bibliotecárias Therezinha Augusta Carvalho Gandra, Durvalina Soares Silva Rodrigues, Maria Aparecida Higa, Letícia Fiorotti e as encarregadas Clara Pastore, Maria de Lourdes Paulino, Isaura Castilla Rech e Ana Maria Guimarães Rocha.

## Características

No transcorrer do ano de 1954, ano de sua fundação, a Biblioteca teve o seguinte movimento: 1.042 consulentes, 4.000 empréstimos de livros, 11.527 visitas. O acervo era de 2.600 exemplares de livros. Em 1955, o movimento foi de 10.840 empréstimos de livros, 22.107 visitas. O acervo passou a 3.893 exemplares. No ano seguinte, o acervo subiu para 4.749 exemplares e o movimento foi de 25.925 livros emprestados e 25.286 visitas.

Hoje, a Biblioteca Municipal Paul Harris conta com um acervo de mais de 20.000 volumes. Rece-



Acervo: Sônia Bertochi

*Feira do livro das duas bibliotecas juntas. Da esquerda para a direita, fila de trás: (?), (?), (?), Áurea, Brasilina, (?), Manoel, Jane, Heitor. Fila da frente: Eunice, Clara, Dádiva, Francisca, Leal, Yolanda, Alaíde, ex-prefeito Raimundo da Cunha Leite, Therezinha, Ediléia, Luíza*

be os jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, Diário do Grande ABC, Jornal de São Caetano e Diário Oficial do Estado de São Paulo, além das revistas Ano Zero, Cláudia, Geográfica Universal, Exame, Exame Informática, Isto É, Manchete, Nova, Nova Escola, Planeta, Super Interessante, Veja e Seleções, e folhetos e revistas enviadas pelas mais variadas entidades.

O arquivo de calendário cívico (datas comemorativas) e os recortes ultrapassam 20.000 exemplares. Há ainda uma área infanto-juvenil com aproximadamente 3.000 livros e seções de referência, com coleções, atlas, enciclopédias e dicionários. O horário de atendimento ao público é o seguinte: de segunda a sexta, das 8h00 às 18h00; aos sábados, das 9h00 às 15h00. Hoje, a Biblioteca Municipal recebe, em média, 600 visitas por dia.

## Atividades

Hora do Conto: atividade adotada como forma de atrair o público infantil e estimulá-lo a frequentar a biblioteca. Recebe grupos de crianças das es-

colas particulares e da rede pública de ensino.

Encontro com Escritores: a característica principal dessa atividade, que reúne escritores e o seu público, é incentivar a prática da leitura.

Gibiteca: encontra-se em fase de implantação a coleção de gibis variados, para leitura na própria biblioteca.

Palestras: A Biblioteca promove palestras sobre vários assuntos.

Visitas monitoradas: a biblioteca recebe visitas de grupos de estudantes de 1º e 2º graus de escolas municipais, estaduais e particulares, inclusive de outros Municípios. Essas visitas têm como objetivo mostrar como funciona a biblioteca e quais os serviços e atividades que ela oferece.

Exposições Multimídia: caracterizam-se como programa informacional. Apresentam além de painéis sobre o tema, outras formas de registros, como fitas de áudio e vídeo. Proporcionam, ainda, a possibilidade de ações paralelas como debates, concursos, oficinas, etc. sobre temas significativos, mobilizando a coletividade, principalmente os estabelecimentos de ensino.



Primeiros funcionários da biblioteca em 1954. Sentado à esquerda, José Pereira Martins; em pé, dona Corina e Vilma Marques

## Quem foi Paul Harris

Paul Percy Harris, o fundador do Rotary, nasceu em Racine, Wisconsin, Estados Unidos, em 19 de abril de 1868. Estudou na Universidade de Iowa, de onde recebeu o diploma de bacharel de Direito. Em 1933, recebeu um doutorado honorário da Universidade de Vermont. A organização dos escoteiros da América conferiu-lhe o Prêmio Silver Buffalo e foi condecorado pelos governos do Brasil, Chile, República Dominicana, Equador, França e Peru.

Paul Harris trabalhou como repórter de jornal, foi professor de uma Faculdade de Economia, ator numa companhia de teatro e vaqueiro. Fez inúmeras viagens pelos Estados Unidos e Europa como representante de uma companhia de mármore e granito. Essa variedade de experiências ampliou a sua visão e foi, mais tarde, de grande auxílio para a expansão do Rotary.

Em 1896, Paul Harris foi para Chicago exercer a advocacia. Em 1900, depois de jantar com um advogado que morava num bairro residencial de Chicago, Paul Harris ficou impressionado pelo fato de que seu amigo parou em algumas casas comerciais do bairro e o apresentou aos proprietários que eram seus amigos. Este fato deu a Paul Harris a idéia de que ele também poderia fazer amizades sociais com alguns de seus clientes e resolveu organizar um clube que reunisse um grupo de homens de negócios e profissionais num círculo de amizades e companheirismo.

Em 1905, tinha formulado uma filosofia própria sobre relações comerciais. Conversando sobre o assunto com três de seus clientes (Silvester Schiele, comerciante de carvão, Gustavus Loehr, engenheiro de minas e Hiram Shorey, alfaiate), decidiu organizar com eles o clube que vinha planejando desde 1900. A primeira reunião foi realizada no dia 23 de fevereiro de 1905, formando-se assim o núcleo que serviu de ponto de partida para os milhares de Rotary Clubes que mais tarde foram organizados no mundo inteiro.

Paul Harris chamou o novo clube de Rotary devido ao fato de que seus sócios se reuniam nos seus

respectivos lugares de negócios, em rodízios. Essa idéia foi de agrado geral e seu quadro social cresceu rapidamente. Quase todos os sócios haviam sido criados em cidades pequenas e no Rotary Club tinham a oportunidade de encontrar e estabelecer um tipo de amizade íntima, semelhante àquela dos dias de sua infância. Quando, no terceiro ano da existência do

clube, Paul Harris se tornou seu presidente, quis divulgar o movimento rotário a outras cidades porque estava convencido de que a idéia do Rotary Club poderia ser desenvolvida para tornar-se um importante movimento de prestação de serviços.

Por ocasião de seu falecimento, em janeiro de 1947, Paul Harris era Presidente Emérito do Rotary Internacional. Havia então uns 6.000 Rotary Clubes pelo mundo todo. No início de 1983, havia mais de 20.000 clubes em mais de 150 países e regiões geográficas.

## A contribuição do Rotary

Depois de a biblioteca ter sido criada pelo Executivo, o Rotary Club de São Caetano encetou a Campanha do Livro, doando, inicialmente, 350 livros didáticos e mais 40 volumes, raridades bibliográficas, oferta pessoal do presidente, Duran. Em seguida, houve várias outras doações de rotarianos e de não rotarianos. Por exemplo: Waldomiro Pompeu, do Rotary Club de São Caetano, ofereceu uma riquíssima coleção da Bíblia Sagrada, comentada pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo; os irmãos Saraiva doaram toda a coleção Saraiva; Jales Salgueiro ofereceu uma coleção de livros raros; Mário Rodrigues ofereceu uma coleção completa do Jornal de São Caetano; Luiza

Ramos de Azevedo doou cerca de 200 volumes, além de várias outras doações individuais.

O número de livros entregue até agora transcende a cerca de mil. Foram, ainda, tomadas em benefício da Biblioteca assinaturas da Vida Rotária e do Brasil Rotário bem como são enviados regularmente exemplares do boletim do clube.

Como consequência dessa ação, o Poder Público elaborou uma lei dando a denominação de Paul Harris à Biblioteca Pública Municipal. A placa indicativa foi solenemente inaugurada no dia da visita oficial do governador rotariano, a 6 de dezembro de 1954. Em seguida foi inaugurado, no recinto da Biblioteca, um grande retrato de Paul Harris, em moldura artística oferecida por Pedro Calvo Duran, progenitor do presidente Duran.

O Conselho Diretor do Rotary Clube de São Caetano do Sul para o ano de 1954 era assim constituído: presidente, Manoel Gutierrez Duran; vice-presidente, Anton Holger Wilhelmsen; 1º secretário, Jordano P.S. Vincenzi; 2º secretário, José Luiz Flaquer Neto; 1º tesoureiro, Cristovam Miguel Sanchez; 2º tesoureiro, Jayme da Costa Patrão; diretor do Protocolo, Odilon de Souza Mello; diretores sem pasta, Urames Pires dos Santos, Keigo Toyoda e, último presidente, Mário Porfírio Rodrigues.

O quadro Social do Rotary Club de São Caetano, em 30 de junho de 1955, era o seguinte: Armando Marcon, Mário Olindo Ferreira de Andrade, Mário Porfírio Rodrigues, Eneas Chiochetti, Anacleto Campanella, João Dal'Mas, João Cambaúva, Thomas Pirozzi Netto, Alfredo Rodrigues, Sebastião Sampaio de Assis, Avelino Benedito Poli, Ajszik Goldberg, Oswaldo Samuel Massei, Anton Holger Wilhelmsen, José Luiz Flaquer Neto, Keigo Toyoda, Dirceu Luiz, Abdias Fenício, Antonio Marques Luiz, Carmine Walter Barile, José J. Domingos Guerra, João Millo Ferrari, Girsz Kogan, Jayme da Costa Patrão, Manoel Gutierrez Duran, Urames Pires dos Santos, Geraldo Cambaúva, Oswaldo Falchero, Jordano P.S. Vincenzi, Antonio Caparróz Guevara, Antonio Júlio S. Margarido, Léo Lucas Aloí, Filomena Silvestre, Oséas Fialho dos Reis, Francisco Medina Coeli, Rodolpho Mesquita Sampaio, Markesz Alajos [1.].



Da esquerda para a direita: Alaide, Áurea, dona Maria, Clorinda e Izaura.

## São Caetano anos 50

Conforme nos relata o jornalista e historiador Ademir Médici, em seu livro *Migração e Urbanização*. A presença de São Caetano no Região do ABC, o pós-autonomia de São Caetano ofereceu à cidade uma expansão maior e obras de infra-estrutura há tempos reivindicadas. As ruas centrais, ao menos, começam a ser pavimentadas. Os festejos de aniversário de 1952, por exemplo, deixaram fotografias de escoteiros e estudantes desfilando numa rua Baraldi calçada de paralelepípedos. O mesmo se pode falar dos desfiles do aniversário de 1954, dessa feita numa rua Perrella também calçada com paralelos.

São Caetano vivia, na década de 50, um momento de expansão. Ganhava estabelecimentos comerciais do porte da Irmãos Del'Rey & Cia, criado em 1950 na rua Baraldi, onde os proprietários chegaram a construir um observatório astronômico dotado de um dos maiores telescópios do Brasil.

Foi dentro dessa perspectiva de desenvolvimento geral que se vislumbrou a necessidade de criação de uma biblioteca pública que atendesse à população da cidade que, no início da década de 50, tinha as seguintes características: população: 60.200 habitantes; firmas taxadas, 1.320; indústrias taxadas, 240, divididas entre as de montagem de automóveis (no caso a GM), cerâmica, tecelagem, fundição, metalúrgica, gêneros alimentícios, produtos alimentícios, serraria, velas, porcelanas, produtos químicos, olaria (ainda existiam quatro: Adeline Stefanini, Angelo Santi, Domingos Perim e Ernesto Antonio da Silva), chinelo, artefatos de ferro e botões, conforme, cita Ademir Médici.

Os anos foram muito importantes para São Caetano em todos os aspectos: a cidade ganhou seu primeiro ginásio estadual (1958); o Ginásio de São Caetano e a Escola Técnica de Comércio de São Caetano instalaram novos cursos - Científico e Normal - ampliando assim o ensino médio no Município (1952). Foram criados o Hospital São Caetano (28 de julho de 1954), o Centro Acadêmico (24 de julho de 1955), a Rádio Cacique (28 de julho de 1958), a Acascs (1957), a Associação Profissional dos Trabalhadores nas Indústrias Mecânicas e de Material Elétrico de São Caetano (10 de julho de 1954), o Sindicato dessa mesma categoria (25 de março de 1958), o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São Caetano do Sul (19 de março de 1954), o Sindicato dos trabalhadores na Indústria de Construção Civil de São Caetano (1955), o Museu Municipal, primeiro Museu do ABC (1959).

Foi dentro desse contexto de caráter expansivo que foi criada, em 22 de julho de 1954, na

gestão do prefeito Anacleto Campanella, a Biblioteca Municipal Paul Harris. E, já no final da década, a cidade apresentava (ainda segundo Ademir Médici) os seguintes dados: 110.000 habitantes, 1.765 estabelecimentos comerciais, 20.000 operários morando na cidade, 20.000 que moravam em outras cidades e trabalhavam em São Caetano, 17 escolas primárias, três ginásios, uma escola normal,

vel de registro do conhecimento humano. Por isso, as bibliotecas sempre funcionaram como centros de informação.

Entretanto, a partir do momento em que surgiram outras modalidades de comunicação desse conhecimento, as bibliotecas sentiram a necessidade vital de incorporá-las. Assim, se atualmente podemos contar com o recurso de filmes, a biblioteca

deve criar uma sala de exibição desses filmes para o público; em havendo público, surge a convivência. A convivência estimula a troca de idéias, o que leva, necessariamente, à criação de novas possibilidades de pensar e expressar esse pensamento.

Dessa forma, como estratégia de política cultural, um caminho possível para a vitalização das ações no campo das bibliotecas é superar seu conceito de mera "coleção de livros organizados", adotar a idéia de "fonte de informação pública" e preparar-se para os seus desdobramentos.

Essa postura implica, pois, incrementar a biblioteca municipal, transformando-a em espaço de informação (divulgação/consumo de bens culturais), e criação (fermentação de novas idéias/ produção de bens culturais).

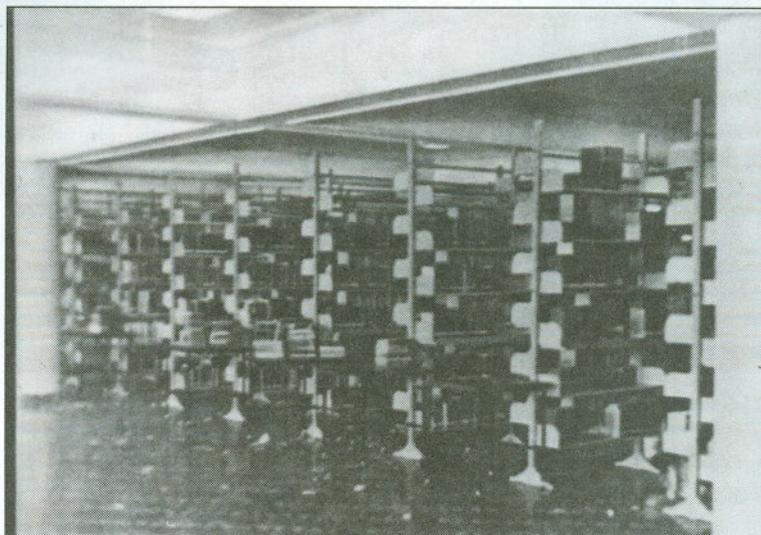
Na prática, isso já começou a ocorrer através de atividades como Exposições Temáticas e atividades paralelas pertinentes (Orquídea e Meio Ambiente, A História do Rádio,

Feminismo), Escritor na Cidade, Hora do Conto, palestras, entre outras.

Outro passo importante para a vitalização da Biblioteca Paul Harris foi sua integração ao Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo. Esse Sistema tem como objetivo principal estimular a criação e o desenvolvimento das bibliotecas públicas nos Municípios, favorecendo sua integração e o trabalho cooperativo.

A participação da Paul Harris efetivou-se através de convênio firmado entre a Prefeitura Municipal de São Caetano e a Secretaria de Estado de Cultura em 28 de dezembro de 1993.

Seguindo as diretrizes do Sistema de Bibliotecas, foi criada, ainda em 1993, a Comissão Municipal de Biblioteca, integrada por Dulce B. Venesian, representante da Biblioteca Municipal; Divanir Pereira, representante da Delegacia de Ensino de São Caetano do Sul; José Roberto Gianello, representante da Fundação Pró-Memória; Ana Maria Rocha, representante das escolas muni-

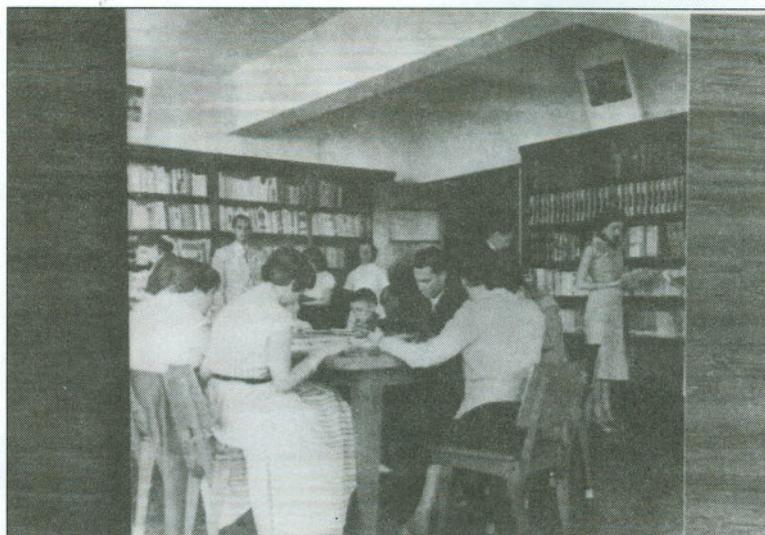


Acervo: Sônia Bertochi

A Biblioteca, em 1968, ano de sua mudança para outro prédio.

uma escola de comércio, uma escola do Senai, 23 escolas diversas, quatro hospitais, dois postos de puericultura, um centro de saúde, 45 médicos, 48 dentistas, 46 farmacêuticos, 50 clubes de futebol, 12 empresas de ônibus, 6.351 veículos motorizados

tura), e criação (fermentação de novas idéias/ produção de bens culturais).



Acervo: Sônia Bertochi

O Edifício Del'Rey

e 20.000 prédios, um museu e uma biblioteca.

### Metas da biblioteca

O livro - precedido pelos rolos de papiro - foi, durante séculos, praticamente, a única forma possí-

cipais de São Caetano do Sul; Paulo Souza Ramos, representante da Academia de Letras da Grande São Paulo e Sônia R. Bertochi, assessora de Cultura do Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura. Essa comissão tem como atribuições fundamentais: a participação no planejamento das atividades da Biblioteca, a fixação de diretrizes administrativas básicas, a seleção e a aquisição de material para o acervo. A realização dessas atribuições possibilita a construção de uma biblioteca com a cara da cidade e, portanto, aberta à apropriação pela comunidade, garantindo a participação de outras esferas culturais e outras instituições da vida da biblioteca.

## Memória

Depoimento de dona Corina Saviolli Grigoletto, primeira funcionária da Biblioteca:

*"Comecei a trabalhar na biblioteca no dia 8 de fevereiro de 1954. Entrei naquela sala enorme, lá no Cine Vitória, no terceiro andar. Fiquei lá sozinha durante uma semana. Só havia duas estantes, uma mesa e um cadeirinha para mim. Não tinha livros. Mas o seu Mariano falou para eu ficar lá. Depois de três dias, chegaram 200 livros e me deram lápis, cadernos pra eu começar a trabalhar. Uma semana depois, chegou o encarregado, José Pereira Martins. Daí a uns dias, chegou uma escriturária, Vilma Marques. Chegaram também mais estantes, mais cadeiras, mais livros, livros didáticos. Nós ficamos um mês com os portas fechadas, preparando os livros para serem emprestados. Preparamos tudo e abrimos. Já no primeiro ano, a biblioteca começou a ser muito freqüentada: primeiro por alunos de primário e ginásio, depois por alunos dos cursinhos. Eu me lembro até hoje de alguns freqüentadores: Dagoberto Callegari, médico neurologista, Eduardo Agostini, Flávio Sepulveda. No prazo de dois ou três anos, eram muitos os frequentadores. A biblioteca funcionava primeiro das 2 às 9 da noite; depois, por causa do movimento, passou a funcionar das 8 da manhã às 9 da noite. Eu trabalhava das 8 às duas da tarde. No sábado, abríamos das 9 ao meio-dia. Trabalhei na biblioteca de 54 a 79, quando me aposentei. Como era uma biblioteca pública, exigia-se muito silêncio e respeito. Eu ficava doente quando um livro era estragado. Acho que peguei amor àqueles livros. Quando comecei a trabalhar lá, já tinha 40 anos, era casada e tinha um filho e uma filha."*

Depoimento de dona Clara Pastore, que nasceu em 18 de setembro de 1916:

*"Tenho muita saudade de todos com quem trabalhei na Biblioteca. Do seu Martins a quem eu devo muito. Ele me ensinou tudo. Eu gostava de atender ao público - a maioria era estudante, mas também vinham pais - era uma maravilha, eu fazia com amor. Eu fui nomeada encarregada da Biblioteca em 11 de maio de 1977, por Vicente Bastos, então Diretor do Depec, na gestão do prefeito Raimundo da Cunha Leite. Mas entrei para a Prefeitura durante a ditadura, ainda em Santo André, antes da emancipação, no tempo do Carvalho Sobrinho. Era encarregada do serviço de documentação e estatística. Não me lembro muito bem das datas.*

Acervo: Sônia Bertochi



Paul Percy Harris, fundador do Rotary

*Aposentei-me em 23 de março de 1981. Não gosto de ficar relembando essas coisas porque há um desgaste interno muito grande."*

Depoimento de dona Alaide Forian, que nasceu em 4 de agosto de 1931. É viúva de Alcides Forian, funcionário da Prefeitura durante 35 anos:

*"Meu apelido era Baixinha e eu trabalhei 28 anos na Prefeitura, sendo 18 anos na Biblioteca Paul Harris, de 1974 a 1992. Lembro com saudade*

Acervo: Sônia Bertochi



Fachada da Biblioteca na Rua Baraldi, no prédio Del' Rey

*dos meus colegas: Therezinha Fandra, que era bibliotecária, Lourdes, Clara, Corina, que me orientou muito. Gostava muito da Heleninha Petronilho, assessora de Cultura do Depec; enfim, lembro com carinho de todos. Lembro também dos freqüentadores, alunos, na maioria, com muita educação. Hoje ainda encontro alguns na rua e os reconheço: Francisco Veroni Filho, médico ortopedista, Flávio Rstom, médico e vereador, Miguel, médico. Eu ando pela rua e muitos também ainda me reconhecem. Isto dá um prazer grande."*

Depoimento de dona Izaura Castilla Reches, que trabalhou como encarregada da Biblioteca:

*"Entre para a Prefeitura em 1959 e, em 1972, fui para a Biblioteca. Naquela época, a biblioteca funcionava na rua Baraldi, no prédio Del' Rey. Trabalhei também no prédio do Terminal Rodoviário Nicolau Delic. Saí em 11 de março de 1985, quando me aposentei. Quando fui para a biblioteca, em 1972, tive muita dificuldade, mas o sr. Martins me orientou e me incentivou muito. Devo muito a ele. Quando ele morreu, entrou a dona Therezinha Gandra. Aí ela me ensinou um outro método, outras técnicas. Eu adorava o serviço. Lembro, às vezes, do princípio de incêncio que aconteceu na biblioteca. Era um sábado mais ou menos às três da tarde; já não havia mais ninguém na biblioteca, e os funcionários já estavam de saída, a Áurea e a Alaide. Então nós chamamos Wanderlei Moreira dos Santos, que era diretor do Depec, a Heleninha Petronilho, que era assessora de Cultura. Eles chegaram rápido ao local. Bem, depois disso, a biblioteca ficou interditada por um tempo para se fazer os reparos nas instalações elétricas. Enfim, eu tenho muita saudade de todos: da dona Corina, da dona Clara, da Áurea, da Alaide, do seu Francisco, da Dádiva."*

Depoimento de Paolo Gambogi, proprietário e diretor do Colégio Singular; freqüentou a Paul Harris na década de 60:

*"Foi freqüentando a Paul Harris que meu espírito de pesquisa, de procura foi despertado. A ajuda da Biblioteca foi fundamental para o bom desenvolvimento dos trabalhos escolares solicitados pelos professores do Colégio Bonifácio de Carvalho: o Fábio, o Aimée, o Laurito, o Cláudio Dall' Anese, o Rodovalho, a Maria José, e tantos outros. Esses foram grandes incentivadores, os que não se cansavam de dizer que era só procurando virar-se que se conseguiria a formação intelectual, técnica e profissional. Havia um incentivo para ir à Biblioteca que, além de um local de estudo, era um point obrigatório para os jovens da época. Dali se saía para um cafezinho na Baraldi."*

Depoimento de Tânia E. Veronesi, diretora da Escola de Ecologia de São Caetano:

*"A Biblioteca Paul Harris era, nos anos 60, o nosso ponto de encontro de troca de bilhetinhos, olhares superando até a troca de informações. Estudando em colégio particular feminino, onde a bibliografia era induzida, tive, na Paul Harris, a liberdade e a satisfação de ler autores como Monteiro Lobato ou Jorge Amado, com sua linguagem*

erótica. Estamos entrando agora na era da leitura informatizada, porém o leitor deve saber fazer uso pedagógico da tecnologia, para não se perder o contato livro/pessoa. Seja como for - a biblioteca informatizada ou como ponto de encontro - ninguém jamais é o mesmo após ler um livro; e isto aliado à liberdade de escolha já é uma grande vitória."

Depoimento de Ana Maria Guimarães Rocha, encarregada da Biblioteca desde 1986:

"A nossa Biblioteca Municipal Paul Harris chega aos 40 anos experiente. Lutou, preservou, ganhou, resistiu. Mantendo a obstinação idealista, permanece disposta a ocupar o espaço e respeito que são seus por conquista e direito, pois luta em nome dos estudantes, dos educadores, das donas-de-casa, dos idosos, dos profissionais liberais, dos pesquisadores, enfim, em nome da sociedade sancaetanense, que precisa de informação para o seu avanço social e cultural, além do científico e tecnológico."

Depoimento de Marco Antonio Espósito (frequentou a Biblioteca nos anos 60):

"Sem dúvida, a Biblioteca Municipal de São Caetano foi muito importante, devido ao fato de permitir a todos consultas em livros de que muitos não dispunham antigamente. Serviu também de ponto de convívio, inclusive com a formação de grupos para representações teatrais amadoras. Hoje, novos tempos, necessários são micros, redes



Entrega da primeira aquisição de livros ao prefeito Anacleto Campanella (esquerda), Jayme da Costa Patrão e, na tribuna, Manoel G. Duran, presidente do Rotary Clube de São Caetano, Distrito 119, em 1954

de comunicação com outras bibliotecas e Universidades, através de fax-modem, tornando a comunicação global instantânea. Não éramos mais felizes antigamente?"

#### 40 anos, uma jovem senhora

Escrever este artigo sobre a Biblioteca Municipal Paul Harris proporcionou um prazer todo especial, pois essa instituição desempenhou importante papel na minha história de vida. Afinal, nós somos da mesma geração. Eu completo 43 anos este ano, e ela 40. Crescemos, no sentido mais lato da palavra, juntas. A minha relação com bibliotecas, praticamente, não existiu antes de conhecer a Paul Harris. No Grupo Escolar Dom Benedito Paulo Alves de

Arquivo: Sônia Bertochi

Souza, onde fiz o primário, não havia biblioteca. Já no Colégio Nossa Senhora da Glória, onde cursei o antigo ginásio, havia uma boa biblioteca. Mas ela me estimulava pouco porque só podia ter acesso ao que era permitido pelas mães. Jamais um Jorge Amado, um Graciliano Ramos, um Oswald de Andrade ou Mário de Andrade. Além disso, a leitura era obrigatória. Isso, naquele momento, não me parecia bom.

Mas em 1966, fui cursar o Clássico no então Ginásio Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho. Nessa época, a Paul Harris funcionava justamente no prédio em frente ao ginásio, não era preciso nem atravessar a rua. Entrei lá a primeira vez para fazer uma pesquisa, apenas um trabalho escolar. E, surpresa, percebi rapidamente que poderia ler o que quisesse, ao sabor da minha vontade ou da minha curiosidade. Eles, aqueles e tantos outros mais, estavam todos lá, na prateleira esperando por mim. Então, o conceito antigo que eu tinha sobre bibliotecas cedeu lugar ao de área de lazer.

A partir daí, foram muitas as descobertas e eu penetrei vorazmente no mundo da leitura. Era como se portas e mais portas fossem se abrindo magicamente diante de mim; e, diante de cada porta, um mundo novo, novos seres, novas paisagens, novos comportamentos, novas possibilidades de vida; fiz viagens fascinantes e imaginei outras tantas; isso só fez aguçar cada vez mais a minha curiosidade intelectual que, até hoje, não se esgotou.

Adquiri, frequentando a Paul Harris, uma agradável disciplina de leitura. E, hoje, as bibliotecas públicas, universitárias, particulares, bem como as livrarias, são parte muito importante das minhas atividades de ensino, pesquisa e reflexão. Por isso, o prazer especial em homenagear a Biblioteca Municipal Paul Harris quando ela se torna uma jovem senhora, de 40 anos. Parabéns, e obrigada por ter me proporcionado saber e sentir que a vida não é só isto ou aquilo, mas pode ser isto e aquilo e mais isto e mais aquilo...

Arquivo: Sônia Bertochi



Primeira Campanha do Livro Pró-Biblioteca Paul Harris. Jayme da Costa Patrão (à direita) entrega os livros ao ex-prefeito Anacleto Campanella (esquerda)

(\*) Sônia Regina Bertochi é professora de Português e de Literaturas Brasileira e Portuguesa. É assessora de Cultura da Prefeitura de São Caetano

Notas

[1.] Informações retiradas do relatório apresentado pelo presidente do Rotary Clube de São Caetano do Sul, Manoel Gutierrez Duran, referente ao exercício de 1954 a 1955, ano do Jubileu de Ouro do Rotary. O documento foi gentilmente cedido por Jayme da Costa Patrão;

# Imagens dos Rodrigues Vieira

Ademir MÉDICI (\*)

Acervo: Fundação Pró-Memória



Década de 20. O barco tipo gôndola vai atracando às margens do córrego Utinga, no ponto convergente entre as atuais rua Nazareth, avenida Dom Pedro II e alameda Cassaquera. O curandeiro Vicente está no barco, com outros familiares. A vegetação tipo capoeira domina a paisagem. As águas, puras, são fartas

Acervo: Fundação Pró-Memória



Anos 20. A casa primitiva onde Vicente Rodrigues Vieira atendia no cômodo principal, o de frente, em primeiro plano. Era considerada uma espécie de capela. Na verdade, era a casa do curandeiro, transformada em ponto de oração e atendimento aos que o procuravam. No verso da foto, há o carimbo do Foto R.Fâmula-irmãos, de São Caetano

27

A pequena Shirlei Vieira cresceu ouvindo falar do bisavô Vicente e dos peregrinos que o procuravam em São Caetano, no início do século, em busca de cura física e mental. Mas a sua convivência foi com o avô Bento, filho de Vicente, que herdou do pai o dom de benzer e a paciência de atender aos que o procuravam em sua capela.

Na capela, era Trindade, nora de Bento, mãe de Shirlei, quem ajudava Bento no atendimento aos necessitados. Shirlei, então, convivia diretamente com o avô benzedor. Ele a adorava; a recíproca era verdadeira. Bento morreu em 1958, Shirlei tinha apenas sete anos. Mas guardou na memória as histórias todas que o avô contava.

## Suas lembranças

1. Ele fazia bacias de pipoca. Cozinhava ovos, gostava de preparar conservas, que eram guardadas naqueles litros antigos de leite, de vidro mesmo;
2. Bento gostava de sentar-se à mesa com as netas além de Shirlei, Margarete e Ivone, filhas de

Acervo: Fundação Pró-Memória



Década de 40. O quintal da casa dos Rodrigues Vieira. De branco, sua neta Inês Rodrigues Vieira, filha do Bento. O sanfoneiro é José Antonio Galdiano, ao lado da esposa Francisca Burgo Galdiano. Os Galdiano eram sogros de Vicente Rodrigues Vieira (neto), filho de Bento, casado com Trindade Galdiano Vieira. A torre ao fundo sustentava enorme cata-vento

Acervo: Fundação Pró-Memória



A casa de Vicente Rodrigues Vieira em 1949, já ampliada. Os morros ainda continuavam vazios ao fundo e é possível descortinar o topo da torre com o cata-vento. Do livro *Migração-Urbanização*: "O ponto exato da casa em que o curandeiro Vicente atendia localiza-se, hoje, entre a alameda Cassaquera, rua Arary, rua Guarda-Mór Greenhalgh e rua Lomas Valentina. Uma área acidentada, verdadeira barroca, tendo ao fundo do vale o córrego Utinga".



Anos 40. A capela construída, nesse período, por Bento Rodrigues Vieira, no fim da Cassaquera, onde está a praça Francisco Pires. A capela existiu até o início da década de 70, quando foi demolida pela família. Bento morreu em 8 de março de 1958, em Santos. Enquanto seu corpo era transportado para São Caetano, familiares e amigos rezaram um terço no interior da sua capela, pela sua alma. Seu corpo não foi velado na capela, nem foi celebrada missa no local em sua homenagem, por decisão da família

Acervo: Fundação Pró-Memória



O bar do Bento, na esquina da Cassaquera com Paraguaçu. A capela ficava ao lado. O prédio seria ampliado várias vezes e ainda existe no local

Inês Rodrigues Vieira. Contava histórias, alimentava-se com as netas;

3. O velho Bento ficou tuberculoso. Quase não se alimentava. Ficou internado nos Sanatorinhos, em Campos do Jordão. Depois retornou à sua casa, em São Caetano. A pequena Shirlei levava café para o avô em sua cama. Em retribuição, ganhava a bênção;

- Eu pedia bênção para ele. Beijava sua mão. As pessoas diziam que era perigoso. Chegou a ter recaída. Diziam que eu podia ficar tuberculosa também. Tomava BCG por causa desses contatos. Nunca fiquei doente.



Anos 50. A propriedade dos Rodrigues Vieira, na Cassaquera com Paraguaçu, já ampliada, às vésperas da reinauguração. No verso, o carimbo da Foto Charlez, à rua Goiás, 1.439, São Caetano

4. Dona Trindade, mãe de Shirlei, ajudou sempre o sogro. Anotava num livro próprio os nomes dos visitantes a sua capela. Cuidava da capela. Limpava os santos;

5. Ao lado da casa e da capela, havia um enorme pé de jambo e um pessegueiro. Foi ali que Bento teve sua primeira crise;

6. A família ia sempre ao cemitério, ao túmulo do curandeiro Vicente. Nos finados, eram verdadeiras multidões que acorriam ao túmulo de Vicente. Até hoje é assim. A Prefeitura coloca funcionários de plantão, com sacos de areia, para evitar um incêndio, tal é o número de velas acesas depositadas no túmulo. Visitantes deixam cartas com pedidos nos cantos do túmulo, enfiadas;

7. Quando morreu, Bento estava em Santos. Pensou-se em trazer o corpo para a capela, na Vila Santa Maria. A idéia foi afastada. Os parentes e amigos rezaram em terço na capela, em louvor ao benzedor, que seria sepultado no túmulo do pai Vicente, no cemitério de Vila Paula, onde está também o corpo de sua mulher, Maria Ricci.

Shirlei Vieira Flaminio herdou da mãe as fotos que ilustram esta reportagem. São fotos que ilustram histórias já contadas e recontadas sobre os Rodrigues Vieira, a partir do patriarca Vicente. Fotos que ilustram ou que corrigem informações.

Acervo: Fundação Pró-Memória



Anos 20. Bento Rodrigues Vieira no Jardim da Aclimação, em São Paulo, na pose para o Photo Serra

Acervo: Fundação Pró-Memória



Anos 30. Bento e seu carro em Santos, ao lado de um compadre. A placa do carro tem o nome de São Bernardo, a quem São Caetano era ligado como distrito

Fala-se sempre na capela do Vicente e na capela do Bento, seu filho. A segunda existiu. O próprio Bento a construiu, nos 40. A família a demoliu, no início dos 70. Já a primeira capela, do Vicente, nunca existiu. Vicente atendia na sua própria casa, no desfiladeiro entre a alameda Cassaquera e o córrego Utinga.

Era uma casa simples, do início do século, no meio da propriedade. O cômodo maior era reservado ao atendimento religioso. Ali era o centro do cenário do curandeiro Vicente, onde se concentrava toda a sua energia. Ao redor, colinas suaves e o cór-



Anos 40. Os filhos de Bento Rodrigues Vieira e Maria Ricci Vieira: Cecília Rodrigues Vieira, Vicente Rodrigues Vieira (mesmo nome do avô) e Inês Rodrigues Vieira (Lorente). Sentado, Antonio Rodrigues Vieira, o Toninho. No verso da foto, o carimbo: Multi-Foto Guarani, da avenida Conde Francisco Matarazzo, 96 - fone 300 - sala 1 e 2, São Caetano, SPR

rego Utinga, denominação antiga, já anotada por historiadores como José de Souza Martins em documentos do século XVIII.

Entre os milhares de visitantes, apareciam sempre jornalistas de São Paulo, que divulgaram - até internacionalmente - as atividades de Vicente, o primeiro grande propagador de São Caetano.

A foto do primitivo córrego Utinga, dos barcos tipo gôndolas ou gamelas, é um primor. Não se conhece outra igual. Vejam o córrego Utinga hoje. É a imagem do urbano, deteriorado, retificado, escondido. Ao tempo da foto era largo, imponente, um digno afluente do Tamandatef, este também exuberante, todo em curva, serpenteado em fundos de vale do velho Município de São Bernardo.

Os relatos orais citam sempre as engenhocas do sítio de Vicente Rodrigues Vieira. O gerador para produção de eletricidade. A máquina de fazer sorvete do filho Bento. O pátio grande. As fotos de Shirlei mostram este espaço e uma torre do cata-vento.

Uma foto descoberta neste 1994 pela Fundação Pró-Memória de São Caetano revela a capela do Bento sem a cruz. Na coleção de Shirlei aparece a capela, quando da sua construção, com a cruz no topo. E vão surgindo outras histórias que quebram um pouco o eixo sempre muito centrado na figura de Vicente,

o curandeiro.

Por exemplo: Vicente, o neto, filho de Bento, trabalhou na Matarazzo. Sua esposa, Trindade Galdiano, natural de Presidente Bernardes, morava na Vila Bela, em São Paulo, na divisa com São Caetano. Conheceram-se num salão de baile da Vila Barcelona que tinha o apelido de Chupa-Dedo. Trindade se comportaria como uma auxiliar notável do sogro Bento.

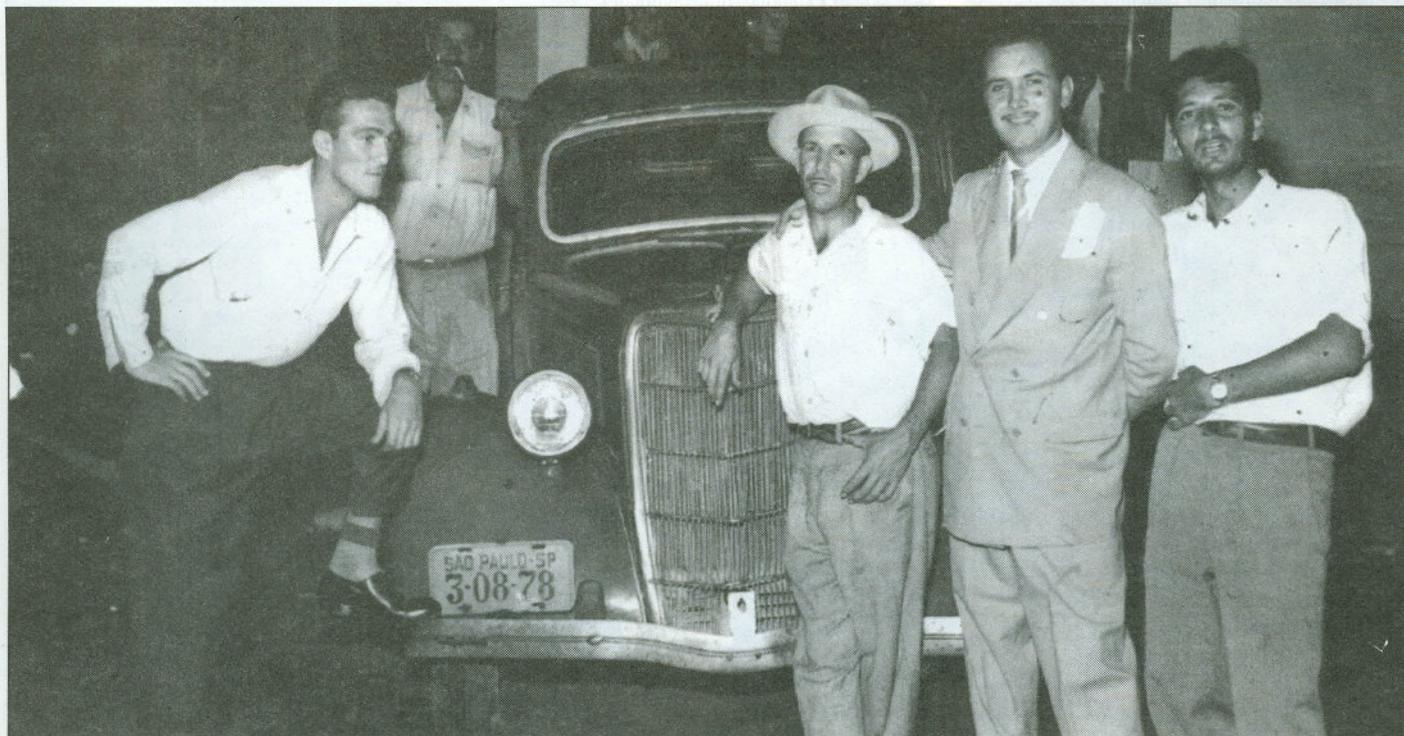
O curandeiro Vicente Rodrigues Vieira era casado com Maria Joaquina de Jesus Vaz Rodrigues Vieira. Tiveram 11 filhos. Hoje são poucos os descendentes que levam o Rodrigues Vieira no nome.

Dos filhos homens de Vicente Rodrigues Vieira, apenas um se casou: Bento. O mais velho dos quatro filhos de Bento e Maria Ricci, Vicente (o neto), só teve uma filha, Shirlei. O outro filho homem, Antonio Rodrigues Vieira, tem dois filhos, Marcos e Wagner, bisnetos de Vicente Rodrigues Vieira, o curandeiro, como Shirlei e como suas primas, Margarete, que morava na Cassaquera, e Ivone, que reside no Morumbi, de onde veio o bisavô, filhas de dona Inês.

(\*) Ademir Medici é jornalista e responde pela coluna Grande ABC Memória, do Diário do Grande ABC. Tem vários livros publicados sobre a História do Grande ABC, um dos quais refere-se à formação urbana de São Caetano do Sul.

#### NOTA

Sobre os Rodrigues Vieira, ler: Medici, Ademir - Migração e Urbanização - A presença de São Caetano na região do ABC, São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.



Anos 50. Reinauguração do prédio dos Rodrigues Vieira, na Cassaquera. Toninho Rodrigues Vieira, Edmundo Antonio Cristofani, Juca e Vicente, o neto. Autoria da foto: Foto Charlez, da Goiás

# Televisão e cotidiano em transformação

Antonio de ANDRADE (\*)

Acervo: José Roberto Gianello

**E**m Raízes 9, tratamos da chegada da televisão ao Brasil, em setembro de 1950, quando da inauguração da PRF 3 TV Tupi, em São Paulo (1). No final do texto foi mencionada reportagem do Jornal de São Caetano, de 13 de janeiro de 1951, dando conta da instalação de um aparelho receptor de TV no recém inaugurado Mercado Inca. No texto referia-se o repórter ao fato de, provavelmente, existir na cidade, naquela data, apenas um destes aparelhos.

O artigo publicado em Raízes rendeu desdobramento, polêmicas e informações complementares. Assim é o cotidiano da recuperação da memória, alimenta-se dos esforços isolados, da constatação de que aquelas fotos, aqueles documentos, esquecidos numa gaveta possam interessar e revelar fatos importantes e/ou curiosos da vida de uma comunidade. Assim foi no caso da recuperação da memória dos primeiros momentos da televisão entre nós. Pela proximidade de São Paulo, puderam os moradores locais vivenciar todo o processo de surgimento e implantação desta tecnologia, mais ainda, através de alguns moradores puderam participar con-

cretamente daqueles momentos pioneiros que, aos poucos, vão sobrevivendo apenas na memória dos que tiveram possibilidade de assistir às primeiras transmissões. Cabe lembrar que a inovação do vídeo tape somente chegaria em meados da década dos anos sessenta, quando a TV de há muito completara seu primeiro decênio.

Gostemos ou não da televisão, somos todos prisioneiros de sua magia e poder. Nenhuma pessoa, nenhuma sociedade seria a mesma após os anos 50. Até mesmo o cinema, até então fonte insuperável de entretenimento, acabaria por ceder espaço à nova invenção. Para alguns leitores, a expressão cidade pacata, ao nos referirmos a São Caetano de então, acabou soando como sinônimo de atraso. Nada disso, muito pelo contrário, o Município recém criado explodia em crescimento

Acervo: Família de Sebastião Gangora



Foto de participação de Sebastião Gangora no programa Não durma no ponto da TV Paulista - canal 5 - 1961.

Publicidade da T.V. Admiral Publicada na Revista O Cruzeiro, de 1 de Novembro de 1952.

Acervo: Família de Sebastião Gangora



Sebastião Gangora nos bastidores da TV Paulista canal 5, no programa Não durma do ponto.



1952 - Bastidores da campanha eleitoral de Acacio Camargo à Prefeitura de São Caetano do Sul. Ventura (lado direito) locutor e candidato a vereador recepciona o famoso apresentador do Clube Papai Noel da Tupi: Homero Silva.



Tarefas de Sebastião Gongora no programa Não Durma no ponto. Enjaulado no zoológico de São Paulo

e dinamismo. Pacata e simples era a teia social, a unir os diversos segmentos da sociedade do antigo núcleo colonial. Tudo parecia estar por acontecer, ao menos é o que se depreende da leitura dos jornais da época e das entrevistas

com antigos moradores. A vida no seu cotidiano era sofrida mas havia perspectivas no horizonte. O vencer pelo trabalho honesto, e unicamente através dele, era regra. Riscos e apreensões eram os de sempre. Circular pelas ruas, colocar a cadeira na calçada para um papo com os vizinhos e amigos, coisa frequente. Visitar os raros possuidores de aparelho de televisão, para

contemplar a maravilha do momento, acompanhado por bolinhos e cafézinho, uma rotina que se instalava. Surgiam os televisinhos, uma categoria social que marca o derradeiro momento do ritual de socialização da sociedade urbana. A difusão e acessibilidade ao aparelho individual, aos poucos, iria colocar um fim ao mais arraigado e persistente traço de convivência social: a visita.

O estereótipo do moderno, do novo, da inauguração, marca de forma indelével a década dos anos cinquenta. A manchete do Jornal de São Caetano de 9 de janeiro de 1949, anunciando a implantação do novo Município segue nesta direção: "Inauguração do Município de São Caetano do Sul". E não eram apenas as inaugurações. Inovava-se igual-

mente. Na edição de 9 de julho de 1949, refere-se a reportagem do JSC, à uma invenção de um morador local que teria descoberto uma maneira de neutralizar a força de gravidade permitindo, entre outras,

"Voar a alturas vertiginosas e atingir a Europa e os EUA sem barulho e sem gasto de combustível". De volta ao solo defronta-se o semanário com os problemas do cotidiano: a falta de água, esgotos e energia elétrica, melhoramentos disponíveis nas áreas mais próximas do centro. No limiar do surgimento da televisão bairros como Barcelona e Gerti não dispunham de eletricidade. O irreverente chargista Jayme da Costa Patrão aproveita-se da inauguração de mais um melhoramento para ironizar os dramas da cidade. A charge farolagem, que aparece na edição de 4 de fevereiro de 1950 denuncia, com humor e irônia, os dramas do cotidiano local: "água ainda não tem, esgotos idem, condução para os bairros não há, escolas para as crianças não existe, mas em com-

penção temos agora muito farol". Referia-se o perspicaz ilustrador ao semáforo, o primeiro na história da cidade, inaugurado há pouco pelo prefeito Angelo Raphael Pellegrino, na esquina das ruas Baraldi e Manoel Coelho. Registrou a reportagem do JSC que após os discursos de praxe "os presentes dirigiram-se à sede do Clube Comercial onde foi servido um drink".

A demonstrar que a cidade não era, por assim dizer, uma ilha de tranquilidade observe-se a prisão, em maio de 1950, no Bairro da Fundação, de Gino

Tambora que vinha atormentando a vida dos moradores do antigo bairro da ponte. Novamente cabe à reportagem do JSC esclarecer que o meliante, já conhecido da polícia foi apanhado em flagrante por um guarda noturno (...). Interpelado pelo titular da Delegacia sobre os frangos roubados, Gino declarou que os havia comido, motivo pelo qual se acha na impossibilidade de devolvê-los".

Não apenas as inovações, inaugurações e ladrões de galinhas frequentavam as páginas do JSC, retrato vivo da cidade, preocupações com as mudanças nos hábitos e costumes arraigados na vida social abriam espaço para crônicas e comentários, como por exemplo, o artigo de José Nuzzi Filho que parece na edição de 3 de junho de 1950: "Devem ou não trabalhar a mulheres? A procura de uma resposta para tão complexa pergunta". Se cabia dúvidas ao direito da mulher trabalhar, aos homens as concessões eram de maior liberalidade. Em meados de 1951 o cine Max anunciava, para as quartas-feiras, sessões exclusivas para os homens. Aliás o cinema estava em seu período áureo. Sessões permanentemente lotadas. As salas de exibição espalhando-se pelos bairros. Em novembro de 1950, em sessão festiva, estreava no Cine Max a primeira pro-



Tarefas de Sebastião Gongora no programa Não Durma no ponto. Com o goleiro Poy do São Paulo F.C

dução da Vera Cruz. O Cinema brasileiro atingia, via São Bernardo do Campo, sua maioridade. O Cine Primax era inaugurado, após disputado concurso público para a escolha do nome da nova casa de espetáculos da família Lorenzini. Em fevereiro de 1952 era inaugurado na Vila Gerti o Cine Éden, propriedade de Eunice Tornincara e Riccione Piotto. O cronista do JSC, Marius, ficara bem impressionado com o novo cinema, "localizado na lamacenta Rua Visconde de Parnaíba". Pouco antes Antonieta e Francisco Matarazzo haviam inaugurado no Bairro Barcelona o cine Copacabana, com capacidade para 3.000 espectadores.

A televisão, mera curiosidade, não assustava nem sustava os investimentos na área cinematográfica. Nas páginas do JSC um cronista do mais alto nível-Urames Pires dos Santos-mantinha uma coluna, Cinema e Teatro, que formaria uma geração de aficcionados do cinema e do teatro de alto nível. Astuto observador do que acontecia a seu redor chama a atenção dos leitores para o potencial do teatro televisionado, isso em 29 de março de 1952. "A televisão oferece ao ator a grande possibilidade de tornar-se um mímico por excelência dominando as palavras com o gesto e a face, o que foge completamente de observação no simples teatro de ribalta (...) o teatro televisionado vai aos poucos se curando de suas doenças de criança e conquistando o seu público, hoje restrito mas que em breve será a maior platéia do mundo". Brilhante premonição do competente articulista.

A difusão da televisão pelos bairros que já possuíam energia elétrica foi bastante rápida, embora o custo fosse excessivamente elevado. Segundo depoimento do ex-vereador Fábio Ventura, um dos primeiros a adquirir um aparelho receptor, o custo era de um "conto e quinhentos", muito dinheiro para a época. Mas era um aparelho completo, era um enorme gabinete contendo além do televisor, rádio e toca-fitas. Fato que comprova a rápida aceitação do novo produto e a existência de consumidores em potencial é o surgimento na imprensa local de publicidade da loja dos Irmãos Del Rey, anunciando a venda deste produto. Um setor do comércio que, de pronto, assimilou a televisão, e graças a ela dinamizou e ampliou seus lucros, foi o dos bares e restaurantes. Os bares, principalmente quando da transmissão dos jogos de futebol, ficavam lotados. Cabe ressaltar que durante a década de 50 os jogos eram transmitidos diretamente ao vivo, sem qualquer restrição. Primeiro pelo fato de não haver ainda a melhoria dos equipamentos de gravação de imagens (video-tape), segundo por não constituir a televisão concorrência às bilheterias dos clubes. Concorrência mesmo sofreria a velha "jardineira" que aos domingos saía da rua Santa Catarina levando os torcedores ao Pacaembú. Na edição do JSC de 17 de no-

vembro de 1951, uma reportagem sobre um campeonato de bochas realizado no Bar Cerâmica (Avenida Roberto Simonsen, 1774) é ilustrada por

Acervo: Família de Sebastião Gongora



Tarefas de Sebastião Gongora no programa Não Durma no ponto. Desfilando no Viaduto do Chá e promovendo o patrocínio do programa: Colchão de Molas Luiz XV

como o vereador das crianças, estava enredado com seus projetos voltados à formação cultural e artística das crianças. Desenvolveu diversas atividades; projetos e programações neste sentido. Ao mesmo tempo, Homero Silva, um pioneiro da TV Tupi levava ao ar, com grande sucesso, o Clube Papai Noel, que já vinha de longa carreira de sucesso na rádio Tupi. Em São Caetano, Fábio Ventura comandava no palco do Cine Urca o programa O Mundo é das crianças, vindo posteriormente o Clube da Criança e o Comercial Mirim, este último transmitido pela Rádio Clube de Santo André (fundada em 30 de janeiro de 1952 pelo deputado Gabriel Migliore).

Esta proximidade de interesses redundaria na prática na aproximação dos dois radialistas, beneficiando São Caetano que, por diversas oportunidades, receberia a visita da caravana de artistas do Clube Papai Noel, sempre com grande sucesso de público e renda revertida para entidades e ações beneficentes. Em 7 de dezembro de 1952, um domingo e dia das eleições municipais, Homero Silva e seus atores mirins apresentavam-se no palco do Cine Max (2). No mesmo período, em outro abnegado pelo trabalho junto aos jovens, Armando Lopes,

desdobrava-se no Bairro Fundação para manter todos os domingos o seu Clube Lili-Mirim, no palco do São Caetano Esporte Clube, na Rua Perrela. Em junho de 1954 estava novamente em São Caetano o Clube Papai Noel, desta vez para auxiliar na arrecadação de fundos para a construção do primeiro Posto de Puericultura da cidade. Neste show estava presente a mais famosa dupla de comédicos da TV Tupi, Fuzarca e Torresmo, que além da programação infantil dividiam com Walter Stuart um grande sucesso da televisão na época: O Circo Bombril. Marcante mesmo foram as apresentações da garota prodígio, Sonia Maria Dorce, que diversas vezes aqui esteve, inclusive para o lançamento no Cine Vitória de seu filme A Queridinha do Meu Bairro. Lembra, saudoso, Fábio Ventura de seu trajeto de ida e volta a São Paulo, a bordo de seu Citroen, conduzindo os artistas famosos. Nomes como de Silvio Santos, que chegou a apresentar com Fábio O mundo é das crianças de onde surgiu, entre outros, cantores como Jerry Adriani.

Fábio Ventura teria uma outra interessante passagem junto a pouco lembrada TV Paulista, canal 5, o segundo canal de televisão existente em São Paulo. Este Canal, fundado em 1952, pertencia à filha do presidente Getúlio Vargas, Alzira Vargas, e ao deputado federal Ortiz Monteiro; ambos com ambições políticas em relação à cidade de São Paulo, que teria eleições municipais em 1953, levado por seu cunhado, Amadeu Lopes, gerente da fábrica de cigarros Sabrati, igualmente de propriedade de Ortiz Monteiro, conseguiu Fábio um trabalho como locutor dos comícios realizados pelos bairros de São Paulo e transmitidos pela TV Paulista. Aqui em São Caetano estas primeiras transmissões eram captadas principalmente na casa de Isaac Golberg

Acervo: Família de Sebastião Gongora



Tarefas de Sebastião Gongora no programa Não Durma no ponto. Foto tirada diretamente do aparelho de TV por familiares de Sebastião Gongora

que, segundo Fábio, teria sido aquele primeiro morador a possuir em seu domicílio um aparelho de televisão. Esta proximidade do futuro vereador, campanalista de carteirinha, levaria a que convenesse o prefeito Anacleto Campanella a utilizar-se

do cinema como meio de divulgação de suas realizações. Ficaram na história os comícios que eram antecedidos pelas projeções das realizações do prefeito e o cinema do Campanella, exibições ao ar livre no jardim Primeiro de Maio, acompanhadas por verdadeiras multidões. Os filmes permanecem hoje no acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, constituindo importantíssimo documento visual da cidade naqueles momentos onde tudo estava por se fazer.

A TV Paulista seria posteriormente transformada nas organizações Victor Costa, que na década de sessenta seria incorporada pela Rede Globo de Televisão. Na TV Paulista passaram personagens como seu primeiro diretor de programação, Ruggero Jacobbi, italiano que aqui estava em ação no TBC e na Vera Cruz. Um dos programas de maior audiência da TV Paulista era similar aos de Homero Silva e Fábio Ventura, O Clube do Guri dirigido pelo iniciante José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o hoje todo poderoso Boni das organizações Globo.

Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Homero Silva, Maria Vidal e Sônia Maria Dorce no "Clube Papai Noel", 1952.

Artistas do Clube Papai Noel por diversas oportunidades se apresentaram nos palcos de São Caetano

Os programas de auditório, herança do rádio, constituíam a grande atração do início da televisão. Na Tupi destacavam-se os de preocupação cultural como O Céu é o Limite, de Aurélio Campos e Sabinas Maizenas, de Heitor de Andrade. Na TV Record, inaugurada em 1953, o sucesso era da Gincana Kibon, de Vicente Leoporece, na TV Paulista dos programas, comandados por um dos nomes famosos da Rádio Nacional, o simpático e carismático Manoel de Nóbrega responsável por programas de auditório de enorme sucesso calçado em seu sucesso diário na rádio nacional onde comandava o Programa Manoel de Nóbrega. Na televisão criou o humorístico Praça da Alegria e o programa de variedades e desafio chamado Não durma no ponto. Neste último brilharia um outro personagem de São Caetano: Sebastião A. Ortufio Gongora.

Sebastião não era um nome ligado ao meio artístico. Era vendedor autônomo, residia na rua Quintino Bocaiuva na Vila Paula e era aficionado pelos programas que propunham ao telespectador desafios dos mais diversos. Um amigo seu, Walter Lon-



TV e cotidiano: Anos 50, campanha eleitoral de Oswaldo Massei. No fundo do restaurante em posição elevada o aparelho de TV dominando o ambiente

go, participara do Não durma no ponto e abocanhara 145 mil cruzeiros, quantia suficiente para ampliar e reformar sua residência. De olho nos desafios e no prêmio em dinheiro, Sebastião inscreveu-se no programa, foi classificado e durante cinco meses permaneceu competindo até conseguir o prêmio máximo oferecido que era de 200 mil cruzeiros. Para tanto foi levado a cumprir as mais inusitadas tarefas como: ficar enjaulado no Parque Zoológico, localizar um engraxate que falava nove idiomas, desfilar pelo centro de São Paulo vestido de Luis XV, levar ao programa o original da Constituição do Estado de São Paulo, fotografar na maternidade a neta do presidente Jânio Quadros

etc... Toda memória da passagem de Sebastião de Gongora pela TV foi cuidadosamente preservada pela família. Todos os desafios, autografados por Manoel de Nóbrega, fotos de todas as tarefas e recortes de jornais e revistas estão depositados no acervo da Fundação Pró-Memória e constituem exemplo notável da maneira como o cidadão anônimo pode contribuir no registro e recuperação de momentos fundamentais na compreensão de nosso dinâmico modo de agir, viver e pensar.

(\* ) Antonio de Andrade, Sociólogo e Mestre em Comunicação Social, é professor na Faculdade de Comunicação Social do Instituto Metodista; conselheiro da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e da revista Raízes; membro do Gipem

#### Notas

- (1) E então chegou a televisão. Raízes nº 9. Ano V. Julho de 1993  
 (2) Na eleição de dezembro de 1952, Anacleto Campanella foi eleito com 8.293 votos contra 7.326 dados a Oswaldo Samuel Massei. Para vice-prefeito, Jacob João Lorenzini recebeu 8.236 votos, sendo que Júlio Marcucci recebeu 6.952

Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



T.V. e Cotidiano: Anos 50. A magia da TV ao alcance de todos. Crianças carentes abrigadas em instituição religiosa aguardam o início do espetáculo. Olhos e mentes voltados à magia da tela

# O leonismo em São Caetano do Sul

Henry VERONESI (\*)

Acervo: Henry Veronesi



Emblema dos Lions Clubes

Muitos movimentos existiram e ainda existem, que têm por finalidade a aproximação do homem para, em grupos ou entidades, eliminarem os problemas básicos que afligem a humanidade, como a miséria, a ignorância, a doença e, principalmente, o desamor. Difícil porém, é determinar a melhor maneira de se atacar esses males, isto porque, cada movimento, embora colimando os mesmos objetivos, segue caminhos diferentes, criando uma filosofia própria.

Para atingirem seus objetivos, criam princípios éticos que conduzem seus seguidores à obediência deles, seguindo-os como se fosse lei.

O leonismo instrui e educa, propiciando oportunidades de aproximação e formação de amizade. Colabora para a humanidade no sentido de aperfeiçoar a ser humano nas relações com seu semelhante e sua comunidade.

O Lions Clube Internacional adotou como lema filosófico a frase Nós servimos, que é a afirmação expressa da alegria dos leões e suas domadoras na prestação de serviços para a comunidade.

Indica o desejo de cada leão e domadora de equacionar os problemas de sua comunidade. É o resumo dos objetivos do leonismo e a sublimação do Código de Ética dos leões.

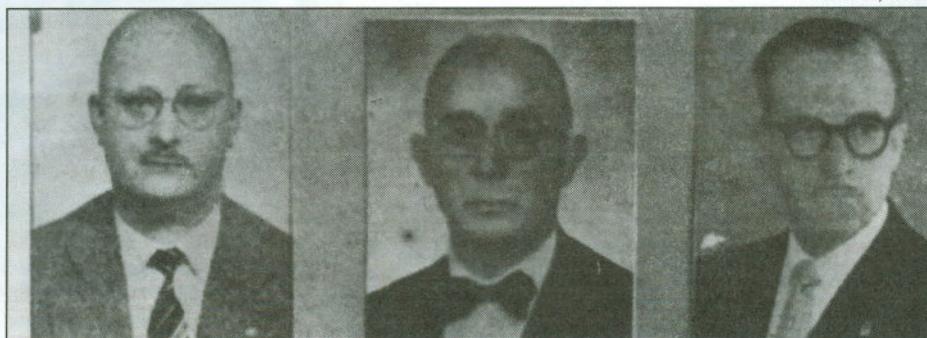
A moral leonística se apóia em duas grandes pilstras: o código da entidade que são os Objetivos dos Lions Clubes; o código moral dos leões, que é o Código de Ética.

## Objetivos dos Lions Clubes

Criar e incentivar o espírito de respeitosa consideração entre os povos do mundo, mediante estudo dos problemas das relações internacionais.

Incentivar o estudo e a prática de bom governo e da boa cidadania.

Interessar-se ativamente pelo bem estar cívico,



Acervo: Henry Veronesi

Padrinhos físicos do Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro: Cid Navajas, Nestor de Oliveira e L. Dutra Pizo

social e moral da comunidade.

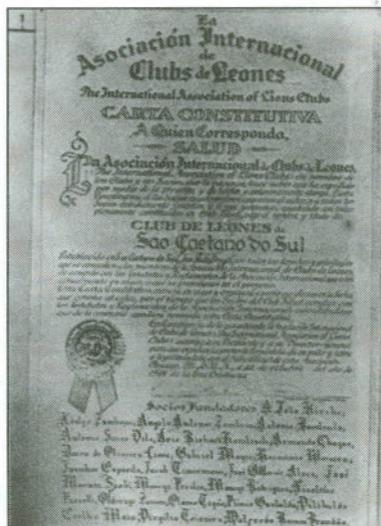
Manter os associados unidos pelos liames da amizade, do companheirismo e da compreensão mútua.

Proporcionar condições favoráveis para a livre discussão de todos os assuntos de interesse público, somente excetuando os da política partidária e cecarismo religioso.

Encorajar a eficiência e promover altos valores éticos no desempenho dos negócios e das profissões, uma vez que Clube algum poderá portar-se de modo a atender ao benefício pessoal de seus associados.

## Código de ética do leão

Acervo: Henry Veronesi



Carta Constitutiva com os nomes dos funcionários do Clube

Demonstrar fé nos méritos da minha profissão, reforçando-me para conseguir honrosa reputação, mercê da excelência dos meus serviços.

Lutar pelo êxito e pleitear toda a remuneração ou lucro que equitativa e justamente mereça, recusando, porém aqueles que possam acarretar diminuição de minha dignidade, devido a vantagem injusta ou ação duvidosa.

Dicidir contra mim no caso de dúvida, quanto ao direito ou a ética de meus atos perante meu próximo.

Praticar a amizade, como um fim e não como um meio. Sustentar que a verdadeira amizade não é resultado de favores mutuamente prestados, dado que não requer retribuição, pois recebe benefícios com o mesmo espírito desinteressado com que dá.

Ter sempre presente meus deveres de cidadão para com a minha localidade, meu Estado, e meu País, sendo-lhes constantemente leal em pensamento, palavras e obras, dedicando-lhes, desinteressadamente, meu tempo, meu trabalho e meus recursos.

Ajudar ao próximo, consolando o aflito, fortalecendo o débil e socorrendo o necessitado.

Ser comedido na crítica e generoso no elogio; construir e não destruir.

## Emblema do Lions e sua simbologia

O emblema do Lions Clube consta de um círculo roxo, cuja cor foi escolhida por indicar lealdade para com o país e amigos e integridade de pensamentos e sentimentos; no centro do círculo roxo está estampado em dourado a letra L que, além de subentender Lion, significa liberdade, lei, liderança, lealdade. O dourado da letra L, simboliza a sinceridade de intenções, liberdade de julgamento, pureza na vivência e generosidade; de cada lado do círculo

roxo - direito e esquerdo - dois perfis de leões, simbolizando o Leão olhando o passado com orgulho e o futuro com esperança de um mundo melhor.

leonismo tem outros símbolos, como a bandeira, o selo, o estandarte, o lema que consiste na frase nós servimos e o slogan ou sigla que se compõe das palavras: liberdade, inteligência, ordem, nacionalidade, serviço-Lions

## Fundação do Linos

O leonismo foi fundado em Dallas, no Estado do Texas, numa convenção de clubes independentes e associação de clubes de serviço, realizada no período de 8 a 10 de outubro de 1917. Seu fundador foi Melvin Jones, nascido em Fort Thomas, Estado do Arizona, em 13 de janeiro de 1880 e falecido em 01 de junho de 1961.

O leonismo veio para o Brasil no ano de 1952. Nivaldo Navarro, delegado da Associação Internacional, visitava o Lions Clube de Montevideo com a missão de difundir o leonismo na costa do Atlântico. Ele conseguiu convencer Pedro Berro, que naquela época era o presidente do Clube, a entrar em contato com o brasileiro Armando Farjado, propondo a fundação de um Lions Clube no Brasil. Farjado, achando a idéia excelente reuniu homens de negócios e da alta sociedade do Rio de Janeiro e, num almoço festivo realizado no Jockey Clube

Acervo: Henry Veronesi

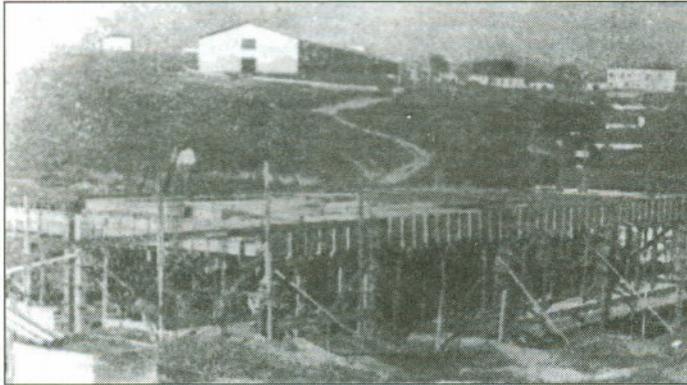
### DIGNO PROPOSITO

Do Lions Internacional Distrito L-16, em missiva assinada pelo então Governador e Vice Pres. do CNG, CL José Alt, recebemos folhetos coloridos com textos em português, espanhol e inglês e ricamente ilustrados focalizando vários aspectos das atividades economicas do Brasil atual. Esses folhetos de excelente aspecto gráfico foram enviados a todos os Lions Clubes do mundo, visando configurar a verdadeira situação economica brasileira por tantos disfigurada. Louvamos com entusiasmo a ideia e o proposito dessa iniciativa e lembramos que "The LION em português", vem há dois anos incluindo em suas páginas, alguns aspectos do desenvolvimento acelerado do Brasil em vários setores, visando o mesmo fim. Portanto as nossas felicitações ao nosso ilustre CL José Alt e ao CL Henry Veronesi, Assessor de Relações Internacionais do Distrito L-16, na data em que teve origem tão digno proposito.

*Publicação feita na revista The Lion de julho-agosto 1973 sobre a campanha realizada pela Assessoria de Relações Internacionais da Governadoria do Distrito L-16, comandada pelo leão Henry Veronesi*

Caetano do Sul pelo leão Cid Navajas. Cid Navajas, entrando em contato com o advogado Dirceu de Oliveira Lima, expôs para este a filosofia leonística e o grande movimento que estava se estendendo por quase todos os cantos da terra, propôs a fundação de um Clube de Leões nesta cidade. Entu-

Acervo: Henry Veronesi



*Início das obras do Asilo da Velhice Desamparada do Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro, março de 1967*

Brasileiro, no dia 16 de abril de 1952, fundou o primeiro Lions Clube, com cerca de 40 leões. Por essa razão, Farjado desfruta o título de Leão nº 1 do Brasil.

Em São Paulo, em 23 de junho de 1952, portanto no mesmo ano da fundação do Lions Clube do Rio de Janeiro, era fundado o 2º Lions Clube do Brasil, com 56 sócios. O articulador da fundação do Lions Clube de São Paulo foi Floriano P. Santos e por esta razão foi considerado fundador do Lions Clube Paulista.

## O Leonismo em São Caetano do Sul

O leonismo foi trazido para São

Acervo: Henry Veronesi



*Lateral do prédio construído pelo Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro, do Asilo Lar dos Velhinhos - Nossa Senhora das Mercês, com 6.751 metros quadrados, entregue em 27 de maio de 1973.*



*Doação do prédio do Asilo do Lions Clube para a Congregação, no momento que o prefeito Walter Braido assinava a escritura. Vê-se na foto, ainda, o atual prefeito Antonio Dall'Anese, Nelusko Linguanotto Júnior, presidente do Lions Clube e o leão Péricles de Faria Pinto, secretário, em 1976*

Acervo: Henry Veronesi

diretor animador, Nicolino Puccetti; diretor social, Oswaldo Luiz; diretores vogais, Walfredo Ramos Brandão, Abib João Kirche, Arie Hanitzsch, Antonio Bovolento. Faziam parte do quadro associativo do clube, além dos diretores, os leões: José Geraldo Moraes, Ivanhoé Espósito, Plínio Gastaldo, Gabriel Mayer, Hermínio Moreira, Moacyr Prestes, Moacyr Rodrigues, José Marum Saab, Virgílio Teixeira, Jacob Timerman, Adolfo Zambom.

Antes do Lions Clube de São Caetano do Sul receber o seu atestado de nascimento jurídico, que é a Carta Constitutiva, certificado que confirma a filiação do clube à Associação Internacional de Lions Clubes, ingressaram no quadro associativo, os seguintes



Debutantes do Primeiro Baile Branco, realizado em 01/06/63, apresentador: Tavares de Miranda - Colunista do jornal Folha de São Paulo.

companheiros leões (CL abreviatura), como são chamados: Carlos Paez, Esperidião de Oliveira Lima, Gumercindo A. Breviglieri, Manoel C. Novaes, Pedro Suhadolnik, Francisco Almanza.

A Carta Constitutiva do Lions Clube de São Caetano do Sul-Centro, confirmando sua filiação na Associação Internacional, foi outorgada em 20 de outubro de 1955. Recebida em solene Assembléia Geral Festiva do Clube, sendo o seu portador o vice-governador do Distrito L-4, Rubens Cattán, no dia 19 de novembro do mesmo ano, data em que é comemorada a fundação legal do clube. A Carta Constitutiva pelo seu alto poder de revogação, poderá ter duas funções: a de servir de atestado de nascimento para um clube que se organiza e se mantém em franca atividade, como a de servir de atestado de óbito, para o clube que caía em statu quo, isto é, para o clube que se tornar inativo, sem atender as finalidades filosóficas do leonismo.

O lions Clube de São Caetano do Sul foi o 1º Lions Clube fundado na região do ABC. Por isso foi denominado Lions Clube de São Caetano do Sul. Como posteriormente começaram a surgir outros clubes no Município, para ser distinguido dos outros, passou a denominar-se, a partir de 29 de outubro de 1968, data em que foi fundado outro clube no Município, de Lions Clubes de São Caetano do Sul - Centro. (foi acrescentada a palavra Centro que localiza a zona no Município onde foi organizado o clube).

O Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro, ao ser fundado, pertencia aos Lions que agrupavam o Distrito L-4. Na gestão 67/68 passou a pertencer ao grupo de Lions Clubes que formavam o Distrito L-16 que abrange as regiões da Baixada Santista, Grande ABC e Vale do Paraíba.

## Gestões e Presidências

O Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro desde a sua fundação até o exercício de 1994, foi presidido pelos seguintes leões: gestão de 1955/56, Dirceu de Oliveira Lima e domadora Alice; 56/57, Vilibaldo Coelho Maia e dm. Célia; 57/58, Nicolino Pucetti e dm. Anésia; 58/59, Antonio Souza Voto e dm. Augusta; 59/60, Abib João Kirche e dm. Ivete; 60/61, Carlos Paes e dm. Odete; 61/62 Francisco Almanza Sanches e dm. Helena; 62/63, Walfredo Ramos Brandão e dm. Dezy; 63/64, Rui Penteadó e dm. Isabel; 64/65, Hermínio Moreira e dm. Maria Tereza; 65/66, Ivanhoé Espósito e dm. Maria de Lourdes; 66/67, José Alt e dm. Neusa; 67/68, Armando Chagas e dm. Maria de Lourdes; 68/69, Péricles de Faria Pinto e dm. Ormindá; 69/70, Leo-

nardo Sperate e dm. Ivete; 70/71, Theonildo de Lima Moraes e dm. Dirceu; 71/72, Henry Veronesi e dm. Ivonne Maria; 72/73 Antonio Amaro e dm. Elide; 73/74, Rodolpho Zetone e dm. Neusa; 74/75, Hécio Penna e dm. Bela; 75/76, Neluska Linguanotto Junior e dm. Hebe; 76/77, Juventino Borges e dm. Cida; 77/78, Oswaldo Cipullo e dm. Dora; 78/79, Itamar de Andrade Junqueira e dm. Maria Francisca; 79/80, Ernani Giannini e dm. Joseleina; 80/81, Sergio Palandri e dm. Ana maria; 81/82, Alécio Castaldelli e dm. Nereide; 82/83, Santo Crepaldi e dm. Noemia; 83/84, José Teixeira Gonçalves e dm. Elvira; 84/85, Walfredo Ramos Brandão e dm. Dezy; 85/86, Manoel Martins Martins e dm. Santa; 86/87, Antonio Cláudio de Souza e dm. Cleusa Inês; 87/88 Juventino Borges; 88/89, Walter Veludo e dm. Maria Helena; 89/90, Walter Veludo e dm. Maria Helena; 90/91, Alonso Sebastião Borges e dm. Aureluce; 91/92, Albino Silva Filho e dm. Márcia; 92/93, Paulo Elias Tacla Marchesan e dm. Miriam; 93/94, Edelcio David e dm. Inês.

O Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro, no período de sua existência - 39 anos - demonstrando o poder de liderança que goza entre os Lions Clubes do Distrito L-16, conseguiu eleger para o mais alto cargo do distrito, dois governadores: para a gestão de 1972/1973 o leão José Alt que, durante sua gestão, por intermédio da Assessoria de Relações Internacionais, promoveu uma campanha de âmbito internacional, visando configurar a verdadeira situação econômica do Brasil daquela atualidade; para a gestão de 1979/1980 o leão Juventino Borges que também concluiu sua gestão com louvor.

O Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro, pioneiro na implantação do leonismo na região do Grande ABC, apadrinhou a fundação do primeiro Lions Clube de Santo André, em 26 de outubro de 1957. Os leões padrinhos desse clube foram os leões de São Caetano do Sul, Nicolino Pucetti, Armando Chagas e Ivanhoé Sposito; Apadrinharam o Lions Clube de São Caetano do Sul - Santa Paula, em 29 de outubro de 1968, Armando Chagas e Ruy Penteadó; o Lions Clube de São Caetano do Sul - Barcelona, em 23 de dezembro de 1971, sendo os padrinhos físicos os leões Leonardo Sperati e Achilles da Cruz. Fundou o Clube dos Castores de São Caetano do Sul, em 19 de agosto de 1965, sendo o padrinho físico do clube o leão Ivanhoé Espósito.

## Obras

A principal obra realizada pelo Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro foi a do Asilo da Velhice Desamparada, situado na rua Arlindo Marchetti, 627, antigo 177, nesta cidade.

Essa construção que serve para abrigar anciões desamparados, teve seu início em 1963, em terreno doado pelo Poder Público Municipal ao Lions Clube, depois deste ter vencido a concorrência pública realizada pela Prefeitura.

A construção, que foi realizada

em etapas, inaugurou a primeira parte do plano - Lançamento da Pedra Fundamental - em 16 de outubro de 1965, contando com a presença do leão B. Campbell, presidente da Associação Internacional de Lions Clubes, altas autoridades civis, militares e eclesiásticas e demais pessoas ligadas ao movimento humanitário, tal a importância do evento.

Terminada a obra, com 6.751 metros quadrados, foi ela - terreno e prédio - doada pelo Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro, com a devida anuência da Prefeitura, para a Congregação das Irmãs das Anciões Desamparadas.

O respectivo asilo, hoje, denomina-se Lar dos Velhinhos - Nossa Senhora das Mercês, abrigando mais de 100 (cem) idosos. É administrado pelas Irmãs da Congregação supra citada.

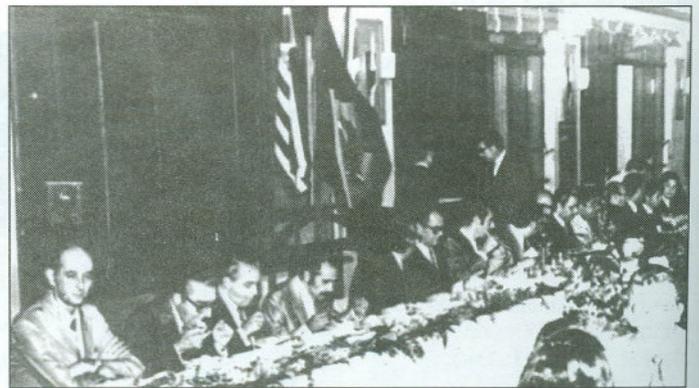
Desde que o Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro foi fundado, vem realizando atividades em prol da comunidade. Entre elas, a de distribuição de gêneros alimentícios, medicamentos, tecidos e materiais diversos, para entidades de assistência social; campanhas de doação de sangue, de esclareci-

## "DEBS"

NO DIA 1.º de Junho, este colunista estará apresentando em noite de gala as "debs" de São Caetano. A renda desse baile revertirá em benefício do "Asilo dos Velhos" daquele município e comarca. São as seguintes jovens: Hedely Maria Perrela, Maria Lucia Moraes, Sílvia Lucia Guilhermino, Marilda Dal Mas, Ethel Rodrigues Neves, Ondina Pedro, Tarellia Pucetti, Beatriz dos Santos, Marisa Campanella, Lucy Garrido Lourenço, Elizabeth Garbelotti, Vivien Maria Ferraris, Dagmar Thereza Tinpani, Maria José Teixeira Brandão, Maria Thereza Araujo, Maril Ferrentini.

A patronesse de honra é a sra. Aracy Torres Campanella. Na ocasião será sorteada uma jóia entre as debutantes, oferecimento da Joalheria Leal.

Publicação feita na coluna do jornalista Tavares de Miranda, no jornal Folha de São Paulo, no dia 24 de maio de 1963



Assembléia Festiva dos Lions Clubes de São Caetano do Sul - Centro, Santa Paula e Barcelona, realizada em março de 1972, ocasião em que foi proferida a conferência sobre Amor, Sexo e o Rito Vital, pelo professor Cláudio Basile, cuja repercussão motivou completa reportagem na revista O Cruzeiro, de 12 de abril de 1972

mentos sobre prevenção de doenças endêmicas e auxílio em casos declarados de calamidade. Nos Natais as domadoras (esposas dos leões), promovem as festas natalinas para os cegos e para os idosos do Lar dos Velhinhos - Nossa Senhora das Mercês. Ajuda na manutenção do asilo, quando solicitado.

Como é notório, as rendas das atividades das campanhas realizadas pelos Lions Clubes devem ser destinadas a instituições filantrópicas, de caridade, etc. Os clubes para atenderem essas obrigações e estarem sempre em atividades, idealizam promoções sociais de diversas modalidades, como jantares, festa da cerveja, feijoadas, churrascadas, convescotes, excursões, bailes, etc., etc. O Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro, em 1963, idealizou o Baile Branco, uma das promoções sociais que repercutiu na sociedade brasileira, sendo essa promoção imitada em diversas cidades do interior. Entre 1963 e 1986 o Lions Clube realizou 23 Bailes Brancos, lançando na sociedade sulsancaetanaense 335 jovens. Eram bailes anuais, realizados de início em dois salões, Comercial e Acascs, onde reunia a sociedade local e muitos convidados de outras localidades. Esses bailes eram inclusive televisionados por uma emissora de televisão da capi-

gas e Ruy Penteadado. Foi apadrinhado pelo Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro. Os sócios fundadores foram: Ademar de Oliva Xavier, Airton R. de Azevedo, Alvaro A. Artico, Dante Malavasi Neto, Desidério Signori, Edmundo B. Pirajá Neto, Edmundo dos Reis B. Pirajá, Edno Pontes, Fernando A. Pereira, Flávio Almanza, Flávio Pandolfi, Francisco Verone, Geraldo Schiavo, Gláucio Perrella, Hélcio M. Gomes, Henrique F. Ribeiro, João da C. Faria, João Sâmará, José Carlos P. Nunes, José Leonil Lobato, José de P. Reis, Laurito A. Perrella, Léo Pastori, Luiz Fernandes Netto, Raphael B. de Mello, Renato Méccia, Rubens C. Geraldo, Sérgio Fábri, Ubirajara Quaglia.

O primeiro presidente do clube foi o leão Edno Pontes que dirigiu a entidade no exercício leonístico de 68/69.

Sua Carta Constitutiva foi recebida em Assembleia Festiva, no dia 22 de março de 1969, nesta cidade.

O Lions Clube de São Caetano do Sul - Santa Paula, teve os seguintes presidentes: gestão 68/69, Edno Pontes; 69/70, José Leonil Lobato; 70/71, Rubens Cavallini Geraldo; 71/72, Ademar Oliva Xavier; 72/73, Geraldo Schiavo; 73/74, Hélcio Marques Gomes; 74/75, Alvaro A. Artico; 75/76, Ubirajara Quaglia; 75/76, José A. Benedetti; 76/77, Francisco Campanella; 77/78, José Saccucci Filho; 78/79, João da Costa Faria; 79/80, José Lourenço Neto; 80/81, João P. Pedulo, 81/82, Reovaldo José de Oliveira; 82/83, José Lourival A. Rocha; 83/84, Nahor Della Colleta; 84/85, Angelo Lacava; 85/86, Paulo Veulliemi; 86/87, Ademar O. Xavier; 87/88, Rubens Castaldello; 88/89, Juan Cabezas Parrado; 89/90, Sidney José Gorzoni; 90/91, Laerte F. Georgetti; 91/92, Eduardo Agostini; 92/93, Luiz Fernando Staciarini.

Fundou em 27 de outubro de 1976 o Lions Clube de São Caetano do Sul - Fundação, que teve como padrinhos físicos os leões Edno Pontes e Rubens Cavallini Geraldo.

Na Convenção Distrital de 1976, elegeu um de seus leões - Renato Meccia - para ocupar o cargo de Governador do Distrito L-16, para a gestão 76/77.

Acervo: Henry Veronesi



Quarteto de domadoras do Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro, campes de pingue-ponge, por diversos anos, na década de 80, nas olimpíadas promovidas pelo Lions Clube de São Caetano do Sul - Santa Paula. Maria Borges, Elide Amaro, Bel e Ivonne Veronesi. maio de 1977.

Durante as gestões de 71/72 até 74/75 conquistou o mais alto troféu de Lions Internacional, denominado Golden Pen, num total de quatro prêmios.

### Campanhas e promoções

Durante sua existência o Lions Santa Paula tem promovido diversas atividades. como realização de feijoadas, festas do chopp, Noite do Vatapá, Noite Árabe, Noite Italiana, etc., distribuindo suas rendas ao Hospital do Câncer, Campanha do Agasalho, distribuindo cestas de natal, cadeiras de rodas, distribuição de óculos, distribuição de conguintas para as crianças do Lar Samaritano, etc.

Em maio de 1980 fundou o Clube de Mães, cujo objetivo é ensinar trabalhos manuais para as senhoras da comunidade.

As aulas são ministradas pelas domadoras que ensinam crochê, tricô, e pintura em tecido. Nesses cursos são, também, proferidas palestras educativas referentes à família. Eram presidentas desse clube as seguintes domadoras: Neusa Faria, Zinhas Campanella, Malvina Rizzo, Nair Xavier, Neusa Lacava, Maria Tereza Giorgetti, Ercília Rocha, Edile V. Gomes.

Em 1977, em conjunto com o Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro, realizou uma Convenção Distrital na cidade com o comparecimento de quase todos os leões do Distrito L-16.

O Lions Clube de São Caetano do Sul - Barcelona foi fundado em 23 de dezembro de 1971, sendo

Acervo: Henry Veronesi



Recebimento do troféu internacional Golden Pen pelo Lions Clube Santa Paula - 1972 - Ademar O. Xavier segura o troféu; Renato Meccia, em pé, e o leão Leo Pastori, sentado

tal, ao vivo, durante mais de duas horas. A apresentação das meninas-moças era feita por um artista - cantor, ator, apresentador, etc. e toda a renda era destinada ao Asilo da Velhice Desamparada da época. Em 1987, por se tornar anti-econômico, sem resultado financeiro compensador foi extinta a promoção.

Outra promoção social digna de ser mencionada e realizada a partir de 1974 e que se repetiu até 1993, foi o jantar das Cafonas, jantar que só podia entrar mulheres, tendo extrapolado os limites do Município de São Caetano do Sul, produzindo bons resultados financeiros, os quais foram distribuídos para entidades de assistência social da cidade.

O Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro realizou na cidade duas convenções Distritais, reunindo todos os Lions Clubes do Distrito L-16 da Baixada Santista, Grande ABC, Vale do Paraíba.

### Santa Paula

O Lions Clube de São Caetano do Sul - Santa Paula foi fundado em 28 de outubro de 1968, sendo seus padrinhos físicos os leões João Armando Cha-

Acervo: Henry Veronesi



II Festa da cerveja do Lions Clube Santa Paula - 1971, da esquerda para a direita: Márcia Quaglia, Neusa Lacava, Vilma Figueiredo, Oneida Reis, Edile V. Gomes, Deires Ribeiro, Nair G. Xavier, Lidia Perrella, Majalda Torres, Neusa Faria, Neusa Malavasi, Abelina de Almeida, Roseli Strufaldi

seus padrinhos físicos os leões Leonardo Sperate e Achilles da Cruz. Foi apadrinhado pelo Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro. Seus sócios fundadores foram: Achilles da Cruz, Achilles da Cruz Filho, Airton Arantes Ferraz, Arnaldo de Moraes Ferreira, Arnaldo Sante Locozeli, Ary Francisco Filho, Braz Jacir Pinezzi, Cláudio João Dalanese, Francisco Locozeli, Germano Agostini, Hernes da Silva, João Abate, José Garcia, José Maria Leonel Pozzi, Luiz Beraldi, Luiz Rodrigues Neves, Marco Antonio Sposito, Nestor Dotta, Nikolaus Fritz, Nilton Ortega Rodrigues, Roque tancio, Wilson Priete.

O primeiro presidente do Clube foi o leão Germano Agostini. Sua Carta Constitutiva foi recebida em Assembléia Geral Festiva, realizada no Clube Comercial da cidade, em 12 de maio de 1972.

O Lions Clube de São Caetano do Sul - Barcelona, teve os seguintes presidentes: gestão 71/72, Germano Agostini e domadora Zenaide; 72/73, Wilson Prieto e dm. Eda; 73/74, Achilles da Cruz e dm. Cairo; 74/75, Arnaldo Sante Locozeli e dm. Neusa; 75/76, Aurimar Ramos Réssio e dm. Elza; 76/77, Nestor Dotta e dm. Olga; 77/78, Ary Francisco Filho e dm. Clara Helena; 78/79, Niceas Holanda Gurgel e dm. Olympia; 79/80, Luiz Beraldi e dm. Irma; 80/81, Domingos Ariovaldo Bruno e dm. Elizabeth; 81/82, Tarcízio Waldemar de Souza e dm. Almires; 82/83, Cataldo Carlos Bruno; 83/84, Cláudio Prieto e dm. Janete; 84/85, Roque Latancio e dm. Ruth; 85/86, Wilson Rodrigues Gato e dm. Norivete; 86/87, Gilberto Laporta; 87/88, Valdeias de Cária e dm. Doroti; 88/89, João Baptista Bonafonte e dm.; 89/90, Nilton Ortega Rodrigues e dm. Lais; 90/91, Isauro de Veiga e Souza e dm.; 91/92, João Pedro Pedulo e dm. Elza; 92/93, João Pedro Pedulo e dm. Elza; 93/94, Roque Latancio e dm. Ruth.

## Atuação

O Lions Clube de São Caetano do Sul - Barcelona construiu uma das obras que é motivo de orgulho do Distrito L-16. É o Nucame-Núcleo de Capacitação do Menor que é uma escola de reforço escolar e de aprendizado profissional que abriga perto de uma centena de menores, em meio período, oferecendo-lhes, além das aulas de pintura, artesanato, bordados e datilografia, a alimentação com as calorias suficientes para a jornada. Sua manutenção é custeada, inteiramente, com campanhas promovidas e contribuições do próprio Clube arrecadadas entre os leões e domadoras. O Nucame ocupa uma área de terreno de 1.000 metros quadrados e tem uma área construída de mais ou menos 600 metros quadrados.

O Lions Clube de São Caetano do Sul - Barcelona, ainda não teve nenhum governador eleito, porém, na Convenção Distrital realizada em Santos nos dias 30 de abril, 1º e 2 de maio do corrente ano, o leão Wilson Prieto foi eleito vice-governador para o exercício leonístico 94/95. À vista do regulamento do leonismo internacional, o vice-governador eleito para um exercício, automaticamente, se-



Posse do 1º presidente do Lions Clube - Barcelona, em 1971. Em pé, Henry Veronesi, presidente do Lions Clube - Centro, e Germano Agostini, dando a primeira badalada no sino. Edson Danilo Doto, Nélio Polastrini, governador do Distrito L-16 e um leão de Rudge Ramos

rá, no exercício seguinte, guindado para o mais alto cargo do distrito, ou seja para o de governador. Assim sendo, no período de 95/96 o Distrito L-16 será governado pelo leão sulsancaetanense Wilson Prieto que tomará posse nesse honroso cargo no mês de junho de 1995, na cidade coreana de Seul, por ocasião da realização da Convenção Internacional dos Lions Clubes.

O Lions Clube - Barcelona promoveu diversas campanhas, como: Campanha contra a Aids; Hipertensão Arterial; Feira de Saúde; Envio de Alimentos para o Nordeste; distribuição de alimentos nas favelas; distribuição de agasalhos à carentes, etc. Promoveu diversos bingos; Noite do Samba; Noites Espanholas; Noites de queijos e vinhos; Noites da Pizza; Noite da Macarronada; Feira de Rua no bairro da Fundação, etc. revertendo todas as rendas para o Nucame e entidades de assistência social da cidade.

Em 1981, nos dias 10, 11, 12 de abril, em conjunto com os outros três Lions Clubes de São Caetano do Sul, organizou a Convenção Distrital, realizada no Teatro Paulo Machado de Carvalho.



Prédio do Nucame-Núcleo de Capacitação do Menor do Lions Clube Barcelona

## Lions - Fundação

O Lions Clube de São Caetano do Sul - Fundação é o caçula dos Lions de São Caetano do Sul. Foi fundado em 27 de outubro de 1976, sendo seus padrinhos físicos os leões Edno Pontes e Rubens Cavalini Geraldo. Foi apadrinhado pelo Lions Clube de São Caetano do Sul - Santa Paula. Seus sócios fundadores foram: Mario Bakkenist, João Elias Sobral, Francisco Barruelo, Flávio Fernandes,

Laudney Ribeiro Mioli, Fernando P. Gonçalves, Waldemar Figueira, Valdomiro Martinez, Ney Vital Batista, Adauto Moreira, Eduardo Lorenzini Filho, Jorge Eugenio A. Godoi, Edmir Bergamini, Sergio Dal Vogetto, Santo Briches, João Carlos dos Santos, José Augusto De Conti, Masuro Mendonça Cremonesi, Décio Zampini, Constantino Moreira da Silva.

O primeiro Presidente do Clube foi o leão Mario Bakkenist.

Sua diretoria tomou posse no dia 6 de outubro de 1976, no salão de festas do São Caetano Esporte Clube, durante um jantar festivo onde compareceu a maioria dos leões dos clubes do Distrito L-16. A Carta Constitutiva foi recebida em 11 de novembro de 1976.

Fundou o Clube de Castores de São Caetano do Sul - Fundação que tem colaborado muito nas campanhas encetadas

pelo clube.

O Lions Clube de São Caetano do Sul - Fundação foi presidido pelos seguintes leões: gestão 76/77 e 77/78, João Elias Sobral; 78/79 e 79/80, Armando Cremonesi; 80/81, Adolpho Duilio Quaglia; 81/82, Jairo de Mendonça Cremonesi; 82/83 e 83/84, Dino Silvano Tintori; 84/85, Laercio Rossani; 85/86, Pedro Antonio Rodrigues; 86/87 e 87/88, Laudney Ribeiro Mioli, 88/89, Adauto Moreira; 89/90, Silvio Carlos Gobbi; 90/91, Aparecido Roi; 91/92, Luiz Carlos Oliva Ruiz; 92/93 e 93/94, José Roberto Santiago.

O Lions Clube-Fundação, com recursos próprios, construiu sua sede, na rua Olavo Bilac, 75, cujo local é usado para as reuniões do clube, assembléias, chás beneficentes e para abrigar o Banco de Cadeiras de Rodas, Cetram que são as duas atividades permanentes da entidade. Ao Cetram consiste ministrar aulas para senhoras, de trabalhos manuais, cuja renda é revertida para ela própria ou para as mais necessitadas.

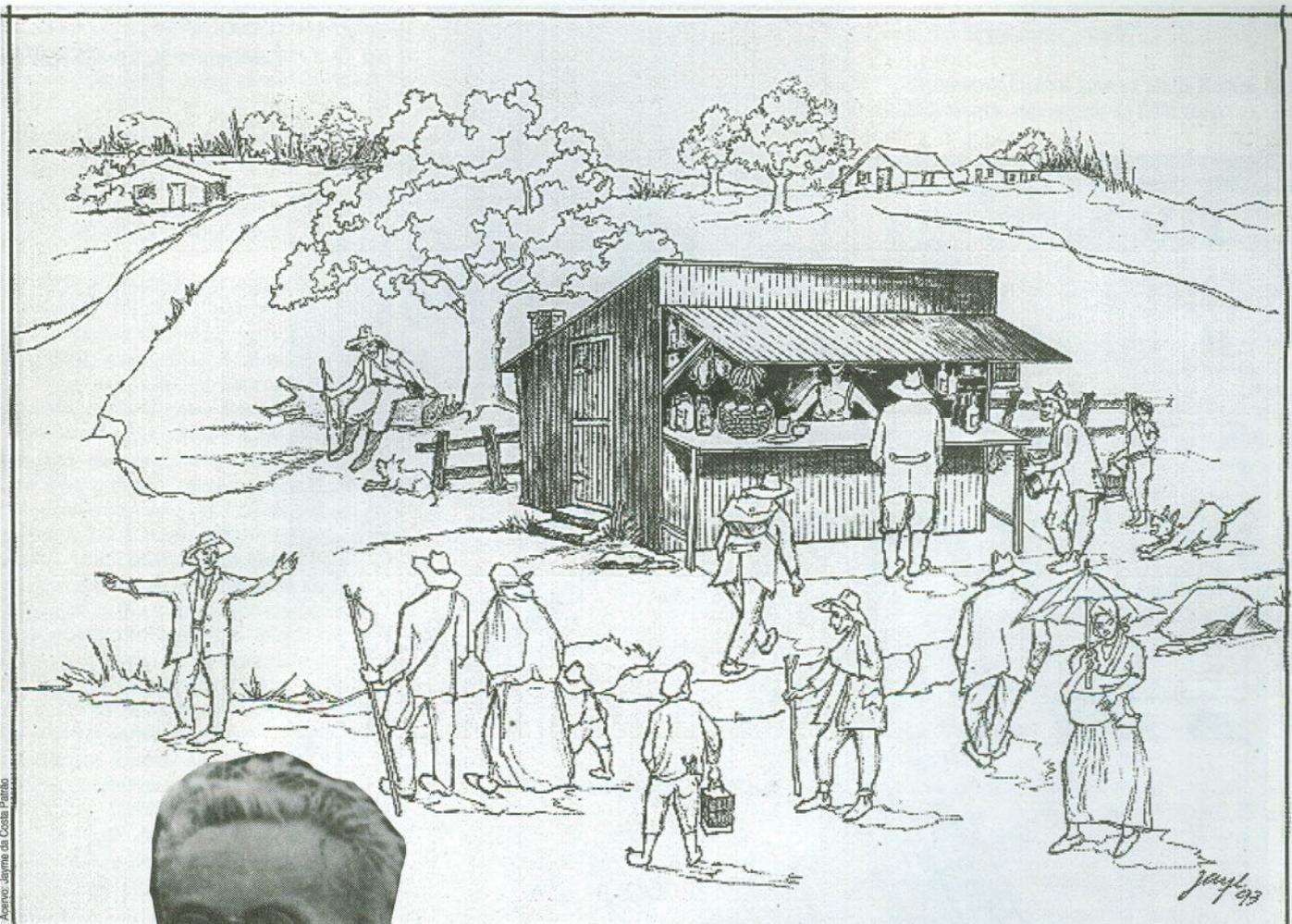
## Leões Vencendo a cegueira

O Lions Internacional neste ano está realizando uma das maiores campanhas humanitárias realizadas até agora. Campanha que compromete todos os leões e domadoras dos clubes para que ela tenha pleno êxito. É a campanha que tem como princípio a Visão em primeiro lugar. Existe no mundo 50.000.000 (cinquenta milhões) de cegos; 80% (oitenta por cento), isto é, 40.000.000 (quarenta milhões) que podem recuperar a sua visão. E é para essa recuperação que está sendo dirigida a campanha denominada SightFirst. Experimente fechar os olhos por apenas 1 minuto e você vai ver como vivem todos os cegos espalhados pelo mundo.

(\*) Henry Veronesi, advogado, administrador de empresas, ex-

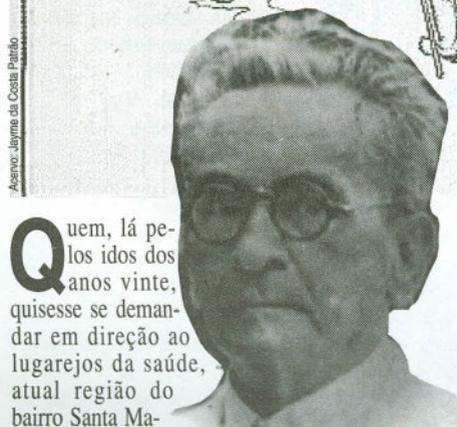
# A Taberna do Theresina

Jaime da Costa PATRÃO (\*)



Aerino: Jaime da Costa Patrão

39



Quem, lá pelos idos dos anos vinte, quisesse se demandar em direção ao lugarejos da saúde, atual região do bairro Santa Maria, a procura da capela do seu Vicente, teria que, saindo do centro de São Caetano, entrar no caminho do curandeiro, - rua Virgílio de Rezende, atual João Pessoa - trilhar por uma picada de mato rasteiro - rua Luiz Gama até o caminho da Formicida - Goiás atual. No começo da rua Itamaracá - Alameda São Caetano - duzentos metros mais ou menos distante do cemitério construído há quase dez anos passados, encontraria uma rústica e acanhada taberna inteiramente construída de madeira e grosseiramente pintada de verde-musgo. Os frequentadores paus-d'água e os poucos moradores do Morro Pelado chamavam-na de a Taberna do Theresina.

O Morro Pelado naquela época distante, compu-

nha-se de umas poucas chácaras e suas casas humildes em uma vasta extensão de terra arenosa e inculta onde algumas vacas leiteiras e cabras pastavam em vegetação rasteira e pobre, com touceiras de barba de bode e velhos cupinzeiros dominando a vastidão da ressequida paisagem.

Os caminhantes, peregrinos e ocasionais caçadores paravam um instante na taberna para descansar sentados nos barrancos da beira da estrada.

Os devotos do curandeiro, vindos de muito longe, que não portavam merenda para lanchar, tomavam ali mesmo, na taberna, uma ligeira refeição que se resumia em pão com fatias de queijo, mortadela ou lingüiça caseira frita no hora. Alguns tomavam um copo de vinho ou outra bebida qualquer. As mulheres e crianças bebiam leite, limonada gasosa engarrafada ou uma simples caneca d'água para matar a sede.

Os romeros doentes, impossibilitados fisicamente, passavam conduzidos por carroças adaptadas com bancos para transportar pessoas. Charretes e decadentes carruagens atreladas e pachorrentos e

lerdos animais caminhavam sem muita pressa, vindos da estação da S.P.R.

Com a lamentada morte do seu Vicente e mais tarde com a chegada do progresso em São Caetano, novas casas, vendas de secos e molhados, padarias e quitandas foram sendo construídas e o predestinado Morro pelado foi se transformando em Vila Paula e, posteriormente, surge como o populoso Bairro Santa Paula.

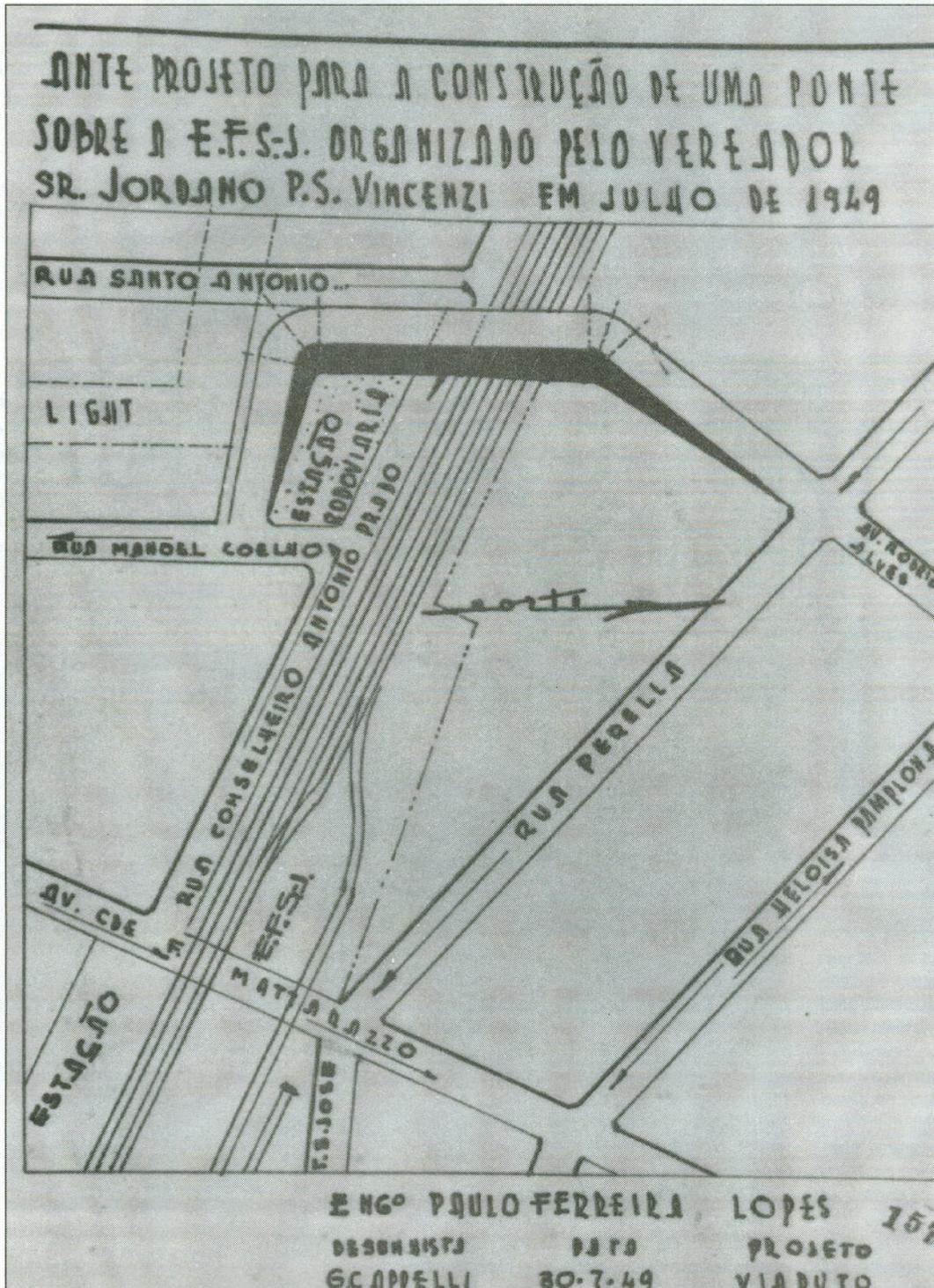
Hoje, quem passar pelo final da rua Piauí, bem depois do cemitério, na curva que dá início a Alameda São Caetano, não pode imaginar sequer que ali existiu, outrora, um pequeno oásis que confortou e saciou a sede de muito caminheiro e peregrino devoto da Capela do curandeiro que carcou época em nossa cidade.

(\*) Jaime da Costa Patrão, ceramista, chargista, pesquisador e Membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória.

# As porteiras da estrada de ferro e os 40 anos do viaduto

Giordano P.S. VINCENZI (\*)

Aquivo: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



A pedido do vereador Giordano Vincenzi, o jovem desenhista de São Caetano, Giorgio Cappelli, funcionário do escritório de engenharia de Paulo Ferreira Lopes, em São Paulo, elaborou o primeiro estudo que resultaria no projeto definitivo do viaduto. A foto mostra este estudo, apresentado junto ao projeto de lei de Giordano Vincenzi



*Manhã de inauguração do Viaduto dos Autonomistas, após a solenidade presidida pelo prefeito Anacleto Campanella e com a presença do governador do Estado, Lucas Nogueira Garcez e altas autoridades. Rompida a fita, o povo, a pé, percorre o, ansiosamente, aguardado viaduto. Estava definitivamente superado o tormento das porteiras da estrada de ferro que separava o Bairro Fundação dos demais bairros de São Caetano.*

**R**elembra as porteiras da estrada de ferro, traz para algumas pessoas uma série de boas recordações, enquanto que para a maioria, tristeza, aborrecimento, perda de tempo, capital parado...

Toda esta série de aborrecimentos era causada devido ao fato de as porteiras se fecharem no instante em que um trem transitava na linha ferroviária, provocando grandes filas e vários congestionamentos no trânsito rodoviário, o que com certeza trazia problemas para várias pessoas, que em algumas ocasiões ficavam presas ao trânsito por mais de quarenta minutos.

Quando um trem de passageiros, de carga ou expresso se dirigia ou passava por São Caetano, vindo de Santo André ou do Ipiranga (época em que não havia estações intermediárias), a porteira era fechada e assim continuava até o término da passagem do trem na linha ferroviária da São Paulo Railway (SPR), ou linha Ingleza, como também era chamada. Alguns trens, como o expresso ou de manobras, tinham prioridades no uso da linha, fazendo com que outros, como os de passageiros, aguardassem nas estações o término das manobras, para então poderem usar a estrada de ferro. Dentre os trens privilegiados, podemos citar por exemplo os trens que carregavam entre 1927 e 1928, maquinária, funcionários e peças para montagem vindas do porto de Santos para a instalação da General Motors em São Caetano.

Durante a longa espera de vários minutos, ambulâncias, enterros, bombeiros e polícia tinham licença para furar a fila de veículos que aguardavam a abertura da porteira, mas eram obrigados a juntamente com os outros aguardar o término da passagem do trem.

Enquanto a porteira estava fechada, muitas coisas aconteciam: as crianças aproveitavam para subir nas porteiras ou empurrá-las, o que para elas era motivo de muita alegria; os noivos que se dirigiam à igreja para o casório, eram motivo de gozação e

chacotas, quando conhecidos. Já no caso de acompanhamentos de funerais vindos do bairro Fundação, que se dirigiam ao Cemitério da Saudade (também chamado de Cemitério Vila Paula ou da Cerâmica), enquanto que o caixão e as flores eram transportados pelo carro funerário, os familiares e outros acompanhantes do enterro, eram obrigados a fazer boa parte do percurso a pé, pois muitos taxistas temendo porteiras fechadas, recusavam-se a prestar serviços a estas pessoas. Quanta dor e tristeza para os familiares do finado, quando capital parado para os donos de empresas...

Com a chegada da Autonomia em São Caetano do Sul, e com a posse do primeiro prefeito, na Câmara de vereadores no dia 3 de abril de 1949, o Município começava a ganhar traços de modernidade. Era muito grande a vontade por parte dos vereadores de apresentar propostas para educação, esgoto, trânsito e uma série de outros itens, sendo que dentre eles constava a construção de um viaduto, que finalmente acabaria com a vida das porteiras.

Naquela época, um pequeno número de funcionários servia a Prefeitura, e os vereadores batiam à máquina suas proposições, sendo então que as sugestões para a construção do viaduto começavam a aparecer. Dentre as solicitações ao prefeito podemos destacar uma passagem de nível na Av. Matarazzo, um Viaduto entre a R. Pernambuco e R. Rio Branco, e um outro viaduto ligando a R. Amazonas a R. Heloiza Pamplona.

Finalmente no dia 28 de setembro de 1949, é apresentado um projeto de lei (acompanhado de estudos com desenhos e detalhes) autorizando o prefeito a declarar de utilidade pública para desapropriação as propriedades situadas à R. Cons. Antonio Prado, esquina com a R. Manoel Coelho, e propriedades situadas à R. Perrella com frente para a Av. Cons. Rodrigues Alves, para futura construção de um viaduto e de uma estação rodoviária, onde localizam-se atualmente.

Para sepultar em definitivo as porteiras, foi cons-

truída uma galeria no sub solo da estrada de ferro com lojas e passagem para pedestres, com ligação para embarque ferroviário e rodoviário. Terminava assim o período das porteiras, que davam espaço ao viaduto, e com ele, à modernidade.

### Causa mortis das porteiras (O preço do progresso)

- Terreno declarado de utilidade pública e início das desapropriações, para a construção do viaduto - Prefeito Municipal: Dr. Angelo Rafael Peegrino.

- Construção e inauguração do viaduto à 28 de julho de 1954 - Prefeito Municipal: Anacleto Campanella.

- Autor do Ante Projeto: Vereador Jordano P.S. Vincenzi (49-53).

- Construção da galeria no sub solo da Estrada de Ferro - Prefeito Municipal: Dr. Raimundo da Cunha Leite.

### Quadro à parte

Em torno das porteiras ficava o centro comercial, e era o ponto de referência para encontros ou um bate papo.

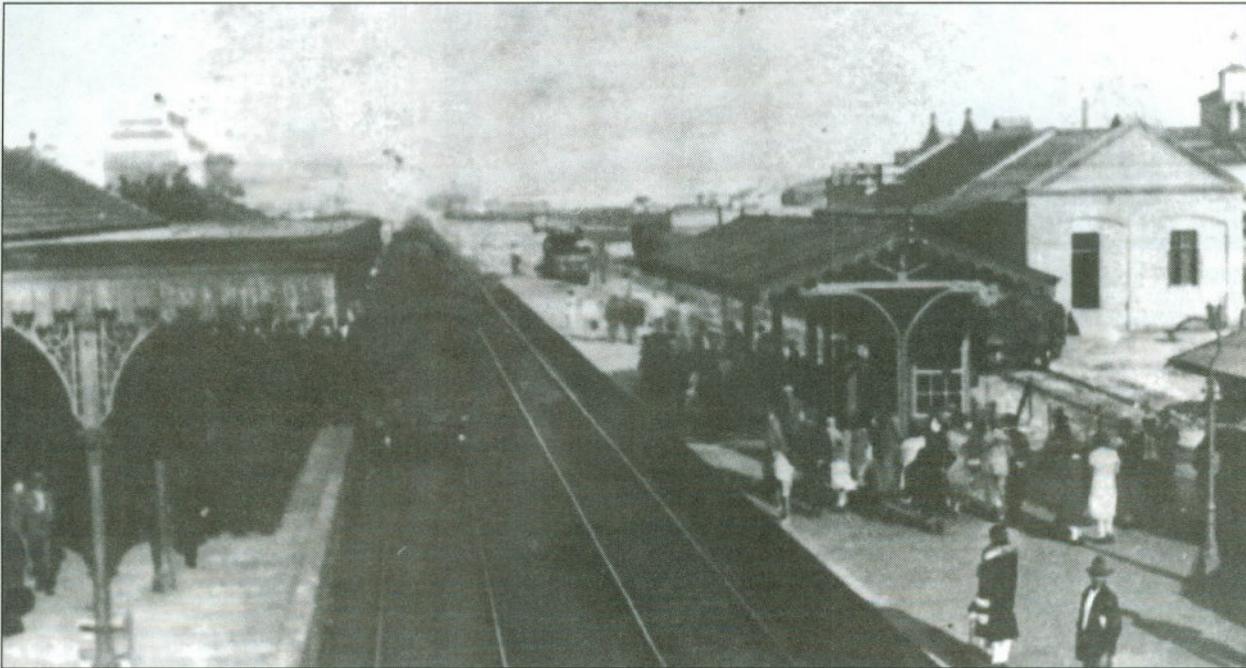
Para ver os novos troles ou cabriolés e automóveis, passear de bonde, ir ao curandeiro ou aos cemitérios, ir ao cinema ou bailes, fazer um lanche ou refeição e suas compras, tomar água da fonte e levar jornais e revistas.

(\*) Giordano P.S. Vincenzi, 77 anos, vereador na 1ª legislatura de São Caetano do Sul (1949/1953), foi vice-presidente da Câmara em 1953. Exerceu, ainda, a presidência do Hospital Beneficência São Caetano. Foi fundador e presidente do Rotary Clube de São Caetano e até hoje pertence ao quadro de associados do clube

# A velha estação na vida de um ferroviário

Silvio José BUSO (\*)

Acervo: Silvio Pasianoti



Vista panorâmica da velha estação de São Caetano, no ano 1935

Ano de 1854 inaugura-se a primeira estrada de ferro do Brasil que ligava o porto de Mauá à Serra de Petrópolis. Em 1860 forma-se uma sociedade em Londres, a São Paulo Railway tendo participação do Barão de Mauá.

Em 1883 a S.P.R. implanta uma estação ferroviária na localidade de Pilar e outra em São Caetano, entretanto Pilar fica conhecida por Mauá sendo o local oficializado em 1926.

Mas um pouquinho antes de Mauá ser conhecida por este nome, exatamente em 1923 chega mais uma família em busca de trabalho, os Pasianoti ou Pasianoti no linguajar das pessoas, é como ficaram conhecidos. Bem, retornando às raízes, como nos conta Silvio Pasianoti ou Pasianoti um amigo de 90 anos: "Meus pais estiveram no Brasil em 1882, vindos da Itália, retornando à Itália em 1900, fixando residência em Tiezzo - Azzano Décimo, onde nasci em 22 de setembro de 1904. No entanto meus pais resolveram voltar ao Brasil, e embarcamos no navio Mendonça em 12 de setembro de 1921 chegando ao porto de Santos em 5 de outubro do mesmo ano. Fomos trabalhar na Fazenda Santa Iria, em Ribeirão Preto. Meu pai nesta época ficou doente e minha irmã também, ela ficou na casa da Dona Iria, dona da fazenda. Era a rainha do café. De lá fomos trabalhar na fazenda Pau-Alto e desta fazenda, de-

pois de 2 anos, viemos para Mauá em 1923". O Silvio está cansado, faz uma breve pausa e continuava a desfiar as memórias: "comecei trabalhando na Olaria do Buscariol, depois na fábrica de louças João Jorge Figueiredo. A fábrica entrou em greve e como funcionário fiquei aborrecido, não voltei a trabalhar lá, fui ser sapateiro pois aprendi na Itália também esta profissão e junto com o Ferrucio trabalhei como sapateiro. Meu irmão foi trabalhar na estrada de ferro S.P.R. mas na hora do exame médico foi dispensado, e eu me apresentei para o lugar do meu irmão, estava com 24 anos era o ano de 1927 exatamente alguns meses depois de Mauá ser conhecida por este nome. Comecei trabalhando na estação como portador, que era o serviço geral: varria plataforma, descarregava vagões. Não sabia ler e escrever em português. Bom, o tempo foi passando e um dia o chefe da estação me chamou e disse que o chefe da repartição, Sr. Gustavo, um alemão queria me conhecer. Fiquei meio abobado, imagina eu um trabalhador braçal de uma estação minúscula e sem expressão ter que falar com o chefe. Mas fui, peguei um passe, embarquei no trem e me apresentei para o chefe da repartição em São Paulo. Eu não conhecia a Estação da Luz. O Sr. Gustavo disse: é você o tal Silvio lá da estação de Mauá", respondi que sim e ele disse "vá falar com o Helpídio e diga

que te ensine o telégrafo e depois vou te dar um bom lugar"- Assim o fiz, ficando muito feliz. Acontece que na estação de São Caetano apareceu uma vaga de conferente, sendo eu transferido para ser conferente, mas tive que aprender a escrever e ler em português, algum tempo depois me casei, em 1931, com Florentina Sanches uma moça que era parente do Juca Garcia e a conheci na casa de Juca. No meu casamento aconteceu uma coisa engraçada e ao mesmo tempo revoltante. Para casar na matriz velha fomos falar com o padre Alexandre Grigolli pároco da igreja e ele pediu 100 mil réis para a cerimônia, eu disse que não tinha esse dinheiro, em resposta o padre Alexandre disse: Então não casa". Acontece que o padre se arrependeu e pediu para Antonia Lorenzini ir falar com a gente e ela nos convenceu, mandando que fôssemos eu e a Florentina (os noivos) na igreja, de manhã num dia de semana, e o padre Alexandre nos casou sem nenhuma cerimônia. O casamento no civil foi na casa do Juca Garcia; fomos morar inicialmente na rua São Francisco depois moramos na rua Perrela. Na época tinha 3 tipos de conferente na estação de São Caetano: conferente de armazém, conferente de Pátio e conferente de plataforma onde trabalhava no ano de 1931. Nesta época a estação de São Caetano era de primeira categoria, porém não parava o trem expresso. Uma curiosidade: o conferente de pátio ganhava 240 mil réis e o conferente de armazém 260 mil réis, e foi este cargo de conferente de armazém que assumi logo depois que nasceu meu filho Walter e em seguida nasceu uma menina a Iole, mas como a vida tem altos e baixos, começamos os problemas. Eu era nesta época delegado sindical



Funcionários da S.P.R. na plataforma de embarque, cerca de 1936

aqui, representando o Sindicato dos Ferroviários de São Paulo, e como tal recebi ordens para falar com o pessoal da estação, para iniciar a greve num determinado dia. Nesse ínterim a direção do S.P.R. enviou um encarregado, um inglês que chegou num automóvel de linha, chamou-me logo perguntando: "quem esta querendo fazer greve nesta estação", alguém disse: "o Sílvio". Mandou-me chamar no escritório e despediu-me do emprego. A greve já estava acontecendo em vários lugares mas na nossa estação não, eles não queriam que a greve se disseminasse totalmente por isso a pressão. Quem me acusou foi o chefe da estação, o qual veio falar comigo se desculpendo e dizendo que foi obrigado a fazer tal coisa. Entretanto, depois de oito dias, todos funcionários da estação entraram em greve juntamente com as outras estações até a Serra de Parapiacaba - senti-me honrado quando todos os funcionários foram até minha casa e, gritando hurra, hurra, o Sílvio é nosso líder, senti-me de alma lavada. Depois daqueles 20 dias terríveis, fui chamado pela direção da S.P.R. para ocupar meu lugar de encarregado de armazém sem nenhum prejuízo dos vencimentos. Sabe, naquela época o trem ou melhor as máquinas eram tocadas a carvão que que vinha importado da Inglaterra, isto até 1939, depois as máquinas foram tocadas a lenha, as fornalhas das máquinas foram levemente modificadas para receber este tipo de combustível. A importação de carvão não podia mais ser feita - nesse tempo passava

Acervo: Sílvio Pasionoti



Jogo de futebol realizado em 1934, no Campo de futebol da rua municipal - confraternização entre casados e solteiros da S.P.R. Em pé da esquerda para direita - Munhoz, Carvalho, Jordo, Sílvio Pasionoti, ?, Alfredo Malatoux, Eliseu Malatoux, Pereira, Nunes, ?, ?, Irmão de Munhoz Ajoelhados da esquerda para direita: Hermes, Ernesto Munhoz, ?, ?, Adelino Gallo, José de Paula, Guido Colonhesi, ?, ?, Argemiro Gonçalves Deitados da esquerda para a direita: ?, ?, ?

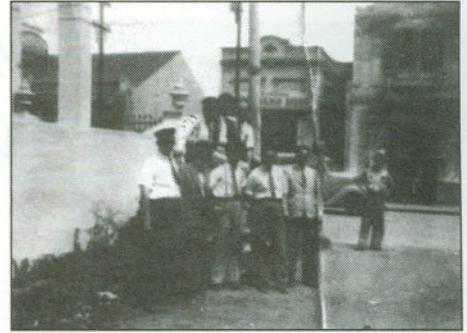


Funcionários da S.P.R. na porta do armazém de cargas: da esquerda para direita 1º Nogueira (pai do Nenê Nogueira da loja de ferragens atual) Chefe de turma de conservação de linha; 2º Lázaro Benatti, conferente; 3º José de Paula, escriturário; 4º Angelo Cianfarani, telegrafista, chegou a chefia da estação; 5º Joaquim Sanches, escriturário; 6º Sílvio Pasionoti, conferente cerca de 1932



Na máquina a carvo os funcionários: o 1º da esquerda encima da máquina. Argemiro Gonçalves - embaixo de chapéu sem paletó. Alfredo Malatoux - o último embaixo à direita Sílvio Pasionoti. Foto datada de 10/08/1939

pelo armazém controlado por mim e mais 5 funcionários perto de 200 toneladas de mercadorias por dia, aqui era carregado nos vagões as louças da louça Adelina, que era exportada para a Argentina e outros países da América do Sul, tinha a formicida "4 paus" que era embarcada para o interior de São paulo e para outros estados do Brasil" Chegaram também muitas encomendas passando pelo controle do Sílvio e ele conhecia todos os que iam retirá-las. "Tenho muitos casos pitorescos sendo um deles o da cadeira de barbeiro. Chegou uma cadeira de barbeiro de encomenda, a qual foi colocada na carroça. Aconteceu que um carroceiro sentou-se na cadeira e a carroça empinou para trás caindo carroceiro e cadeira no chão, foi uma risada só. De outra feita, a máquina empurrava um vagão para o pátio de manobras e esquecemos de abrir a porteira para o vagão passar, foi um desastre. o vagão levou a



Funcionários da S.P.R. vendo-se ao fundo o bar Trianon cerca de 1946

porteira e tudo que tinha pela frente, tivemos um ataque de risos mas deu trabalho para consertar os estragos. Havia animais que chegaram para cá, os pequenos porcos, galinhas, cabras, coelhos, vinham em engradados e de vêz em quando os funcionários corriam atrás daqueles que escapavam pela estação toda".

"Os meus divertimentos eram poucos pois além de trabalhar no armazém nos dias de semana, nos fins de semana trabalhava na bilheteria vendendo bilhetes aos passageiros. Eu gostava muito daquela velha estação.

Um outro divertimento era dançar no Cine Central, ia eu, o pianista Ricieri Lorenzini Filho, Maximiliano Lorenzini e algumas mulheres, nas segundas, quartas e sextas-feiras, dançar pois era época

Acervo: Sílvio Pasionoti

do cinema mudo e o piano era tocado quando passava filmes para animação do espetáculo, nós aproveitamos o piano para tocar e dançar. Na época assistir filmes custava 500 réis mais eu não pagava pois era amigo do Ricieri esse era meu divertimento, afora a minha estação de trens. Em 1945 tivemos mais um filho, o Gerson Pasionoti. Em 1942 comecei a frequentar a Igreja Assembléia de Deus e passei logo a tesoureiro. Em 1946, inaugurou a Igreja Assembléia de Deus na Av. Goiás. Depois de ocupar vários cargos passei a ser pastor nesta Igreja em 1965. Fiquei viúvo em 1982 quando perdi minha Florentina - ficando só por 3 anos. No entanto o destino me colocou frente a frente com uma mulher, Done Emília Elias Correia, casando com ela em 1985. Dona Emília é uma boa mulher para mim e estamos felizes até esta data".

Acervo: Sílvio Pasionoti



Carteira de passe da EFSJ, de Sílvio Pasionoti

# Motociclismo: as provas de São Caetano

Márcia GALLO (\*)

**A** 7 de setembro de 1949 foi fundado o São Caetano Moto Clube, filiado à Federação Paulista de Motociclismo. Através das ações comandadas pelo clube, São Caetano do Sul pôde integrar o circuito de corridas de motocicletas.

De 1950 a 1953 São Caetano do Sul teve suas ruas centrais tomadas por numeroso público que ansiava por presenciar os mais acirrados duelos entre os grandes pilotos de motocicletas de época.

Entre eles estavam expoentes da corrida sobre duas rodas residentes na cidade.

Uma publicação especializada da época, a revista *Motociclismo*, dirigida pelo industrial Eloy Gogliano contando com Wilson Fittipaldi como responsável pela publicidade, destaca as provas de 1950 em São Caetano do Sul pela sua organização e categoria,

## As Provas

São Caetano do Sul fez parte do calendário da Federação Paulista de Motociclismo e as provas aqui realizadas somavam pontos para o Campeonato Brasileiro, que também era disputado em Interlagos, São Paulo, e na cidade de Santos.

O percurso era de rua, formando uma espécie de pista quadrangular de piso de paralelepípedos, medindo aproximadamente 2.000 m.

A largada era dada na esquina das ruas Amazonas e Baraldi, em frente ao antigo Ginásio de São Caetano, atual Instituto de Ensino de São Caetano do Sul. Saíndo da rua Baraldi, os competidores seguiam pela Rua Senador Roberto Simonsen, à época Rua Santo Antonio, subiam a Rua Joaquim Nabuco, desciam a rua Espírito Santo, seguiam pela rua Goiás, hoje avenida, desciam a rua Amazonas e iniciavam uma nova volta ao ingressar na rua Baraldi. Em algumas esquinas eram colocados fardos de alfafa para proteger pilotos e assistência, pois os acidentes eram comuns. A corrida de junho de 1950 reuniu uma multidão de cerca de vinte mil pessoas, de acordo com a Revista *Motociclismo*. A assistência era composta por famílias inteiras que

Acervo: Arnaldo Razzante



Arnaldo Razzante, na moto Guzzi 500 cc. 1ª corrida em São Caetano do Sul, válida pelo Campeonato Paulista de 1949

se aglomeravam nas calçadas, por todo o percurso, em suas roupas de domingo. Além de seu lado esportivo a corrida tinha fins filantrópicos, "pois foi cobrado um ingresso cujo resultado reverteu em benefício da construção do hospital local. A cobrança foi feita por intermédio de gentis senhoritas, de modo que nem cronista escapou..."(1)

O cronista em questão era o Sr. Edgard de Melo Pinta, também piloto de motocicletas.

Foram realizadas três provas com início pela manhã. A primeira largada, às dez horas, pontualmente, dada pelo Sr. Hugo Moradey, presidente do Piratininga Moto Clube de São Paulo, reuniu máquinas de 250 cc esporte, especiais e 350 cc esporte, contando com 11 concorrentes.

Entre os valores do esporte do Estado todo en-

contravam-se os defensores das cores do São Caetano Moto Clube, Miguel Cortini e Osvaldo Vechi, jovens moradores da cidade. Após vinte voltas, quarenta quilômetros, a participação dos sancaetenses foi notada com a classificação de Miguel Cortini que conseguiu a quarta posição da categoria 350 cc, máquinas especiais, com sua Triumph 350 cc.

A seguir, houve a prova das categorias 350 cc esporte e 250 cc esporte e especiais. Pilotos de São Paulo e Santos, famosos por sua carreira como Caio Ferreira, Edgard Soares, Osvaldo Diniz e Luiz Bezzi disputam lado a lado com os representantes de São Caetano, Oliveiros Teixeira, Arnaldo Razzante e Mario Calderaro.

Após a chamada, alinhados junto à fita de partida, os pilotos aguardavam a bandeirada de largada que, desta vez, foi dada pelo Sr. Vigário Pe. Hésio Gislimberti.

Após acirrada disputa e problemas com suas máquinas, a classificação final demonstrou o empenho dos componentes da equipe do São Caetano Moto Clube. Na categoria 350 cc esporte, o Sr. Miguel Cortini obteve o 4º lugar e o Sr. Osvaldo Vechi obteve o 5º lugar. Na categoria 250 cc esporte e especiais, o 5º lugar ficou para o Sr. Mario Calderaro, com sua moto Panther 250 cc.

A última prova do dia, nas categorias 500 cc esporte e 350 cc especiais, foi mais disputada, com 14 inscrições. Pela potência das máquinas 500 cc, com uma mecânica toda especial, esta prova contava com maior número de inscrições e com aquecimento dos novos pilotos.

Nesta prova, os novos pilotos eram Fulvio Croce e Fernando Sartori.

A largada foi dada pelo Dr. Rui Simão Pinto que, por ter notado dois concorrentes empurrando suas motos solicitou o cancelamento da mesma e o recuo das motos que largavam, para determinar nova largada, realizada após alguns minutos.

O resultado final apontou Caio Marcondes Ferreira, do Centauro Moto Clube, como vencedor, seguido por Osvaldo Diniz, Franco Bezzi, Filipe Carmona e Edgard Soares, que disputaram uma prova eletrizante.

No ano de 1953, apesar de programadas, as provas não se realizaram devido ao mau tempo.

## Idealismo no arrojado esporte

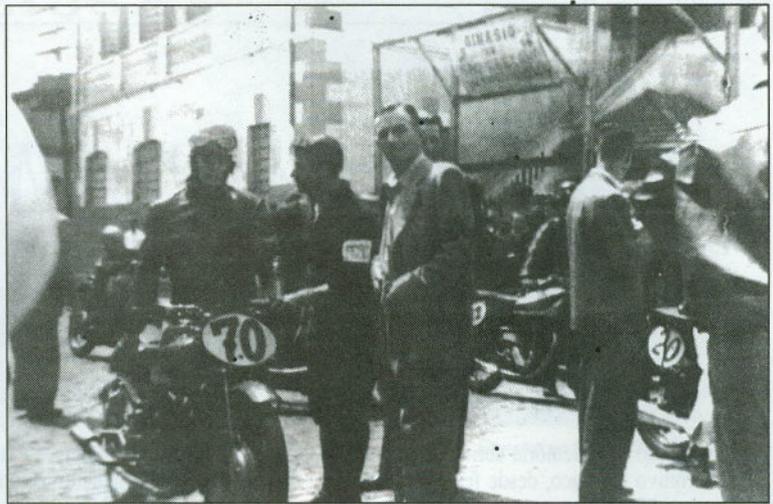
As motocicletas, bom como as peças para reposição, dependiam de importação, criando muitas dificuldades para os motociclistas e pilotos. Estas dificuldades eram observadas tanto quanto ao custo das máquinas como quanto ao custo e tempo necessário para o transporte.

“Acontece, porém, que o mal do motociclismo é a indignação: - é a carência absoluta de um mínimo de potencial econômico sem o qual não poderá viver.

A boa vontade de todos os dirigentes, da cúpula à base, por certo não será suficiente para prover a importação de máquinas de competição, ao preparo de máquinas comuns, à assistência técnica dos corredores, ao consumo de pneus, combustíveis e lubrificantes especiais, a aquisição de equipamentos, ao custeio da organização de campeonatos, e tam-

O Sr. Arnaldo Razzante já contava com a experiência de seu pai, Sr. Gustavo Razzante, em lidar com motocicletas. No início da década de 40, Gustavo adquiriu uma moto Vitoria, de origem alemã, do Sr. Nello Vacari, de São Paulo. Por ser italiano, imigrado em 1920, e devido aos conflitos da Segunda Guerra

Acervo: Arnaldo Razzante



Largada da corrida em São Caetano do Sul dada na Rua Baraldi. Arnaldo Razzante na moto, dir. Gustavo Razzante e Vaccari, 1950



Da esquerda para direita: Oliverios Teixeira, Arthur Dall' Anese e Arnaldo Razzante

bém, - e não é exagero incluir - a um mínimo de amparo ao corredor acidentado”(2)

Este é um aspecto que vale a pena destacar. O idealismo e arrojo suplantam muitas dificuldades encontradas pelos pilotos da época. A primeira dificuldade era o custo das máquinas que cada um conseguia superar a seu modo. O Sr. Arthur Dall' Anese, sagrou-se vice-campeão paulista em 1949 com uma moto Royal Enfield de 500 cc, adquirida com o dinheiro apurado na venda de um terreno. Em, 1950, com 29 anos, sagrou-se campeão brasileiro da categoria força livre, com uma Vincent 1000 cc que lhe fora cedida pela equipe, confiando em suas performances anteriores, recebendo os cumprimentos especiais de Wilson Fittipaldi. A corrida final foi disputada na pista de Interlagos, que media 8.000 m de comprimento por 18 m de largura. Era asfaltada, mas em suas bordas não havia qualquer tipo de proteção, e sim um mato cerrado; os boxes eram compostos por tábuas, formando um cubículo sem cobertura e sem portas.

A manutenção das motos antes e durante as corridas também era difícil. Geralmente, os próprios pilotos se encarregavam desta tarefa, ajudados por amigos ou familiares.

Mundial entre os países do Eixo e os Aliados, o Sr. Gustavo teve sua moto sequestrada pelo governado brasileiro, fato que ocorreu com outros italianos e alemães de São Caetano do Sul, à época pertencente a Santo André. A moto foi devolvida cerca de dois anos e meio depois.

O Sr. Mário Razzante também colaborava com seu irmão Arnaldo e cada um possuía sua moto. A fabricação variava, desde a Matchless, a Guzzi até o Vincent.

Os títulos obtidos por Arnaldo Razzante incluem o de campeão paulista em 1948, vice-campeão paulista em 1948, vice-campeão paulista em 1952, troféu de regularidade na prova 100 milhas cidade de Buenos Aires em 1953 e o 5º lugar na corrida promovida no Parque Ibirapuera pelo Centauro Moto Clube, em

1956, representando o São Caetano Moto Clube.

A casta dos corredores de moto de São Caetano incluía jovens destemidos e amantes da velocidade, como Arthur Dall' Anese, Arnaldo Razzante e Mário Calderaro, que possuía, em 1950, uma oficina mecânica na rua Santa

Catarina, aliando o trabalho ao prazer de pilotar sua moto. Sobre uma moto era possível, desde os mais, deliciosos passeios pela estrada de Santos, os acidentes graves que os tiravam das corridas até a glória de receber troféus, faixas e efusivos cumprimentos da família e dos amigos, após a vitória.

São caetano foi cenário destas emoções que, como dissemos, era compartilhada pela população, como um grande acontecimento.

(\*) Márcia Gallo, professora, coordenadora pedagógica do Liceu Di Thiene e diretora do Departamento de Educação e Cultura de São Caetano do Sul

Notas(1) Pinta, Edgard de Mello - As provas de São Caetano do Sul - in Revista Motociclismo - Ano 1 - nº 8 - maio e junho de 1950 p.2.

(2) Editorial - in Revista Motociclismo - Ano 1 - nº 08 - maio e junho - p.1.

Depoimentos Srª Irma Calderaro, Sr. Arthur Dall' Anese e Arnaldo Razzante.

Acervo: Márcia Gallo



Arthur Dall' Anese (nº71) campeão brasileiro da categoria força livre e Américo Zago (nº79)

# Fundação Pró-Memória abre acervo para pesquisadores

**A** Fundação Pró-Memória abriu sua biblioteca e arquivo histórico, desde fevereiro último, para o público em geral e pesquisadores em particular, com o objetivo de democratizar e facilitar o estudo e a pesquisa histórica sobre São Caetano do Sul. O acervo é formado por coleções de jornais, revistas, fotografias, anais da Câmara Municipal, livros, catálogos, documentos, processos, e um conjunto de material audio-visual, constituído de gravações em fitas K-7, contendo depoimentos orais de antigos moradores da cidade, e fitas de vídeo telecinadas, de filmes antigos da cidade, da década de 40 e 50.

A Fundação Pró-Memória cumpre assim, mais um de seus objetivos que é criar e organizar atividades voltadas para a preservação e divulgação da história da cidade. A procura pelos documentos históricos da cidade tem se intensificado após os festejos comemorativos dos 116 anos de São Caeta-

no, em 1993, quando mereceu atenção especial o resgate das festas populares, como a 1ª Festa Italiana de Rua, no Bairro da Fundação.

A biblioteca coloca à disposição do público, para pesquisa, uma hemeroteca formada pela seguintes coleções de jornais: São Caetano Jornal (1928-1929); Jornal de São Caetano (1946-1994); Jornal do Lar (1960-1962); O Arauto (1962-1964); Folha de São Caetano (1956-1957 e 1976-1982); Sancaetanense Jornal (1987-1994). Além destes jornais, a biblioteca conta com coleções de jornais estudantis, sindicais e classistas, desde a década de 40.

Com o objetivo de subsidiar os pesquisadores da história local, a Fundação Pró-Memória manterá uma biblioteca de apoio, com literatura sobre a história da cidade, formada por livros antigos e contemporâneos, principalmente os que integram o Projeto Editorial mantido e apoiado pela administração municipal, com cinco volumes publicados

até agora e que resgatam a história do Município através de pesquisas inéditas. A coleção completa da revista *RAÍZES*, também está à disposição para consultas.

O acervo fotográfico está em fase final de montagem com, aproximadamente, 30 mil fotos e, em breve, poderá ser consultado pelos pesquisadores que, inclusive, poderão obter reproduções fotográficas, mediante solicitação prévia.

Os anais da Câmara Municipal compreendem uma coleção de 500 volumes, abrangendo desde a 1ª legislatura até hoje. As fitas de vídeo também serão projetadas, atendendo às necessidades dos pesquisadores, mediante solicitação prévia.

*A Fundação Pró-Memória, à Av. Goiás, nº 600, térreo, Bairro Centro, atende de segunda a sexta-feiras, das 8,00 às 12,00 horas e de 13,00 às 18,00 horas.*

## MEMÓRIA

### O eixo em São Caetano

Arnaldo TREBILCOCK (\*)

**N**aquela manhã de sol, de um maio que se prenunciava ameno e alegre, nos idos da 1931, Joaquim chegara mais cedo ao serviço. Tinha acordado em seu quarto de pensão, que dividia com outro camarada, na hora de costume. Café da manhã, banho... uma olhadela no jornal confirmando o grande jogo entre o Palestra Itália e o Corinthians Paulista para o próximo domingo, no campo A.A. Palmeiras, lá pelas bandas da Ponte Grande. Saíra

de casa um pouco mais cedo e tomou o bonde, à porta do sobrado, sem nenhuma dificuldade. A porta do sobrado não era ponto de parada, mas os motoristas da Light costumavam, por mera gentileza com os trabalhadores que iam cedo às oficinas e escritórios, parar em qualquer trecho, de qualquer rua, recolhendo, com um sorridente bom dia quem acenasse. Quando era mulher o passageiro, fosse jovem sisuda ou senhora risonha, o condutor descia

à rua e dava a mão à passageira ajudando-a a galgar o estribo e acomodar-se nos bancos coletivos do bonde.

São Paulo vivia ainda dias tranquilos e operosos. Vargas, o ditador que usurpara o poder em fins do ano anterior, tinha apenas começado o grande desmonte de São Paulo, em luta contra o que ele chamava de oligarquia do café, os senhores do dinheiro; não tinha ainda se dado conta, o homem de

fronteira e nenhum de seus asseclas, tão parcos em administração e economia como qualquer coronel do Norte e Nordeste, de que a grande debacle americana de 1929 já tinha, com seus efeitos colaterais corroído, profundamente, a economia dos países ao sul do Rio Grande e de que o dinheiro dos senhores do café, paulistas ou mineiros, já havia diluído, dissolvido pelas cobranças de bancos, casas bancárias e agiotas. Muitos dos falados e vilipendiados barões do café estavam sem nenhum, muitos vivendo já fora de suas fazendas ou mansões, tentando o impossível: manter suas propriedades, relutando à entrega ao Bando do Brasil. A rua de São Paulo não tinha ainda assimilado o golpe da bancarrota dos endinheirados. A miséria chegaria às suas mesas mais tarde...

Joaquim tinha conseguido, por amigo de seu pai, um bom emprego numa indústria argentina fabricante de bombas para gasolina e equipamentos para fabricação de pão; indústria que iniciara sua instalação no Brasil de 1929 e já, em 1931, punha no mercado seu produto, conquistando rapidamente a clientela, de sul a norte. Amparada por forte capital subscrito pela matriz de Avellaneda, a indústria prosperara e sentiu a necessidade de uma administração feita por homens competentes e ativos.

Contrataram um ótimo contador e como auxiliar principal da administração um jovem brasileiro, recém-chegado da Europa, onde se tinha formado em Economia... nosso amigo Joaquim. O rapaz tinha se entrosado muito bem, tanto com os gerentes argentinos como com seus colegas brasileiros, especialmente com os operadores da fábrica, uns trinta homens capacitados e operosos.

Amizade maior o unia ao contador, italiano, e ao motorista do único caminhão da indústria. Afável e comunicativo, Joaquim criou logo um círculo de companheiros unidos e amigos. Falava fluentemente o espanhol, o que o transformou logo em principal interlocutor com os gerentes argentinos e algo como um *trait d'union* entre a diretoria e os funcionários. Falava também o italiano, o que permitiu um mais estreito relacionamento com o contador-chefe e deu-lhe o prazer de uma prolongada conversa com o dono da indústria, ítalo-argentina que visitara a filial brasileira, aproveitando o dia de permanência, no porto de Santos, do navio que o levava à Europa, em viagem de segundas núpcias...

Joaquim já era o principal funcionário da empresa, posto que galgara por méritos próprios ao desempenhar seus deveres com alacridade e competência.

Chegando antes de qualquer outro naquela manhã de maio, o rapaz, depois de abrir a porta e as janelas do escritório central, deu uma volta pela fábrica, admirando, mais uma vez, as máquinas e acessórios deixados perfeitamente limpos e em ordem pelos operários no dia anterior. Gostava, o rapaz, cuja vocação para engenheiro o levava sempre a olhar com prazer máquinas e equipamentos, de andar entre os tornos, cortadeiras, furadeiras, dobradiças e prensas, encantando-se sempre com o trabalho preciso e correto dos bons torneiros, furadores, dobradores e seus auxiliares...

Indo ao fundo da oficina, viu que mais alguém, além dele, tinha madrugado... O motorista do caminhão, seu amigo! Este também tinha ido mais cedo, propositalmente, pois tencionava dar uma regula-

gem no motor do caminhão e verificar os freios.

Joaquim chegou, cumprimentou o amigo e ficou vendo o trabalho do outro. Repentinamente, sem uma palavra, saltou a boléia e pediu ao amigo para que o deixasse tirar o caminhão do box levando-o ao corredor... O motorista mal teve tempo de gritar a Joaquim para que não movimentasse o veículo, pois ele não sabia guiar um automóvel, quanto menos um caminhão; era um caminhão leve, um Chevrolet meia-tonelada, cabeça de cavalo, importado pela General Motors completamente desmontado e remontado do distrito de São Caetano, município de São Bernardo. Não pôde o motorista evitar o pior. Joaquim com a audácia e pressa de todo jovem entusiasta, pleno de vida e ardor, já tinha dado a partida, já engatara a marcha e já saía, orgulhoso ao volante do caminhão.

Não podia ser diferente... percorreu o veículo poucos metros e, não sabendo Joaquim desviá-lo a tempo, chocou-se frontalmente com uma sólida pilastra da fábrica, estancando com um paralama amassado, um farol quebrado e... o que o motorista verificou depois, o eixo dianteiro entortado.

O desespero de Joaquim foi total. Ruiu rapidamente da euforia de guiar o caminhão para a degradação de causador de danos de monta. Sentiu no momento todo o peso de sua desgraça; levado ao conhecimento da diretoria, por dever implícito do motorista, seu desatino certamente causaria sua demissão imediata. Em 1931, não havia CLT, não havia demissão por justa causa, não havia prévio aviso... não havia nada! Havia simplesmente efeito e causa: demissão sem indenização, sem recursos a tribunais, sem referências abonadoras a futuros patrões...

Em seu desespero, o assustado rapaz sequer conseguiu balbuciar, engasgando seguidamente num espanhol rateante e medroso qualquer explicação e ouviu resignado a sentença: demissão!

Foi o amigo motorista, um homem hierarquicamente submisso a Joaquim, quem conseguiu salvar o emprego do jovem. Falou ao chefe e contornou o ato impensado do rapaz com tanta sabedoria e habilidade que convenceu o dirigente a manter Joaquim na firma, dando-lhe apenas o castigo de pagar, por desconto em salário, o custo dos consertos e a reposição do eixo torto, cujo conserto era desaconselhável por não oferecer a peça recondicionada garantia de funcionamento sem riscos.

Aceita pelo chefe a composição do assunto, foi o motorista a Joaquim comunicar o sucedido e dizer-lhe que cuidaria, no mesmo dia, de buscar um novo eixo para substituir o avariado... Alegre e aliviado, apresentou-se Joaquim ao gerente e concordou, por escrito, com o prejuízo por desconto em salário. Como o total do custo era superior a um salário inteiro, o gerente concedeu parcelar em quatro quotas mensais o desconto. Selado o acordo, Joaquim pediu ao motorista urgência na compra do eixo e conserto das avarias.

Começou então a odisséia do eixo. Percorreu o motorista várias oficinas no Brás e Móoca, mas nenhuma quis fornecer um eixo novo, tentando vender uma peça recondicionada. O homem resolveu então ir à fonte: abalou-se até a General Motors, em São Caetano, onde tentou, junto a um amigo, o fornecimento de um eixo. Nova recusa: a General Motors não podia vender peças diretamente a nin-

guém pois, por força de contratos, somente fornecia a suas distribuidoras e oficinas autorizadas, e nunca uma única peça. O motorista ficou atordoado com a recusa da fábrica, pois pensara que a montadora não iria deixar de atender um consumidor de veículos seus, correndo o risco da indústria deixar de lado o Chevrolet e passar a consumir veículos Ford. Não teve sucesso e ficou alguns instantes atônito, junto ao amigo, na portaria da GM. Foi o amigo que lhe deu a idéia salvadora. Indicou uma oficina, ou melhor um depósito, um dos tantos ferro-velhos que proliferavam já em São Caetano e onde o motorista poderia encontrar, com um pouco de sorte, um eixo intacto vindo de veículo desmanchado por avaria maior. E lá se foi o nosso homem. Chegou ao ferro velho, um bem montado depósito, coincidentemente pertencente a um espanhol... Don Pepe Barcasal Berliu, gallego de fibra e muy hombre...

De chofre, o espanhol negou a venda, alegando não ter eixo novo nenhum em estoque. O motorista voltou a São Paulo e comunicou a Joaquim o sucedido, desanimado a seguir na empreitada. Joaquim teve então um momento de ousadia e argúcia. Combinou com o motorista uma visita, juntos, ao ferro-velho, e lá foram, num sábado pela manhã, de volta a uma conversa com Don Pepe... Fazendo bom uso de seu espanhol e, mais ainda, de seus conhecimentos da região de onde Don Pepe era oriundo, estabeleceu uma linha de cordialidade com o gallego e conseguiu com boa conversa e muita adulação que o espanhol vendesse um eixo quase novo, com pouco uso, que cuidadosamente limpo e repintado com todo cuidado foi entregue dois dias depois ao motorista. Mais ainda: o paralama amassado, o farol quebrado e o tão querido eixo foram consertados, pintados e montados na oficina de Don Pepe.

Este ficou tão cativado pelo que Joaquim comentara sobre a Espanha e sua região natal que fez questão de Joaquim e o motorista compartilharem um almoço em sua casa, num domingo alegre e canoro, consistente em épica paella regada a bom vinho espanhol.

Foi assim que o eixo milagroso de São Caetano resolveu o problema de uma indústria argentina, salvou o emprego de um jovem em início de carreira e devolveu a paz a um dirigente argentino.

Qual teria sido o destino de Joaquim, do motorista e, talvez da indústria argentina, se naquela alegre semana de maio de 1931, não houvesse, no distrito de São Caetano, município de São Bernardo, Estado de São Paulo, um ... eixo?

Esta é a história de um eixo americano, pertencente a um espanhol, vendido a um português (pois o português era o motorista), pago por um brasileiro, e usado por uma indústria argentina...

(\*) Arnaldo Trebilcock, brasileiro, estudou na Europa e terminou os seus cursos numa universidade italiana. Foi redator-chefe da *Tribuna das Estâncias* e redigiu os artigos de fundo da *Tribuna Latina*. Doutor em Ciências Comerciais, atua como agente-geral para o Brasil de empresas fabricantes de maquinário e equipamento para indústrias petrolíferas, petroquímicas e farmacêuticas

# O Bloco dos Treze

Arquivo: Fundação Pró-Memória (Foto Ideal: circa 1954)



**T**odos tinham um ponto em comum: famílias humildes que foram se formando através de um trabalho árduo, difícil. Todos foram vencedores. Suas origens eram italianas: alguns, como os Garbelotto e os Braido, eram netos de fundadores da cidade; outros eram italianos, imigrantes sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, como os Ceschins e os Bortoletto, que chegaram praticamente juntos a São Caetano, fugidos da fazenda de café São Martinho, situada perto de Ribeirão Preto.

O importante é que estavam aqui, em São Caetano, bem sucedidos e felizes. E deixaram transparecer muito bem esta condição. A idéia obteve rápida aceitação: a formação do Bloco dos Treze. Entre eles, quatro irmãos Garbelotto, dois irmãos Braido e quase todos parentes entre si, como era comum no Bairro da Fundação.

e canchas de bochas. O lugar era obrigatório para as famílias de São Caetano. Seu dono anterior, o Momi, que aparece na foto, deixou seu nome gravado na cidade. Foi sucedido por Arthur Garbelotto e seus irmãos Firmino, Victorino, João e Antonio, donos da Concessionária Antártica na mesma rua 28 de julho, que mantiveram as características do recreio e incentivaram bastante as atividades.

Nesse ambiente, o Clube dos Treze foi um enorme sucesso. Socialmente, todas as sextas-feiras, eram realizados jantares do Recreio do Momi, apenas para eles, os treze. Comemoravam aniversários e se presenteavam com discursos e tudo o mais, sob a presidência de Domingos Battaglia, que exercia também as funções de orador oficial. Os aniversariantes eram por ele saudados. Uma vez por mês to-

dos se reuniam em jantar com as famílias. Esposas e filhos compareciam num ambiente familiar e descontraído. Assim comemoravam também as datas maiores, como o Natal.

O bloco nasceu informalmente por volta de 1954, aproximadamente. Não há nenhum documento ou anotação que o possa precisar. Mas, apesar da informalidade, o grupo tinha enorme força de opinião no Bairro da Fundação e vale a pena lembrar que, à época, o bairro tinha grande influência na própria vida política da cidade. A força do bairro era tida como decisória, politicamente falando.

Pois foi no Bloco dos Treze que nasceu, politicamente, Hermógenes Walter Braido, levando-o, em 1955, a candidatar-se a vereador. E, com certeza, o bairro onde morava, à rua Rio Branco, elegeu-o pela primeira vez.

Eis o famoso e ativo grupo, em foto tirada num dos jantares, no restaurante do Recreio do Momi. Em pé, da esquerda para a direita: Frugoli Lorenzini, Hermógenes Walter Braido, Heitor Manille, Amadeu Bortoletto, Victorino Garbelotti, João Marcelino Braido e Josué D'Avanzo. Sentados: Girolamo Ceschim (Momi), Domingos Bataglia, João Garbelotto, Antonio Garbelotto, Humberto Rosalino Braido e Firmino Garbelotti.

(\*) João Garbelotto, 74 anos, é neto do fundador Antonio Garbelotto. Nasceu e ainda reside no Bairro da Fundação. É sócio da Concessionária Antártica, fundada por seu pai em 1914. Estudou no Grupo Escolar Senador Fláquer

48

1 SALVO-CONDUTO Nº 242971  
Válido para uma viagem

Destino: Aparecida Norte Via: Ferrea  
Endereço no destino: Botell  
Motivo da viagem: Promessa  
Válido até 8-9-43

2. Paulo, 3 de 9 de 1943  
(Delegacia) (Data)

(Assinatura da autoridade)

2 SALVO-CONDUTO Nº 242971  
Válido para uma viagem

Destino: São Paulo Via: Ferrea  
Endereço no destino: T. Anela, PB (for Caetano)  
Motivo da viagem: promessa  
Válido até 9/9/43

Aparecida, 9 de 9 de 1943  
(Delegacia) (Data)

(Assinatura da autoridade)

## Salvo-conduto para pagar promessa (absurdos da guerra)

Gisberto GRIGOLETTO (\*)

**Q**uando o Brasil declarou guerra ao Eixo, ou seja, Alemanha, Itália, e Japão, todos os descendentes desses países, aqui radicados, foram relativamente vigiados pelas autoridades brasileiras, durante todo o

período de beligerância (1942-1945). Caso necessitassem viajar, mesmo a curta distância e por pouco tempo, eram obrigados a retirar um salvo-conduto pessoal, válido para uma só viagem. No documento deveria constar, além da fotografia e dados pessoais, também o motivo da viagem.

O salvo-conduto reproduzido pertenceu a dona Carolina Gastaldo, esposa de João Grigoletto, tradicional família de São Caetano do Sul, onde chega-

DOCUMENTOS EXIBIDOS PASSAPORTE N.º 5049

Cart. Mod. 19: \_\_\_\_\_ Cert. reg. n.º \_\_\_\_\_  
 Reg. Geral: \_\_\_\_\_ De \_\_\_\_\_

Salvo-Condato N.º 242971  
 MAIOR DE 65 ANOS

NOME DO PORTADOR (POR EXTENSO)  
**CAROLINA GASTALDO**

ASSINATURA DO PORTADOR

FILIAÇÃO  
 Pai: **GIUSEPPE GASTALDO**  
 Mãe: **MARIA GASTALDO**

NACIONALIDADE: **ITALIANA** NATURAL DE: **SILVA**

DATA DO NASCIMENTO: **13 2 1906** EST. CIVIL: **Casada** SEXO: **mulh** PROFISSÃO: **Domestica**

RESIDÊNCIA: **Rua Ferreira, 50 - S. Caetano**



ram em 1914, procedentes de Jaguari, atual Jaguariúna.

Observam-se as interferências oficiais e que ocasionaram tantos transtornos aos italianos, japoneses e alemães: a) salvo-conduto válido por uma viagem; b) no caso, para Aparecida do Norte; c) motivo de viagem: promessa. O documento foi expedido em 03 de setembro de 1943, com validade até 9 de setembro de 1943.

Nessa data, recebeu o visto e carimbo da Delegacia de Aparecida. Eram outros tempos.

(\*) Gisberto Grigoletto nasceu em 1911, em Jaguari (atual Jaguariúna). Veio para São Caetano do Sul com três anos de idade. Passou a residir em casa construída pelo pai, João Grigoletto, onde é hoje a rua Rio de Janeiro (foi a quarta casa construída no Bairro Monte Alegre). Grigoletto foi secretário e duas vezes presidente do Clube Esportivo Lázio, entre 1932 e 1936. Ainda jovem, começou a trabalhar nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Unidade Água Branca, em 1925, como mensageiro, tendo se aposentado na mesma empresa, em abril de 1967, como chefe dos escritórios da Unidade Rayon.

## Biaggio Cersosimo

**B**iaggio Cersosimo foi um dos primeiros enfermeiros que exerceu a profissão em São Caetano.

Nascido na Calábria em 1906, bem jovem imigrou para o Brasil. Após poucos anos de domicílio nesta terra, naturalizou-se brasileiro.

No início da década de 20 já residia em São Caetano. Trabalhou em diversas indústrias como operário e exerceu atividade social muito atuante. Em 1932 já participava de um dos quadros de futebol do São Caetano Esporte Clube, formando o quadro que era composto com alguns dos seguintes companheiros: Bernardinho, ex-vereador da Câmara Municipal de São Caetano do Sul; Julio Gardezani, construtor na cidade; Etalcidio Zenitzer, apelidado de Pacheco, comerciante antigo da cidade com o

Acervo: Wilma Cersosimo



Convenção Municipal, da esquerda para a direita: 1 - Embriano Paolone, 2 - Ricardo Falchero, 3 - prefeito Anacleto Campanella, 4 - Geraldo Cambaúva, 5 - Biaggio Cersosimo.



Acervo: Wilma Cersosimo

Foto tirada num restaurante de São Bernardo por ocasião da passagem do 51º aniversário de Biaggio Cersosimo, em 4 de junho de 1957. Em pé, da esquerda para a direita: 1 - Manile, 2 - Orlando, 3 - Cezar Cersosimo, 4 - Humberto, 5 - Biaggio Cersosimo, 6 - Duvílio Quaglia, 7 - (?), 8 - Joaquim, 9 - Orlando Telotti. Abaixado: 10 - Vicente Genga. Sentados: 11 - Gabriel Ramires, 12 - Braido, 13 - Maurício Daré

ramo de papelaria; Cecatto, diretor por muitos anos da Liga de Futebol do ABC; Rubens Daré, Leoni, Américo, Scartozzoni e outros mais.

Suas aptidões para a profissão de enfermeiro se revelaram na época em que trabalhava nas Indústrias Aliberti - fábrica de botões - que era de propriedade dos irmãos Guido e Aldo Aliberti. Conforme é notório, naquela época a assistência de acidentes de trabalho era muito deficiente, isto é, não havia nenhuma no próprio local de trabalho. Na Indústria Aliberti, os atendimentos sem gravidade e os curativos eram executados no local, numa pequena enfermaria. Para executar esses serviços, por determinação dos irmãos Aliberti, era indicado o Biaggio, que exercia da melhor forma que podia e dentro dos padrões da época.

Guido e Aldo Aliberti, verificando que Biaggio tinha aptidões para trabalhos de enfermaria e muita vontade de progredir, incentivaram-no a fazer um aprendizado de enfermagem prática.

muitos anos, para a Rua Santo Antonio.

Durante o período que esteve estabelecido exerceu as funções de enfermeiro, corretor de seguros e, finalmente, inspetor de seguros da companhia em que trabalhava.

Biaggio era um profundo conhecedor do serviço de enfermagem, além disso, um grande esportista. Por isso, mantinha estreitas relações com a maioria das entidades esportivas de São Caetano do Sul. Em todos os eventos esportivos, lá estava ele participando, ativamente, nas suas organizações. Socialmente, tinha um grande círculo de amizades.

Foi casado com Maria Tereza Dará Cersosimo, filha de Pedro Dará e Adélia Dará, antigos moradores desta cidade.

O casal Maria Tereza - Biaggio, teve três filhos - Waldir (falecido), Wilma e Loris.

Biaggio Cersosimo faleceu nesta cidade em 30 de março de 1980.

Bilhete de Loteria



Viagem ao Rio de Janeiro de Biaggio Cersosimo e os companheiros Nicola Perrella e Hembriani Paolone, em 1946

Biaggio Cersosimo, conforme foi dito, estava estabelecido na Rua Manoel Coelho. Como era seu costume, em todas as extrações da loteria, ariscava um palpite comprando um pedaço de bilhete. O vendedor de bilhetes sabia seus números preferidos e nas ante-vésperas da extração levava o final preferido a Biaggio.

Biaggio, todas as vezes ficava com uma ou duas frações do bilhete. Por ironia da sorte, o bilheteiro, na ante-véspera do dia da extração não pode comparecer e, Biaggio que tinha resolvido não adquirir fração alguma naquele sorteio, não se preocupou com o não comparecimento do bilheteiro.

No dia seguinte, necessitando fazer um serviço externo, chamou o seu ajudante Silvio e recomendou: "Silvio, se o bilheteiro vier trazer o bilhete de loteria que costuma trazer, diga-lhe que desta vez eu não quero ficar com nenhum número. Mesmo que ele insista não compre. Entendido? Entendido", respondeu Silvio.

Era comum o bilheteiro deixar o bilhete para posterior pagamento, ganhasse ou perdesse o comprador.

À tarde, quando o bilheteiro voltou, Silvio, com o papel na mão disse: "Seu Biaggio o homem do bilhete largou ele aí na mesa e não quis levar de volta". Antes de levar a bronca, falou: "Eu disse para ele que o senhor não queria, mas, ele não quis me ouvir e largou o bilhete na mesa e foi embora". Biaggio então lhe disse: "Já que foi assim, saia por aí, procure ele em todos os cantos que costuma ficar e devolva-lhe o bilhete. Não volte sem ter entregue para ele o bilhete". O Silvio nesse dia não voltou mais para o trabalho.

No dia da extração o bilheteiro também não foi encontrado e Biaggio não tendo outra alternativa teve que ficar com o bilhete que não queria.

Derradeiro do fato: o número do 1º prêmio da loteria foi o número do bilhete que tanto foi rejeitado por Biaggio.

Biaggio, mesmo contra sua vontade, foi premiado, podendo com o dinheiro ganho comprar nova propriedade na Rua Santo Antonio, onde pôde desenvolver melhor o seu negócio.

Mais vale quem Deus ajuda do que, quem cedo madruga (Henry Veronesi).

# Alegres lembranças

Armando LOPES (\*)

Acervo: Armando Lopes

**P**alito e Casanova, assim era o nome da dupla de humoristas que durante muitos anos levou muita alegria à garotada sulsancaetanaense.

Entre 1957 a 1963, apresentava-se, dominicalmente, no famoso programa-show Lili Mirim, que se realizava no auditório do Esporte Clube São Caetano, na época situado à Rua Perrela, gentilmente cedido para esses espetáculos.

Durante todos esses anos, Palito e Casanova não deixaram de se apresentar em nenhum espetáculo. Atuando sempre com brilhantismo, sabiam como ninguém criar situações de grande hilariedade, levando através de um humor sadio e eloquente momentos felizes e de grande festa a toda a gurizada que sempre lotava aquele auditório.

O Show Lili-Mirim apresentava crianças até 12 anos em números de canto, instrumental, balé e dublagem. O humorismo ficava a cargo de Palito e Casanova.

Mantinha sempre um bom nível artístico, pois todos os participantes eram preparados e ensaiados adequadamente.

Alfredo Pinto Varela interpretava o palhaço Palito e Oduvaldo Marat Casanova o palhaço Casanova.

Ambos não moravam em São Caetano, mas faziam desta a sua cidade, aqui trabalhavam e passavam a maior parte do tempo. Tinham grande amor pela arte e por esta cidade. Os dois sempre com entusiasmo cuidavam de todos os detalhes da apresentação apesar do estafante trabalho de preparação do espetáculo: ensaios, roteiro, som, cenários, etc.

Nada ganhavam por esse trabalho, mesmo porque dos expectadores nada se cobrava, mas tinham grande prazer em proporcionar os alegres momentos a toda a garotada do bairro, que adorava os seus palhaços queridos. Como a maioria dos artistas nesse campo, Palito e Casanova quase nunca ensaiavam, apenas momentos antes da encenação falavam sobre o esquete que iam apresentar, comentavam rapidamente: início, meio e desfecho e pronto, lá iam eles.

Grande número de garotos daquele tempo,



Palito (de bengala) e Casanova ladeando o famoso humorista da TV, Chocolate, que tinha grande consideração pelos dois. Chocolate sempre, que solicitado, vinha prestigiar a dupla nas apresentações nos palcos de São Caetano. A foto foi feita nos bastidores do teatro Sagrada Família (Cine Aquários) que tinha excelentes acomodações e foi o melhor e mais completo teatro da cidade.

adultos de hoje, deve lembrar com saudades desses dois ilustres cidadãos que muito se dedicaram por nossa cidade, pois além da participação artística muito também contribuíram em movimentos culturais e assistenciais realizados.

Se houvesse uma galeria dos amigos e benfeitores da cidade, sem dúvida alguma, Palito e Casanova mereciam com todo o carinho e consideração tomar parte, juntamente com todos aqueles que batalhavam por São Caetano do Sul.

Alfredo Pinto Varela (Palito) e Oduvaldo Marat Casanova, (Casanova), já não estão mais entre nós.

(\*) Armando Lopes, jornalista, dirigiu o semanário O Arouto do Pentágono; ex-presidente da Associação dos Moradores do Bairro Fundação, e animador do programa Show Lili-Mirim, em São Caetano do Sul, na década de 60

# Na foto de 1961. As recordações de Jerônimo Della Coleta

Jerônimo Della COLETA (\*)



51

**E**sta é uma foto de policiais militares da antiga 2ª Companhia do 10º Batalhão Policial, antigamente localizada na rua Rio Grande do Sul, onde hoje está a agência matriz do Banespa, em São Caetano, e comandada pelo então capitão Juventino Borges (atual coronel reformado).

Nesta foto de 1961, aparecem os componentes de uma turma, na seguinte ordem, da esquerda para a direita: sargento Reinaldo, soldados: Borges, João Cestafo, (?) encoberto, Inácio, Dorly, França, Antonio Dias e Jerônimo Della Coleta. Além desta turma havia uma outra, que trabalhava das 13:00 às 19:00 horas, sendo que a turma que aparece na foto trabalhava das 7:00 às 13:00 horas.

A casa que aparece na foto era localizada na esquina das ruas Baraldi e Rio Grande do Sul, onde atualmente se localiza uma casa comercial especializada na venda de colchões; aos fundos aparece também o prédio onde era a loja de eletrodomésti-

cos dos irmãos Del'Rey, na Rua Baraldi, nº 1005, onde atualmente funciona o IJ16

Cartório de Notas. Nessa época, a delegacia de polícia também funcionava no prédio onde hoje está o Hotel Imperial, onde também funcionou a Prefeitura Municipal de São Caetano até 1953.

O tráfego era intenso neste local, devido aos Ônibus procedentes de Mauá e Santo André, que saíam da estreita Av. Goiás, desciam a Rua Rio Grande do Sul até a João Pessoa, entravam à esquerda na Av. Conde Francisco Matarazzo, e entravam na Rua Alagoas a caminho do Ipiranga em São Paulo. Um outro local, que era um posto importante de policiamento, era na estação ferroviária, na passagem de nível havia as antigas porteiras, depois instalaram as cancelas que fechavam automaticamente ao som parecido com um sino. Quando as cancelas fechavam para os trens, o tráfego ficava interrompido, o guarda de serviço no local desviava

o mesmo no sentido para a Rua Conselheiro Antonio Prado e viaduto dos Autonomistas, e assim que as cancelas se abriam, o tráfego retomava a passagem de nível sobre os trilhos na Av. Francisco Matarazzo.

Outros postos onde eram destacados até 3 policiais era na antiga Av. Goiás (muito estreita) por ser a principal via de ligação entre São Paulo e Santo André. Os guardas trabalhavam a pé e de bicicleta, da rua Manoel Coelho até o clube da General Motors.

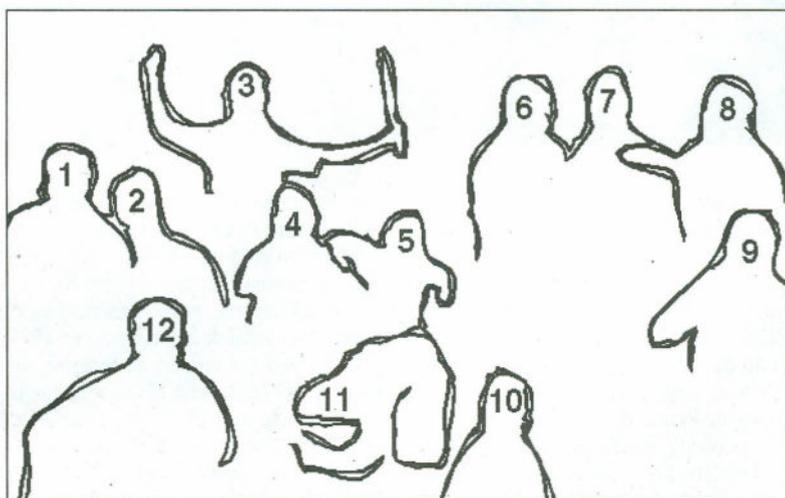
E no cruzamento com a rua José Paolone funcionava um semáforo manual.

(\*) Jerônimo Della Coleta foi guarda de Trânsito em São Caetano, como soldado da antiga Força Pública, atual Polícia Militar, no período de 1958 a 1964 e funcionário do Banco do Brasil, agência de São Caetano, de 1964 a 1980, data em que foi aposentado

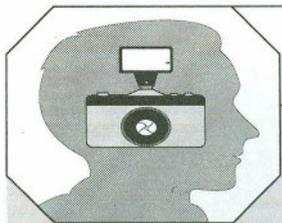
# Francisco Garcia, o Paco

Acervo: Fundação Pró-Memória

**F**rancisco Garcia, o Paco, espanhol de Cáceres (Estremadura), veio para São Caetano, em 1915. Tinha 20 anos. Em 1930, instalou a Adega do Paco, à rua Alagoas, no local em que hoje funciona a Padaria das Famílias. A cantina tornou-se logo ponto de encontro, graças à excelência do vinho servido. Paco buscava a bebida em Louveira, no Sítio Frediani, produto de bom nome. Vendia 1.200 litros em média, a cada mês, além de refrigerantes e cervejas. Eram várias cartolas de vinho tinto e branco: a qualidade era garantida pelo sistema italiano de produção, quando as uvas eram esmagadas com os pés. Assim o tipo italiano era certeza absoluta de boas vendas. De dois em dois meses, Garcia alugava um caminhão do carvoeiro Paredes e, pela velha estrada de terra São Paulo - Campinas, ia até o sítio de Aurélio Frediani, que contava 60 mil pés de uvas, para abastecer sua adega. Só trazia cartolas de 200 litros. Quando não eram revendidas diretamente, eram engarrafadas para o pronto abastecimento da fiel freguesia. Os clientes eram tão exigentes que, vez ou outra, obrigavam Paco a levá-los para uma verificação junto ao produtor. A qualidade do vinho era provada através de generosa degustação, como mostra a fotografia (batida por Valdemar Fâmula), em 1933. Do bom espanhol, que servia um vinho tipo italiano e proporcionava aos fiéis clientes a rara oportunidade de provar e fiscalizar a produção, restaram boas lembranças. Paco manteve a cantina e as viagens até 1954, ano em que faleceu (Texto de Oscar Garbelotto, segundo relato de Oswaldo Garcia, o Paquito, e Humberto Ferrari).



1) José Giardullo, 2) Victório Dal' Mas, 3) Valdir Fâmula, 4) Jacinto Paradas, 5) (?), 6) Francisco Garcia (Paco), 7) Aurélio Frediani, 8) David Cucato, 9) João Vamondes, 10) Aurélio Frediano Filho, 11) José de Oliveira Lima e 12) Pompeu Andreucci



# MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

Acervo: Fundação Pró-Memória



O Monte Alegre Futebol Clube nasceu, em 1917, à rua Minas Gerais (hoje José Benediti), numa reunião convocada por um grupo de rapazes do bairro que se formava para que escolhesse o nome do time que estava nascendo. O nome Monte Alegre foi escolhido devido a uma pequena elevação, na época, longe do povoado, e que ficava para os lados do Bairro Fundação. Ficou sendo Alegre porque os italianos e espanhóis costumavam ir do monte até o centro despovoado, cantando velhas canções com bastante alegria. O Monte Alegre Futebol Clube em 1925: da esqueda para a direita, na primeira fila em pé: (de terno) Carlos Pierim, presidente, Felipe (Tiririca), Jaime Martim, José Gallo, Isaias Polido, Luiz Alcova, Fernando Rieira (de terno), Alberto Grigoletto (de terno); segunda fila, ajoelhados, José Martins, Paulo Zanella, Gabriel Ramires; terceira fila, sentados, Miguel Panariello, Eliseu Villa ( o Gordo), e José Pierim (Doação: Isaias Polido; texto colhido de João Grigoletto Júnior).

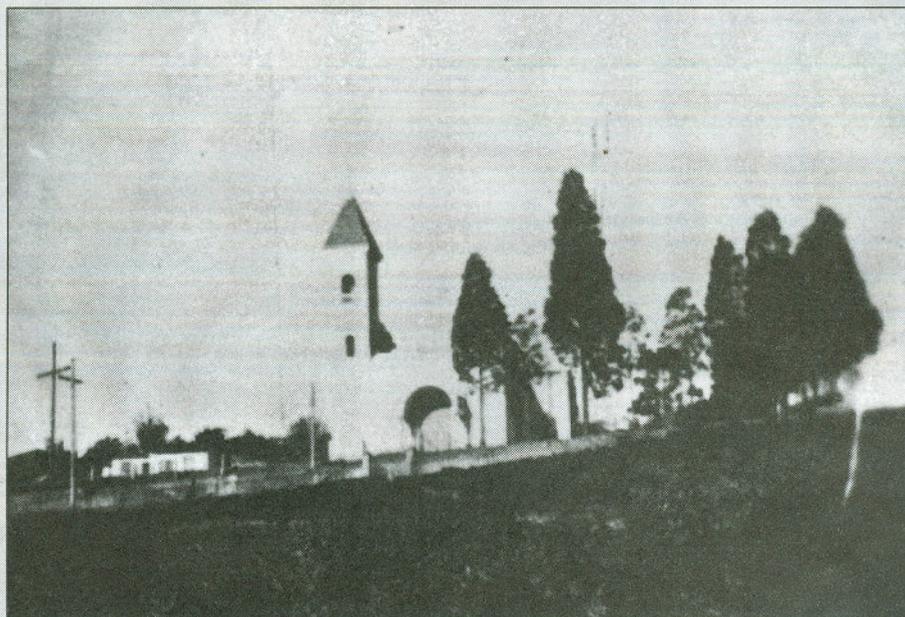
Acervo: Fundação Pró-Memória



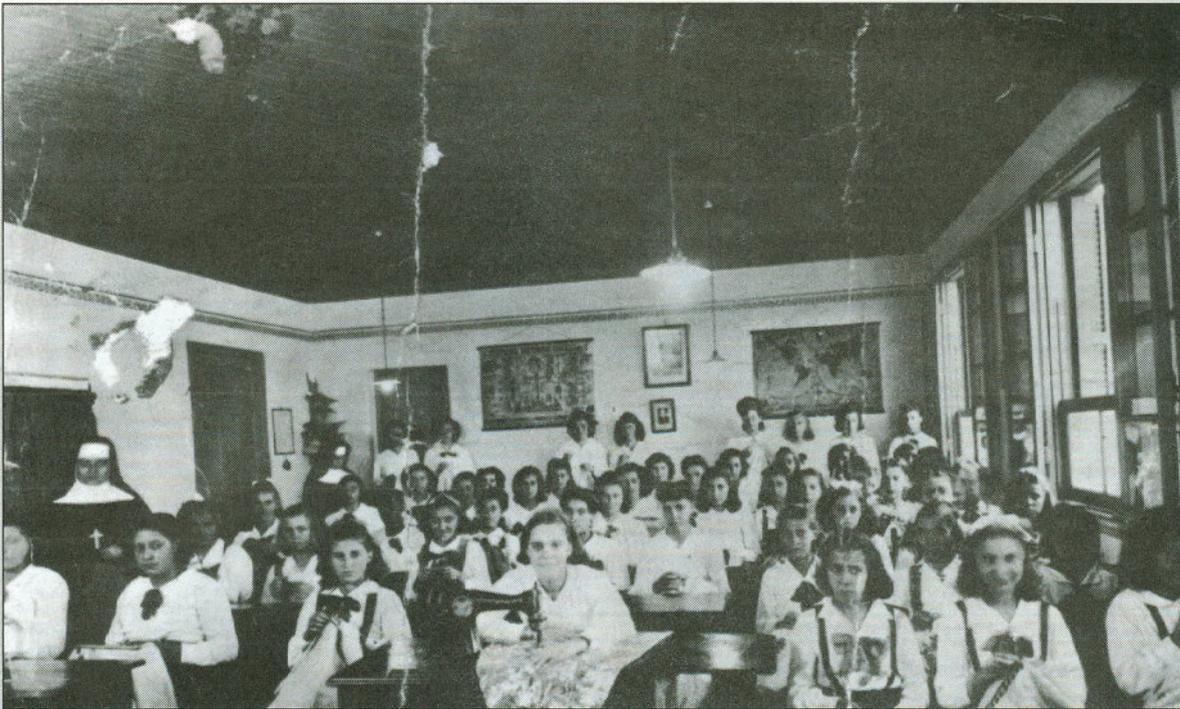
A foto, de 1945, mostra a rua Joaquim Nabuco, próxima à esquina da rua Roberto Simonsen. No local, existia a chácara do sr. Francisco Sanches, que criava vacas e vendia o leite para os moradores próximos. À esquerda da foto, aparece o prédio da antiga farmácia de João Cambaúva (atualmente, é a alfaiataria do Totó). As pessoas que aparecem agachados são (da esquerda para a direita) Francisco Corbaccio e Humberto Ferrari; em pé, a sra. Josefa Sanches e seu neto. No chão, os caldeirões utilizados para o transporte do leite (doação: Humberto Ferrari).



A EEPG Dom Benedito Paulo Alves de Souza em 1953. A escola foi criada em 24 de outubro de 1936, quando São Caetano ainda era distrito de São Bernardo. Funcionou na Avenida Goiás, nº 121, com o nome de Grupo Escolar de Vila Barcelona. A partir de 1939 passou a ser jurisdicionada ao Município de Santo André, distrito de São Caetano. Em janeiro de 1949, após a autonomia de São Caetano, passou a pertencer ao Município e, em maio de 1949, teve o nome alterado para o Grupo Escolar Dom Benedito Paulo Alves de Souza. Em outubro de 1951, passou a funcionar à rua Oriente, s/n, Vila Barcelona. Em fevereiro de 1953, ocupou um prédio municipal no atual endereço (rua Martins Francisco, 177, Bairro Santa Paula). Foi reformado, ampliado, e reinaugurado em 13 de agosto de 1981. Texto e foto: Maria Aparecida Vieira Torres



Igreja Nossa Senhora da Candelária em 1954. Segundo o professor José de Souza Martins, a Igreja da Candelária está localizada onde antigamente existia a cruz dos beneditinos, um marco referencial colocado no córrego Utinga, para assinalar os limites da fazenda São Caetano com seus vizinhos do Bairro São Caetano, que constituíam realidades sociais e econômicas diferentes, embora ocupassem espaços contíguos. A primeira capela foi construída em 1923, e as missas eram realizadas uma vez por mês pelo padre Alexandre Grigoli. Depois da capela primitiva, uma igreja maior foi construída em 1953 e, em 1954, foi transformada em paróquia com as missas passando a ser celebradas todos os domingos (doação: Ana Maria Machado).



O Externato Santo Antônio desde que se instalou na cidade, em 1930, marcou suas atividades na educação e na formação de jovens. Além de formação escolar, variados cursos eram ministrados, particularmente para as moças, preocupadas, à época, com habilidades que as colocariam no centro de um lar. A foto mostra uma aula de bordados ministrada pelas freiras Dionísia (à frente) e Ignes, em 1942. O prédio do externato ainda era situado à rua Manoel Coelho, esquina com a Avenida Conde Francisco Matarazzo. Como se pode observar, a procura e a freqüência de tais cursos eram muito grandes, a ponto de lotar a classe... Outros tempos, com certeza. A doadora da foto, Wilma Garbelotti Vick, uma das alunas, está bem atrás da mesa com a máquina de costura da primeira fila.



Abramo Cavassani e sua família aparecem junto à motocicleta na fotografia feita por volta de 1946. Abramo pertenceu ao corpo cênico do São Caetano Esporte Clube durante longo período. Eram famosas suas aparições como Papai Noel nas comemorações natalinas promovidas pelo São Caetano Esporte Clube. Na foto, ao lado direito de Abramo, aparecem sua esposa, Malfissa Cavassani, e a filha de uma vizinha. Do lado esquerdo, as filhas do casal, Neida e Eda Cavassani. O local da foto é a rua Herculano de Freitas próxima à esquina da rua Luigi D'Agostini, no Bairro Fundação.



*Primeira Câmara Municipal de São Caetano do Sul, com os vereadores e suplentes. Estava instalada em prédio da rua João Pessoa. Da esquerda para a direita (fila superior): 1 - Luiz Rodrigues Neves, 2 - Giacomo Garbelotto Neto, 3 - Olga Montanari de Mello, 4 - Antonio M. Rodrigues, 5 - Prefeito Angelo Rafael Pellegrino, 6 - Jacob João Lorenzini, 7 - Acácio Novaes, 8 - Armino Ortega Martins, 9 - Paulo Gonçalves Pereira, 10 - Lauriston Garcia; (fila inferior) 11 - José Orlando, 12 - Concetto Constantino, 13 - Jordano P.S. Vincenzi, 14 - Oswaldo Bisquolo, 15 - Arlindo Marquetti, 16- José Lopes Filho, 17 - Antonio B. da Silva, 18 - Oswaldo Samuel Massei.*

Acervo: Fundação Pró-Memória



*Em 1943, a General Motors do Brasil estava engajada na economia de guerra, devido aos conflitos na Europa, e havia suspenso a produção normal de veículos. Passou a produzir apenas veículos militares para o Exército Brasileiro. Em 1946, a montagem de veículos do pós-guerra voltou ao normal, sendo retomados os projetos dos ônibus, a fabricação das baterias Delco, dos refrigeradores Frigidaire, e a montagem dos automóveis Chevrolet Opel, Vauxhall e Olimpia. Todos em processo CKD, ou seja, recebiam as peças do exterior, e fazia-se a montagem na fábrica em São Caetano. Na foto, de 1949, aparece a Seção de Projetos e Desenhos, do Departamento de Engenharia de Veículos da General Motors do Brasil, em São Caetano do Sul.*



Acervo: Fundação Pró-Memória



Doação de um terreno da Prefeitura de São Caetano para a construção do Instituto Nossa Senhora da Glória, (atual prédio da FEC), em foto de 1952. Trata-se da primeira Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul situada à Rua Baraldi, esquina com Rio Grande do Sul. Da esquerda para a direita: (em pé) 1 - Otávio Tegão, 2 - Concetto Constantino, 3 - Prefeito Ângelo Rafael Pellegrino, 4 - Benedito de Moura Branco, 5 - Daniel Giardullo, 6 - Calazans de Campos, 7 - José Benedetti. Sentadas: Irmã Julieta - Congregação das Irmãs Clarissas Franciscanas, vereadora Olga Montanari de Mello, Irma (?).

57

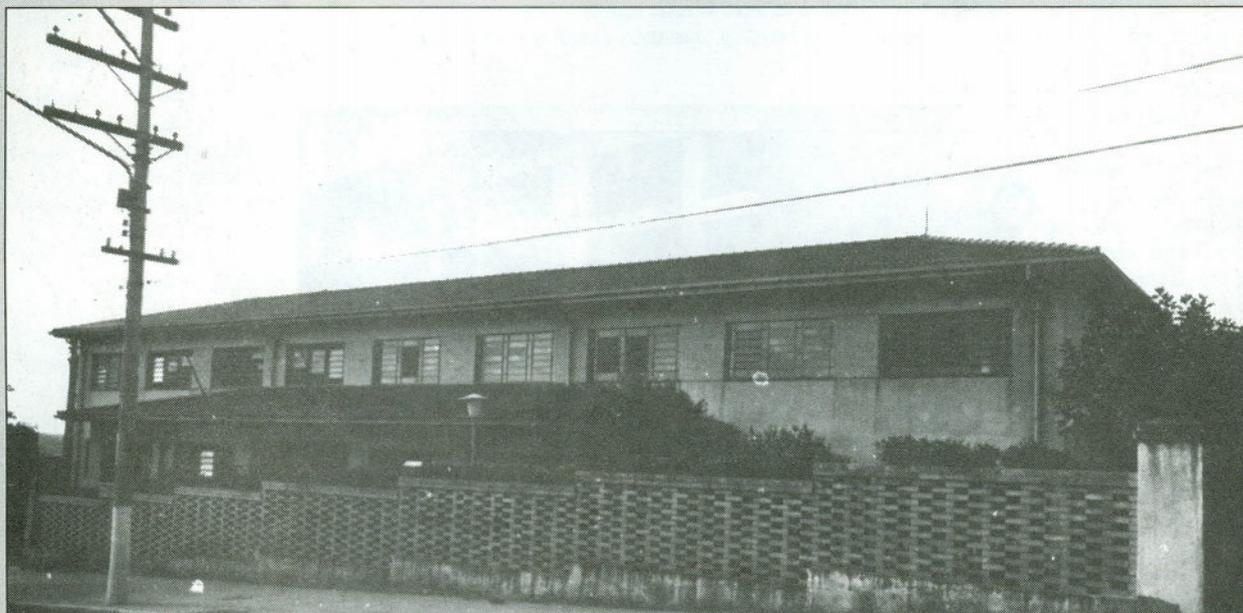
Acervo: Fundação Pró-Memória



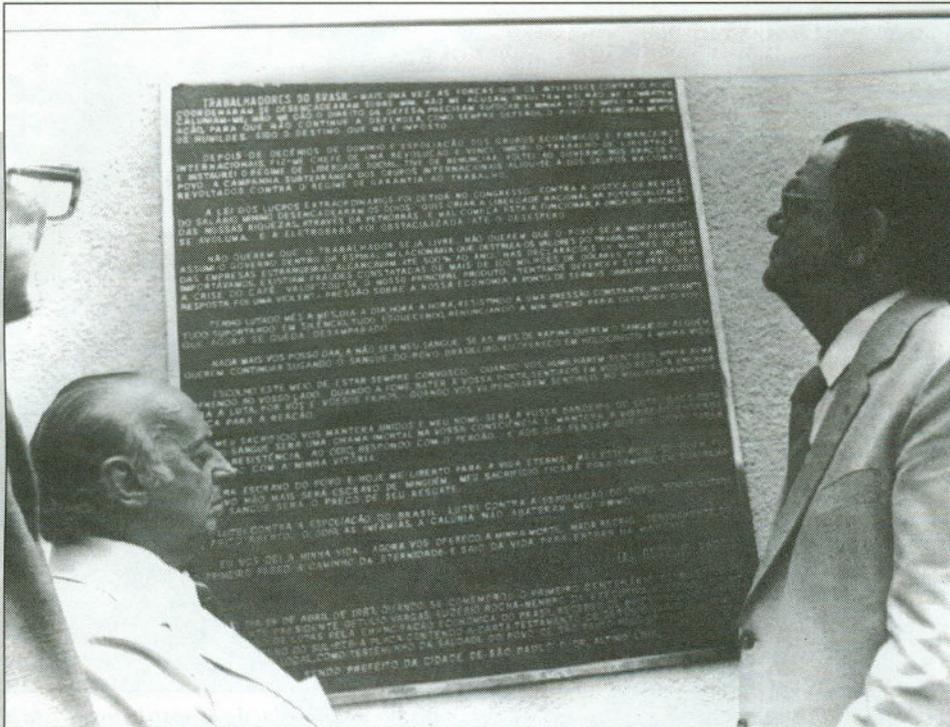
Primeiras ambulâncias do Serviço de Assistência da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, durante a primeira administração da cidade, após a autonomia, gestão do prefeito Ângelo Rafael Pellegrino (1949-1953). O Serviço de Assistência funcionava nos fundos do prédio da primeira Prefeitura, na esquina das ruas Baraldi e Rio Grande do Sul, com saída pela Rio Grande do Sul.



*Durante as festas do 86º aniversário de São Caetano do Sul, em 1963, a Comissão Municipal de Festejos organizou um programa de espetáculos denominado Noites Brasileiras, que consistia na apresentação, durante o mês de julho, de espetáculos de música popular brasileira na Concha Acústica, do Jardim Primeiro de Maio. Na foto, de 24 de julho de 1963, aparece a Escola de Samba Nenê de Vila Matilde, de São Paulo.*



*O Grupo Escolar Roberto Simonsen foi inaugurado em 18 de fevereiro de 1956 em homenagem à data natalícia do senador Roberto Simonsen. O prédio foi construído pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul na Estrada das Lágrimas, 531, em terreno doado pela Cerâmica São Caetano S/A. Além do terreno, a Cerâmica São Caetano doou também todo material de construção por ela fabricado. Atualmente, naquele prédio funciona o COPI (Centro de Orientação Prático-Industrial) órgão ligado ao Depec (Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de São Caetano). A foto é de cerca 1975.*



No dia 19 de abril de 1983, quando se comemorou o primeiro centenário de nascimento do presidente Getúlio Vargas, Euzébio Rocha, membro da executiva nacional do PDT, recebeu de Walter Braido, prefeito de São Caetano do Sul, placa contendo a Carta-Testamento de Getúlio Vargas, que mandou fixar na Câmara Municipal de São Paulo, como testemunho da saudade do povo paulista pelo grande estadista.

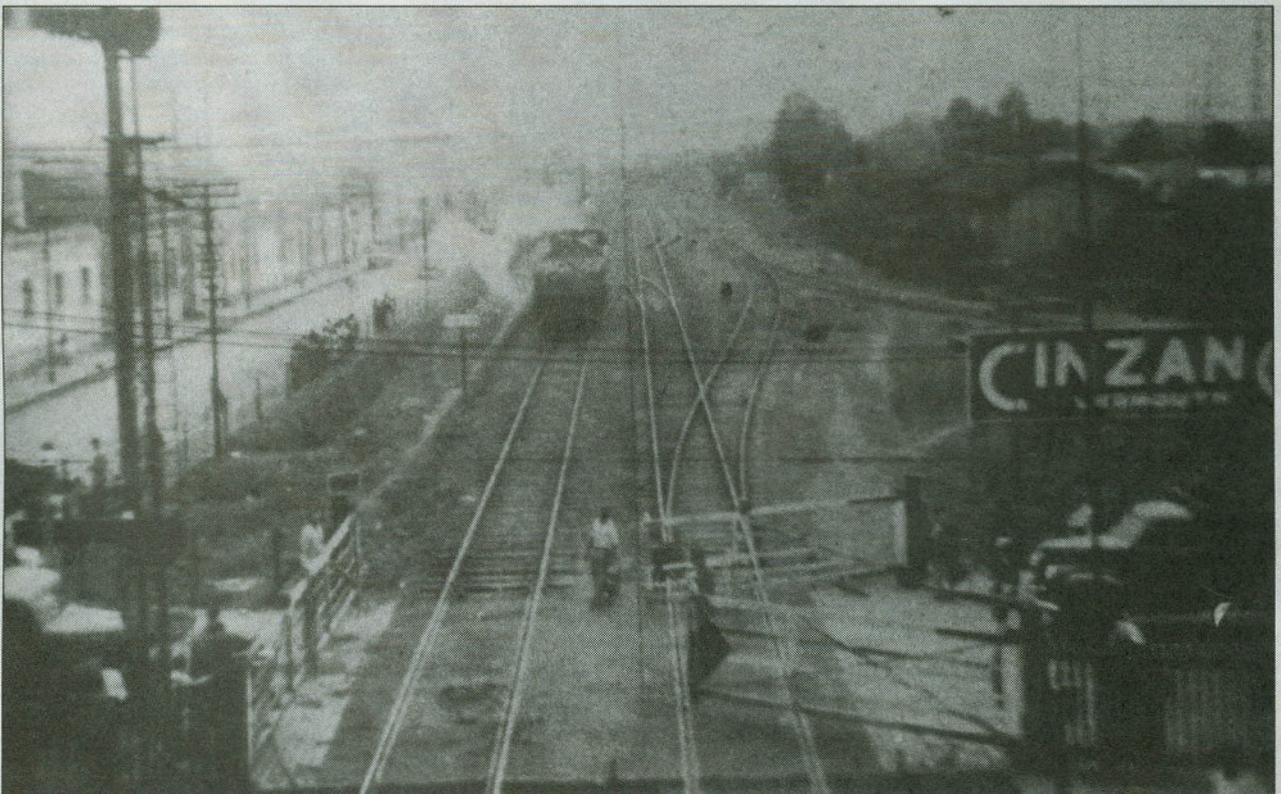


Foto (década de 40) das antigas porteiras da estação ferroviária de São Caetano do Sul. A fotografia foi tirada do pontilhão de ferro que cruzava os trilhos da estrada, e que foi utilizado até meados da década de 70, quando foi substituído pela passagem de nível subterrânea. À direita, aparecem as casas dos ferroviários da SPR (São Paulo Railways), que ainda existem, e à esquerda, o casario baixo do extinto trecho da rua Conselheiro Antonio Prado, que corria paralelo aos trilhos.



Amparo, 21/9/1932

Estou passando  
bem.

Abraço-te, bem  
como à Maria e a  
Nêê e picote, que  
cumprimentes os ami-  
gos que por mim se  
interessarem

Ilmo. Sr.

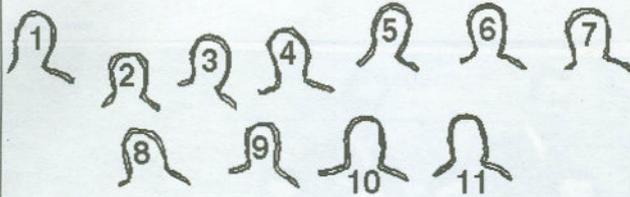
Jose Giardullo

S. Caetano

Acervo: Fundação Pró-Memória



O calor cívico da Revolução Constitucionalista de 1932 atingiu também São Caetano. Muitos jovens daqui se alistaram e seguiram para a linha de guerra. Daniel Giardullo foi um deles. Daniel Giardullo, anos mais tarde, foi o primeiro Diretor da Fazenda da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, com participação importante no primeiro governo autônomo, no governo de Ângelo Rafael Pellegrino. Posteriormente, manteve, até o seu falecimento, escritório de assuntos contábeis em salas situadas no prédio do Cine Max. Atuou também na política local com destaque. No verso da foto, Daniel Giardullo escrevia ao irmão José, em São Caetano.



*O alegre bairro - talvez pelo próprio ambiente festivo - denominou-se Monte Alegre. Seus jovens reuniam-se para esportes e lazer. O Clube Monte Alegre era o ponto principal. Na foto cedida por Martim Gil, aparece um desses significativos grupos. 1 - (?), 02 - Regino Gil, 03 - Merenciano Garcia, 04 - (?), 05 - Agostinho Panunzio, 06 - Antenor Alonso, 07 - Domingos Salate, 08 - Gregório Gil, 09 - Cláudio Wamondes, 10 - (?), 11 - Luiz Fernandes.*

Acervo: Fundação Pró-Memória



*Foto de 25 de abril de 1959. Nessa noite, foi realizado, no auditório do salão paroquial Padre Alexandre, junto à Igreja Sagrada Família, um concerto sinfônico que alcançou grande sucesso. Os cenários foram construídos pelo sr. Ulrico Gentille, e a iluminação esteve a cargo do sr. Israel Pan, tudo sob a coordenação do padre Ezio Gislimberti. A atração da noite foi a atuação da maestrina italiana Gianella de Marco, de apenas 14 anos, que regeu o concerto e a ópera Cavalleria Rusticana, de Pietro Mascagni. No flagrante, a maestrina Gianella de Marco, regendo o coral e a orquestra.*



Foto de 1945: esquina das ruas Goitacazes e Monte Alegre. Em frente do armazém de secos e molhados, que aparece ao fundo, está localizado, hoje, o edifício João Nicolau Braido. As pessoas que aparecem na foto pertencem à família Bertani (que veio de Novo Horizonte, Estado de São Paulo, para São Caetano em 1941). Em pé, da esquerda para a direita: as irmãs Idalina Bertani, Laura Bertani e Mercedes Bertani. Sentada, a sra. Maria Bertani, mãe das moças.



Coral da Igreja Matriz Sagrada Família, sob a direção do Sr. Mário Previatto, em 1940. Da esquerda para a direita (de cima para baixo): 1ª fila: 1 - Sebastião Cordieri, 2 - Israel Perrela, 3 - (?). 2ª fila: 1 - Agostinho Silva, 2 - Antonio Gallio, 3 - Otávio Montini, 4 - José Borges, 5 - Carmine Perrela, 6 - Argemiro Previatto, 7 - Edvarado Ferrero, 8 - Antonio Ferrari, 9 - Elias Fazani, 10 - Mário Previatto. 3ª fila: 1 - Hugo Tozatto, 2 - Mario Jorge Montini. 4ª fila: 1 - Sílvia Novaes, 2 - Fany Scartozoni, 3 - Dirce Brancalhona, 4 - Pascoalina Rocco, 5 - Hilda Cavana, 6 - Olatde Ferrari, 7 - Otilia Cavana, 8 - Aparecida Perego, 9 - Angela Dall'Anese, 10 - Helena Ferrari, 11 - Luzia D'Agostini, 12 - Josefina Choridge, 13 - Eneida Gallozzi. 5ª fila: 1 - Padre Ezio, 2 - Padre Alexandre, 3 - Padre Artur, 4 - Padre Luciano, 5 - Acácio Montini.



*Da esquerda para a direita: 1 - (?), 2 - Walter Andrade, 3 - Olga Montanari de Mello, 4 - Daniel Giardullo, 5 - Benedito de Moura Branco, 6 - Ângelo Rafael Pellegrino, 7 - Concetto Constantino, 8 - José Bonifácio de Carvalho. A foto, de 7 de abril de 1950, mostra a solenidade de inauguração do Grupo Escolar Sílvio Romero, junto à entrada principal do prédio onde existia um Mapa do Brasil em alto relevo. Atualmente, funciona no local a EEPSG Sílvio Romero em novo prédio, construído na década de 80.*



*Olaria da família Perrela, fundada em 1888. Suas atividades foram encerradas em 1945. Localizava-se à atual rua Maximiliano Lorenzini entre as ruas Araraquara e Pedro Alexandrino, no Bairro Fundação. Eram seus proprietários os Srs. Nicolau Perrela e Antonio Perrela. A foto é de 1936, e a criança é Ronaldo Perrela, neto de Nicolau Perrela, e filho de João Domingos Perrela Neto e Irene Moretti Perrela. Aos fundos da foto, aparece a Vila Bela, pertencente ao Município de São Paulo.*

